

ARYCURANA



CONSTANTINO JOSÉ GOMES DE SOUZA

apresentação, notas e organização: moisés santos souza

Arycurana

Constantino José Gomes de Souza

Arycurana



Sumário

Capítulo I.....	23
Capítulo II.....	30
Capítulo III.....	43
Capítulo IV.....	53
Capítulo V.....	65
Capítulo VI.....	77
Capítulo VII.....	93
Capítulo VIII.....	106
Capítulo IX.....	121
Capítulo X.....	134
Capítulo XI.....	147
Capítulo XII.....	160
Capítulo XIII.....	171
Capítulo XIV.....	179
Capítulo XV.....	191
Capítulo XVI.....	201
Capítulo XVII.....	208
Capítulo XVIII.....	215
Capítulo XIX.....	222
Capítulo XX.....	229
Fontes originais dos capítulos.....	235
Referências.....	239

Nota sobre essa edição

Os vinte capítulos do romance *Arycurana* de Constantino Gomes de Souza (1825-1877), foram publicados como folhetim no periódico fluminense “*Semana Ilustrada*”, entre as edições dos meses de novembro de 1874 e junho de 1875. Foi dedicado a João Cardoso de Menezes e Souza, então presidente do Conservatório Dramático. Este romance, assim como o romance “*O Grumete*” (1873/1874), nunca veio a público no formato livro. Assim, esta é a primeira edição em um período de quase 150 anos da publicação original em folhetim. O estabelecimento do texto foi a partir do material disponibilizado digitalmente pela Biblioteca Nacional e respeitou, sempre que possível, as características expressivas do autor.

O presente volume, atualiza a ortografia e a grafia de palavras, introduz o travessão nos diálogos entre o discurso direto do personagem e o relato do narrador e vice-versa. Apresenta também notas explicativas de eventual dado histórico ou geográfico, termos, palavras, expressões e personalidades mencionadas na composição do romance, além de um texto a título de posfácio, uma cronologia da vida e obra de Constantino e as referências originais dos capítulos.

Estância (SE), julho e agosto de 2023.

Moisés Santos Souza

Apresentação¹

Moisés Santos Souza²

1 – Perfil biográfico e literário do autor

Constantino José Gomes de Souza escreveu cinco romances entre 1871 e 1877. Dois em edição livro e outros três publicados em folhetins. *Constantino romancista* pode ser considerada a terceira fase do escritor. As duas primeiras foram dedicadas, respectivamente, a poesia (1845-1851) e a dramaturgia (1856-1869). Sobre essas obras literárias, falaremos mais tarde.

Constantino ainda é, infelizmente, um escritor não conhecido do grande público, nem mesmo em Sergipe, sua terra natal. O pouco que sabemos a respeito do escritor sergipano, ainda se restringe a pouquíssimos ambientes da academia e a esporádicos perfis publicados em jornais. A sua obra continua não sendo lida e devidamente estudada, mesmo Constantino tendo publicado seus livros nos principais jornais e círculos literários de sua época, além de ter convivido com importantes artistas, escritores e intelectuais do século XIX como José de Alencar (1829-1877), Machado de Assis (1839-1908), Joaquim Manuel de

1O texto de apresentação é uma adaptação de dois artigos publicados nos periódicos de Aracaju/SE: *Jornal da Cidade* e *Jornal do Dia*, edições dos dias 20-22 de janeiro de 2021 e 21 de novembro de 2023.

2Professor. Graduado em História Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Macedo (1820-1882), João Caetano dos Santos (1808-1863), Francisco de Paula Brito (1809-1861), entre outros. Muitos, inclusive, foram colegas de Constantino no Conservatório Dramático e em tipografias diversas.

Nascido na povoação de Estância, província de Sergipe, em 18 de setembro de 1825, Constantino era filho de José Maria Gomes de Souza e Maria Joanna da Conceição³. Sabe-se que teve alguns irmãos: o também poeta José Maria Gomes de Souza (1839-1894) e Bráz Gomes de Souza, a quem dedica a este último um poema de 6 estrofes intitulado “A morte de meu irmão”, em 1868⁴. A pequena, porém agitada povoação de sua infância e adolescência, estava em uma efervescente vida cultural e política, além de um rápido crescimento entre os núcleos urbanos existentes em Sergipe da primeira metade do século XIX. Em um ínterim de pouco mais de vinte anos, Estância passa de povoação para Vila Constitucional em 1831 e elevada a categoria de cidade em 1848. Nela foi fundado o primeiro jornal de Sergipe, o “Recopilador Sergipano”, em 1832. É nesse tempo que Constantino teve a oportunidade de estudar as primeiras letras e lições de latim com importantes personalidades da província como o professor Joaquim Maurício Cardoso (1808-1869) e o padre-mestre Raymundo de Campos e Silveira (1808-1852).

Outros dados da sua infância e adolescência como também da vida adulta são desconhecidas e assim vai

3As datas de nascimento e morte dos pais de Constantino são desconhecidas, como também a de nascimento do irmão Bráz Gomes.

4 A morte de meu irmão. *Semana Illustrada*. Rio de Janeiro, Anno XIII, n. 669, 05 out. 1873. p. 5351.

permanecer, infelizmente, pois há poucos dados em documentação, mas sabemos pelos seus biógrafos que aos 19 anos, em 1844, Constantino transfere-se para Salvador e matricula-se na Faculdade de Medicina da Bahia⁵. No tempo que fica nesta província até o ano de 1849, ele publica seus primeiros versos e colabora em alguns periódicos, como “O Atheneu” e a “A Épocha Litterária”. Este último, classificado como um jornal de cunho “científico, literário, histórico e de bellas-artes”, fora impresso na tipografia do famoso livreiro baiano Carlos Pongetti. Neste jornal, Constantino além de colaborar, era seu diretor.

A partir de 1851, já formado e morando no Rio de Janeiro exerce a dupla função de médico e escritor. Durante alguns anos clinica na capital do Império e nas cidades fluminenses das ricas e escravocratas fazendas de café: Macacu, Paraíba do Sul, Valença e Vassouras. Apesar do prestígio de importante ofício da área de saúde, tem preferência aos exercidos pelas letras, como vai se verificar em mais de vinte anos de vida no Rio de Janeiro. Na capital do Império, ele vai exercer as funções de redator, censor teatral, dramaturgo e romancista, além de escrever e publicar grande parte de sua obra literária: diversas poesias esparsas nos jornais; uma dezena de dramas destacando-se “O Espectro da Floresta” (1856), “A filha

5Os biógrafos que o texto remete são: Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) no *Supplemento ao Anno Biográfico*, de 1880; Sacramento Blake (1827-1903) no segundo volume do *Diccionario Biobiographico Brasileiro*, de 1883; Sílvia Romero (1851-1914) no volume I do *Parnaso Sergipano*, de 1904; Liberato Bittencourt (1869-1948) em *Brasileiros Illustres – Sergipanos Illustres*, de 1913; e Manuel Armindo Cordeiro Guaraná (1848-1924) em *Diccionario bio-biográfico sergipano*, de 1925.

do salineiro”(1860), “O enfeitado” (1860) e os romances “O desengano” (1871), “A filha sem mãe” (1873), “O grumete” (1873/1874), “Arycurana” (1874/1875) e “O cego” (1877/1878).

Sobre o drama de três atos “O enfeitado”, representado pelo famoso ator João Caetano dos Santos, a Revista Popular na seção “Crônica da Quinzena” escrita por Carlos José do Rosário (1824-1885), noticia a apresentação cênica em ocasião dos festejos de aniversário dos 35 anos do Imperador Dom Pedro II (1825-1891):

“Em S. Pedro festejou-se o aniversário natalício de S.M. o Imperador com o drama original brasileiro O enfeitado, e uma alegoria intitulada A união do Império.

O autor do drama, o Sr. Dr. Constantino José Gomes de Souza, ficou satisfeito com o acolhimento que teve a sua composição: em parte fizeram-lhe justiça, pois que o trabalho não é de todo imperfeito.”⁶

Os dramas “O Espectro da Floresta” e “A filha do salineiro” também foram representadas pelo ator carioca e sua companhia teatral no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro. O conjunto desses dramas fizeram com que o membro do Arquivo Nacional, Chichorro da Gama, em livro intitulado “Os fundadores do Theatro Nacional”, figurasse Constantino como um dos importantes autores da dramaturgia do romantismo brasileiro, juntamente com Martins Pena (1815-1848), José de Alencar, Gonçalves de

⁶Revista Popular. Tomo VIII. Rio de Janeiro: Garnier, 1860. p. 382.

Magalhães (1811-1882), França Júnior (1838-1890), entre outros.⁷

A partir dos anos 1870, o romance – gênero literário de grande fôlego – dá início a uma nova fase na obra do escritor sergipano. Aponta alguns biógrafos que Constantino aventurou-se nessa seara “com distinção”. O primeiro, de título *O Desengano*, foi um romance elogiado e que deu certo prestígio a Constantino nos jornais e círculos literários de sua época. Ambientado na Estância de meados do século XIX e tendo como pano de fundo a epidemia do Cólera Morbo que assolava a cidade, a história narra a trajetória do protagonista, o devasso e libertino Matheus, desde o crime que se envolve na juventude e a paixão por Adelaide na maturidade, filha da sua suposta vítima. Esse romance, foi fruto da experiência médica de Gomes de Souza quando tinha sido designado para colaborar no tratamento dos enfermos, vítimas da epidemia em Sergipe, no intervalo dos anos 1855 a 1857.

Ainda sobre esse romance, o periódico “O Apóstolo” na seção Noticiário, coloca:

“LITERATURA – Acaba de ser publicado um romance original com o título DESENGANO, pelo Sr. Dr. Constantino Gomes de Souza, cujo nome é honrosamente conhecido entre os cultores das letras pátrias.

O trecho do romance além de bonito é nacional, bem desenvolvido: contém episódios tão bellos, de tanta elevação, que sustentam a reputação litterária do distincto escriptor.”⁸

7GAMA, A. C. Chichorro da. *Os fundadores do Theatro Nacional – Notícias e excerpitos*. São Paulo: Nova Era, 1924. p. 8.

8*O Apóstolo*. Rio de Janeiro, anno VI, n. 36, 03 set. 1871. p. 288.

O romance *A filha sem mãe* retrata, por sua vez, alguns “quadros e cenas tristíssimas da escravidão” nas províncias da Bahia e Rio de Janeiro⁹. Lido pelo autor em um círculo de homens de letras, foi recebido com alarde por alguns periódicos do Rio de Janeiro como também fora desta província. O jornal O Pelicano, de Belém do Pará, publica nota:

“Lê-se na República: ‘O sr. dr. Constantino Gomes de Souza, já conhecido nas letras brasileiras por várias produções, concluiu um romance em dois volumes com o título ‘Filha sem mãe’.

Dentro em pouco deve ser dado à estampa, e então ocuparemos detidamente do seu mérito literário.’”¹⁰

Os três romances seguintes foram publicados de forma seriada nas revistas “Semana Ilustrada” e “A Ilustração Brasileira”, de propriedade do caricaturista alemão Henrique Fleiuss (1824-1882). O Grumete e Arycurana foram dedicados a alguns membros do Conservatório Dramático, incluindo o presidente da instituição.

Como colaborador e redator na capital do Império, vale ressaltar a presença de Constantino em 1861 na direção da revista semanal literária “A Grinalda”, impressa na tipografia de propriedade de Francisco de Paula Brito.

⁹*Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, anno XIII, n. 659. 27 jul. 1873. p. 5271.

¹⁰O Pelicano. Bélem, 22 de agosto de 1872. In: SILVA, Jeniffer Yara Jesus da. O Pelicano: Práticas de leitura de um jornal maçônico oitocentista. *Revista Falas Breves*, Breves, PA, n. 8, p. 70, maio 2020.

Esse fato é relevante, pois como afirma o crítico Luís Augusto Fischer, Paula Brito “reunia intelectuais e escritores, oferecendo em sua loja um raro ponto de encontro cultural na cidade”.¹¹

Os últimos anos de vida do escritor foram de dificuldades. O “homem robusto e alto, inteiramente descuidado de si”, seduziu-se pelos vícios do jogo que o reduziu à extrema pobreza. Vítima de congestão pulmonar, Constantino foi encontrado sem vida na noite de domingo, dia 02 de setembro de 1877, pelos médicos Francisco Bonifácio de Abreu¹², o Barão da Vila da Barra (1819-1887) e Ramos da Costa, no segundo andar de casa n. 34 da rua da Conceição, no centro do Rio de Janeiro¹³. Foi sepultado, naquele mesmo ano, no cemitério da corte, o São João Batista¹⁴.

Sobre a morte, o jornal *Ilustração Brasileira* de 15 de setembro de 1877, lamenta a perda do seu colaborador:

“A Ilustração Brasileira tem de lamentar a perda de um dos seus colaboradores. No dia 2 do corrente à noite faleceu, vítima de uma congestão pulmonar, o distinto autor do romance cuja publicação encetamos e continuamos na nossa folha.

11FISCHER, Luís Augusto. Pequena Biografia de Machado de Assis. In: ASSIS, Machado de. *Esauí e Jacó*. Porto Alegre: L&PM, 2011. p. 15.

12O político, médico e poeta baiano Francisco Bonifácio de Abreu, era um velho conhecido e provável amigo de Constantino no tempo que este escrevia no “Crepúsculo” e “Atheneu” em Salvador. Os dicionários de Sacramento Blake e Manuel Armindo Guaraná informam que Gomes de Souza publicou uma crítica literária a respeito do romance em verso “Palmira ou a ceguinha brasileira” do poeta baiano em 1845.

13*Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, anno 56, n. 246, 04 set. 1877. p. 3.

14*Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, anno 67. n. 240, 05 set. 1877. p.

O Dr. Constantino era dotado de rara intelligencia e tinha se distinguido como poeta e dramaturgo. Como romancista deixou o Desengano, A filha sem mãe e o Cego, que os leitores da Illustração terão apreciado e hão de apreciar devidamente.

A imprensa foi unanime em deplorar a sentida morte de um dos ornamentos da litteratura patria e ella une-se de todo o coração a Illustração Brasileira.”¹⁵

2 – Arycurana, um romance-folhetim indianista

Arycurana foi o quarto romance escrito por Constantino e pertence a corrente indianista do romantismo brasileiro, mesmo gênero das obras alencarianas *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). Filia-se a elas na forma e no conteúdo, principalmente em forjar uma identidade nacional a partir da idealização do nativo indígena.

Os vinte capítulos do romance Arycurana foram publicados como folhetim no periódico fluminense *Semana Illustrada*, entre as edições dos meses de novembro de 1874 e junho de 1875. Foi dedicado à João Cardoso de Menezes e Souza (1827-1915) que, como informa o periódico, era o então “presidente do Conservatório Dramático e altamente colocado na política do Império”.¹⁶

Abrangendo dezenove personagens denominadas e outras anônimas, Arycurana narra a trajetória da

15O Dr. Constantino Gomes de Souza. *Illustração Brasileira*. Rio de Janeiro, anno II, n. 30, 15 set. 1877. p. 94.

16*Semana Illustrada*. Rio de Janeiro, anno XIV, n. 727, 15 nov. 1874. p. 5810.

personagem título e a disputa pelo amor da encantadora índia tupinambá pelos jovens “guerreiros e valentes” Jukerianana e Borapitinga, respectivamente, filhos dos caciques Sergipe e Muribeca. A disputa de ambos pela jovem provoca a rivalidade entre as aldeias indígenas que é interrompida pela invasão do território sergipano por tropas portuguesas comandadas pelo conquistador Cristóvão de Barros.

Narrado em terceira pessoa, à exceção do primeiro capítulo, onde o autor reserva comentários ufanos ao território brasileiro e elogiosos a política do Visconde do Rio Branco (1819-1880), o romance mistura personagens históricos com outros fictícios e remonta aos acontecimentos das “guerras de conquista” do território de Sergipe em fins do século XVI, além da conversão de índios ao catolicismo, por imposição do domínio português.

“Conquista de Sergipe” é o termo cunhado pela história oficial para denominar o que é, na verdade, uma série de extremas violências físicas e étnicas contra as populações nativas em terras sergipanas, a partir do uso de aprisionamentos, escravização e assassinatos dos povos indígenas, mas precisamente, com a chegada da expedição chefiada por Cristóvão de Barros em 1590.

O romance coloca em suas páginas essas violências, mas do mesmo modo que é colocado na historiografia oficial, o massacre de 1590 foi tratado como um processo essencial de integração do território sergipano e dos silvícolas no projeto de “progresso” e “civilização” nos moldes da colonização portuguesa. Isso

fica claramente demonstrado no tratamento dado pelo autor, no capítulo VIII do romance, ao militar português Cristóvão de Barros, visto como “apaziguador”, o homem responsável em estabelecer “a paz e a concórdia” entre os índios. Vejamos, como exemplo, estes trechos:

“Chegando em 1590 ao conhecimento do governo provisório as frequentes, ou antes, as contínuas desavenças e guerras em que viviam as tribos sergipanas entre si, deliberou-se Cristóvão de Barros a seguir para aquele sertão com o fim de apaziguar aquele povo selvagem¹⁷.” (...) “Cristóvão de Barros, vendo a heroica intrepidez daqueles filhos sublimes da natureza, não consentiu que se lhes disparasse um tiro ao menos. Nobre, generoso e magnânimo, admirava o valor daquele povo primitivo e, se o hostilizava, era profundamente constrangido e por não poder deixar de obedecer a imperiosa necessidade de inculcar-lhe no espírito a ideia de um Deus verdadeiro e apontar-lhe por meio do Evangelho a estrada do progresso e da civilização.”¹⁸

Os caciques indígenas Seregipe e Siriri, respectivamente, o tio e o pai da fictícia Arycurana, mesmo tratados com certa brandura pelo autor do romance e ganhando por este adjetivos como “heroicos e valentes tupinambás”, na resistência ao fronte português, são vistos como “selvagens” e “hostis” na maioria da narrativa, assim como também outros indígenas históricos como os caciques Japarutuba, Pacatuba e, em especial,

17SOUZA, Constantino José Gomes de. Arycurana. In: *Semana Illustrada*. Rio de Janeiro, anno XV, n. 739, 07 fev. 1875. p. 5906).

18Ibid., In: *Semana Illustrada*. Rio de Janeiro, anno XV, n. 740, 14 fev. 1875. p. 5919).

Muribeca, este último, transformado no grande vilão do romance. Em oposição ao tratamento dado ao colonizador português, vejamos como é descrito o tupinambá Muribeca pelo romancista:

“Muribeca, dotado de caráter covarde, traiçoeiro e invejoso, entretinha com Seregipe e Siriri relações aparentemente amistosas; aparentemente, porque na realidade era ele o mais encarniçado de ambos pela inveja que lhes tinha.”¹⁹

Tomando os valores, significados e regras da sociedade de sua época como padrão para caracterizar e julgar as sociedades indígenas, o romancista Constantino Gomes vai além no etnocentrismo, principalmente na descrição e caracterização dos personagens nativos quando colocados em oposição aos personagens de origem portuguesa. Isso fica muito evidente no romance, ao descrever o sacerdote da religiosidade tupinambá (o pajé) em comparação ao da religião cristã (o frei). O primeiro é adjetivado por “charlatão” em diversas passagens do folhetim e também eivado de vilania em suas atitudes. O segundo, batizado por frei Gil e um “digno emulo de Anchieta”, é nominado pelo autor por “virtuoso, sábio e venerando sacerdote”. Após terminada a guerra e já mortos os caciques Seregipe, Siriri e Muribeca, a protagonista Arycurana, já convertida ao catolicismo, ao tentar convencer o amado primo Jukeriorana para seguir no mesmo caminho que ela, assim fala do Frei Gil:

19Ibid., In: Semana Illustrada. Rio de Janeiro, anno XIV, n. 728, 22 nov. 1874. p. 5819.

*“Frei Gil, o sacerdote dos emboabas é um virtuoso varão (...) porém a palavra de frei Gil é tão doce, o que ele diz entra tão fundo no coração da gente, que eu, Iramaia e todos os nossos irmãos, em poucos dias, não queríamos ouvir senão a palavra do santo emboaba.”*²⁰

O romance Arycurana não foge a regra dos classificados como indianistas. As figuras da heroína e do herói de Arycurana são corajosos, belos e valentes, possuem valores nobres e morais e são realizadores de grandes feitos, além de passarem por enormes provações de caráter. Existe à evasão temporal, pois remete ao período da origem da colonização do Brasil com franca apologia ao colonizador português. Poetiza o modo de vida dos gentios, construindo um retrato dos costumes e crenças desses povos, a partir do olhar “pesadamente ideológico” da interpretação do processo colonial da época do autor.

No que tange aos aspectos que classifica o romance como folhetim – além de aparecer no rodapé dos jornais, em fatias e capítulos seriados – , ele apresenta intriga simples, seus heróis e vilões são bastante tipificados, maniqueístas e há existência de velhas fórmulas repletas de constantes lutas, vinganças, ódios, ciúmes, expressões exageradas e estados febris.

Por fim, em meio a tudo ao que foi colocado aqui, pode-se dizer que o romance Arycurana, no caudal de

20 Ibid., In: Semana Illustrada. Rio de Janeiro, anno XV, n. 756, 06 jun. 1875. p. 5642-5643.

folhetim histórico, gênero que segundo Marlyse Meyer foi “aquele que para muitos de nós fez as vezes da verdadeira história”²¹, deve ser lido dado a imensa importância histórica-literária, sendo mais um representativo da geração de obras do romantismo brasileiro. Devemos também levar em conta, que Arycurana e o conjunto da obra de Constantino Gomes de Souza tem o mérito, para muitos, de ser a pedra fundamental da literatura entre os sergipanos²². É fundamental que a leitura a esse e a outros romances de Constantino Gomes sejam resgatados na nossa história literária, para que possam ser devidamente lidos e estudados, além de continuar a entreter leitores, que era um dos propósitos originais dos nossos folhetins.

21MEYER, Marlyse. *Folhetim, uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 67.

22No fim do século XIX e início do XX essa foi uma opinião corrente entre intelectuais sergipanos, especialmente, Sílvio Romero, Lima Júnior e Prado Sampaio. Sobre o assunto, Jackson da Silva Lima, em *História da Literatura Sergipana*, comenta que “a figura de Constantino Gomes é marcante sob todos os ângulos e sua obra é significativa”, contudo, “não nos autoriza a vincular a ele o surgimento da literatura sergipana, (...) muito antes, há trabalhos poéticos de autores diversos, inéditos ou expressos em jornais.” In: LIMA, Jackson da Silva. *História da Literatura Sergipana*. 2. ed. Aracaju/SE: Editora SEDUC, 2022. p. 49-50.

Cronologia

1825. *18 de setembro*: Nasce na povoação de Estância, província de Sergipe, Constantino José Gomes de Souza.

Infância/adolescência. Constantino frequenta, em Estância, as aulas de Primeiras Letras do professor Joaquim Maurício Cardoso (1808-1869) e tem lições de latim com o padre-mestre Raymundo Campos da Silveira (1808-1852).

1839. *15 de março*: Nasce em Estância o irmão de Constantino, José Maria Gomes de Souza (1839-1894). José Maria foi poeta, jornalista, farmacêutico e professor. É considerado o “pai do condoreirismo poético” em Sergipe.

1844. Constantino desloca-se para a Bahia e frequenta curso na antiga Faculdade de Medicina, em Salvador.

1845. *2 de Agosto*: No periódico baiano “Crepúsculo”, Constantino publica o poema “Alfeno e Clorinda”. Durante os anos que tem estadia em Salvador e neste mesmo periódico, ele publica também a fábula “A rosa e as flores murcham”; os poemas “A voz da consciência” e “O escravo” e a ode poética “A consolação”.

1848. Constantino Gomes publica seu primeiro livro de poesias, *Prelúdios Poéticos*”.

1849. Constantino dirige o periódico baiano “A Época Literária”, jornal de cunho “científico, literário, histórico e de belas artes”.

- No periódico "O Atheneu", é publicado uma crítica literária de autoria de Constantino, sobre o romance em verso "Palmira ou a ceguinha brasileira" de Francisco Bonifácio de Abreu (1819-1887).

- Constantino transfere seu curso de medicina para a cidade do Rio de Janeiro.

1850. Colaboração no jornal "A marmota na corte".

1851. No Rio, Constantino publica o livro de poesias "Os Hinos de Minha Alma".

- O escritor conclui, na faculdade da Corte, seu curso de medicina.

1853. Confere o grau de doutor, após dois anos da conclusão do curso de medicina, com a defesa da sua tese "Quais são as causas da morte súbita?"

1855. Constantino é designado para Estância para colaborar no tratamento de enfermos, vítimas da cólera. Permanecerá na província de Sergipe até 1857.

1856. Constantino fica encarregado para o serviço de quarentena do porto da cidade de Estância e do tratamento dos coléricos na Vila de Santa Luzia do Itanh.

- Publicado no Rio de Janeiro a peça "O Espectro da Floresta", de autoria de Constantino. Em julho, a peça é encenada no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio.

1857. Publica o drama "Pobre filho de artista".

1859. Publica o drama “Gonzaga”.

1860. Publicado no Rio, os dramas de Constantino “A filha do salineiro”, “O enjeitado”, “Os ladrões titulares” e “O libertino”. Neste mesmo ano, as peças A filha do salineiro e O enjeitado são representadas pelo famoso ator João Caetano dos Santos (1808-1863), no Teatro São Pedro de Alcântara.

- *Junho*: Nomeado médico dos teatros de São Pedro e Santa Teresa.

1861. Colabora e dirige a revista semanal, literária e recreativa “A Grinalda”.

- *Março*: Publicada pela tipografia de Francisco de Paula Brito (1809-1861) a peça de Constantino, “Os três companheiros de infância”.

1868.

- *Outubro*: Publica o poema intitulado “A morte do meu irmão”, dedicado ao irmão Braz Gomes de Souza.

1869. Escreve e publica a peça “Vingança por vingança”.

1871. Publicação do romance “O desengano” pela Tipografia do Apóstolo.

1873. Constantino presta serviço médico a guarnição da Corte.

- *27 de julho*: Começa a ser publicado em folhetim o romance “O Grumete”, no periódico “Semana Ilustrada”

de propriedade do caricaturista alemão Henrique Fleiuss (1824-1882).

- Publicação do primeiro volume do romance “A filha sem mãe”.

1874. *Março*: Por motivo de doença, Constantino interrompe a publicação do romance “O grumete”.

- *7 de junho*: Termina a publicação de “O grumete”.

- *15 de novembro*: Começa a publicação em folhetim do romance “Arycurana”, no semanário “Semana Ilustrada”.

1875. *13 de junho*: Termina no “Semana Ilustrada” a publicação de “Arycurana”.

1877. *1 de julho*: Começa a ser publicado no periódico “Ilustração Brasileira”, o romance “O Cego”.

- *2 de setembro*: Constantino falece no Rio de Janeiro, aos 51 anos.

1878. *abril*: Última edição da Ilustração Brasileira e do folhetim “O Cego”.

Fomos obsequiados pelo Illm. Sr. Dr. Constantino Gomes de Souza com um romance brasileiro para o nosso folhetim. O distinto autor, bastante conhecido pelos romances Filha sem mãe e Grumete, que foi escrito (como o novo romance que hoje encetamos) especialmente para as colunas deste pequenino periódico (que agora vai entrar no décimo quinto ano de sua existência), intitulou o seu romance: Arycurana e dedicou-o ao Exm. Sr. Conselheiro João Cardoso de Menezes e Souza, presidente do Conservatório Dramático e altamente colocado na política do Império²³.

Não precisamos elogiar nem o autor nem o romance; os nossos leitores bem depressa apreciarão não só o estilo como o conteúdo dessa publicação que farão jus ao elevado mérito literário do autor, bastante conhecido e laureado no mundo das belas letras.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XIV, n. 727.

15 de novembro de 1874. p. 5810.

23João Cardoso de Menezes e Souza (1827-1915), foi um poeta, jornalista, professor e político brasileiro. Exerceu também a função de censor teatral e presidiu o Conservatório Dramático. Em 1883, recebeu o título de Barão de Paranapiacaba.

Capítulo I

SERGIPE

Salve! Ó terra de inexcedíveis encantos e primores!
Estrela refulgente, que ao lado das tuas formosas irmãs
abrilhantas o diadema sublime, que exorna a fronte do
grande império do Cruzeiro!

Sergipe, bem aventurada mansão na verdadeira
liberdade, salve!

Foi no teu seio que a minha boa mãe, toda extremos
de amor, embalou o meu pobre berço ao som das canções
religiosas, que ela entoava a Deus ao esplêndido clarão de
um sol da eterna primavera e às grandiosas harmonias que
pejam as tuas abençoadas solidões.

Berço imortal do mais magnânimo, do mais valente
e do mais desditoso cacique da tribo tupinambá²⁴, Sergipe,
berço glorioso da formosa Arycurana e do heroico
Jukeriorana, três vezes salve!

Glória ao poderoso chefe dos tupinambás, esse
Catão²⁵ selvagem, de quem herdaste o nome e que tão
amigo foi da liberdade que, como herói romano, ao ver
escravizada a terra em que nascera, preferiu morrer livre e

²⁴Tupinambá: etnia de indígenas que habitavam regiões da costa brasileira, inclusive Sergipe, por volta do século XVI.

²⁵Referência a Marco Pórcio Catão (234 a.C. – 149 a.C.), político, militar e escritor romano. Cônsul da República Romana em 195 a.C. e Censor em 184 a.C. Ficou conhecido como Catão, o Velho.

grande a estender os seus pulsos de bronze aos ferros do cativo!

Glória, finalmente, aquele que antes quis trocar a terra do berço pelas *montanhas azuis* em que foi viver no gozo da liberdade suprema e absoluta, ao lado de Tupã²⁶, o deus da sua adoração.

O onipotente, ao fazer das entranhas do caos surgir a natureza esplendidamente coroada de planetas, entornou em teu regaço voluptuosamente casto o cofre inexaurível das suas maravilhas, para que pudesses mais tarde ostentar o infinito esplendor da sua onipotência.

Brilhantes e grandiosos são os teus destinos, como grandiosos e brilhantes são os destinos deste colosso americano, que entre nações do mundo não encontra rival na grandeza, na pompa e na opulência de que o dotara a natureza.

Nação nenhuma tem até hoje, como ele, no mais breve período de tempo (cinquenta e dois anos apenas) crescido e medrado tanto, que seguramente, antes de completar um século de existência, será talvez uma das primeiras, se não a primeira potência da terra.

Além da superabundância de vida que lhe palpita nas grandes artérias, arde no coração do povo brasileiro o fogo sagrado do mais profundo patriotismo e no seu cérebro lampeja²⁷ a mais poderosa e brilhante inteligência.

26Entidade da mitologia tupi-guarani. Tupã é uma manifestação divina na forma do som de um trovão.

27Brilhar, resplandecer, clarear.

Graças ao sábio e virtuoso príncipe²⁸, que a Providência constituiu árbitro supremo dos destinos deste vasto Império, vai o Brasil, de olhos fitos no auspicioso porvir que o aguarda, trilhando a passos largos a estrada sempre tortuosa e difícil do progresso e da civilização.

E o seu governo, qualquer que seja, conservador, liberal, progressista, tendo sempre em mira unicamente o bem geral do país, e inspirado por um dos mais nobres sentimentos humanos, senão pelo mais sublime de todos eles: o amor da pátria, procura empenhadamente utilizar todos os grandes elementos de força disseminados pelas diversas camadas sociais, sem distinção de classe e nascimento, atendendo unicamente ao mérito real de cada indivíduo, qualquer que seja a sua origem.

Nenhum governo, porém, podemos afirmá-lo sem medo de errar, leva as lampas²⁹ ao conservador nesse sentimento de verdadeiro liberalismo,³⁰ porque nenhum tem até hoje procurado estudar seriamente e compreender a fundo as verdadeiras tendências políticas e as condições sociais do Brasil, como o partido conservador³¹,

28Referência a Dom Pedro II (1825-1891), segundo e último imperador do Brasil entre os anos de 1840-1889.

29Brilho intenso ou excessivo; fulgurar.

30Corrente filosófica, política e moral baseada na liberdade e na igualdade perante a lei.

31 Partido político brasileiro da época do Império e rival do partido liberal. Teve existência entre os anos de 1836 e 1889 e tinha como membros, grandes proprietários de terras, ricos comerciantes e altos funcionários do governo.

especialmente o gabinete de 7 de março, de que é mui digno presidente o Sr. Visconde do Rio Branco³².

Foi a poderosa vontade desse grande vulto, o maior vulto incontestavelmente que, nestes últimos tempos, se tem sentado nas duas casas do parlamento brasileiro e nos conselhos da coroa, que o grande Império da Santa Cruz deveu a mais brilhante e gloriosa página da sua história.

Foi ao fogo sagrado do seu patriotismo que se derreteram para sempre as duras algemas que apremavam os pulsos a uma grande parte de brasileiros; foi ao seu titânico esforço que a liberdade alcançou o mais belo, o mais esplêndido, o mais sublime dos seus gloriosos triunfos, abençoados por Deus.

Foi, finalmente, pelos heroicos esforços desse titã da política brasileira, que nós nos erguemos à maior altura possível no conceito das mais civilizadas nações da Europa, como nação civilizada.

É... Coisa singular!... Enquanto os conservadores que, evidentemente são, em que o queiram negar, os verdadeiros sustentáculos das instituições altamente liberais do nosso país, trabalhavam afanosa e heroicamente por extirpar o hediondo cancro que afeiava o rosto formoso do gigante americano, os famosos sonhadores de utopias, esses falsos sacerdotes da liberdade, desejavam a conservação do

32 José Maria da Silva Paranhos (1819-1880), o Visconde do Rio Branco, foi um militar, diplomata, professor e influente político do Segundo Reinado. Pelo partido Conservador, presidiu o Conselho de Ministros, no conhecido Gabinete de 7 de março, entre 1871 e 1875. Durante sua presidência, foi sancionada a Lei do Ventre Livre.

hediondo mal e se opunham com todas as forças a que fosse para sempre abolida a escravidão no Brasil!

Triste contradição dos princípios com a prática desses homens, pela maior parte sem crenças nem convicções, e que, no entanto, se atrevem a acoimar³³ de mil impropérios os apóstolos da verdadeira liberdade, do verdadeiro progresso, os homens de princípios invariáveis, de crenças profundas e sólidas convicções – em prol do engrandecimento da pátria.

É que de encontro ao supedâneo³⁴ de um trono, impotentes se quebram as mais legítimas ambições, ao passo que a cadeira da presidência de uma república é muitas vezes invadida e conquistada por ambições sórdidas e pequeninhas de ousados aventureiros, dando, destarte, origem a todos os males que empecem o desenvolvimento moral e material do país – vítima de constante anarquia.

Felizmente, porém, o republicanismo foi apenas uma nuvem de mau agouro que pairou por algum tempo no horizonte político do Brasil, sem, contudo, poder, nem sequer por um instante, empanar o brilho imaculado da coroa brasileira.

Essa nuvem, finalmente passou. – Uma brisa bonançosa³⁵, que soprou, não sabemos de que regiões, de repente a desvaneceu, quando mais feia e minaz, quando mais carregada de procelas³⁶ parecia! Com ela passou

33 Punir, castigar, acusar, condenar.

34 Suporte, pedestal.

35 Calma, tranquila, sossegada.

36 Agitação, rebuliço, tumulto.

também a época dos falsos sacerdotes da liberdade. Desenganaram-se os utopistas.

E o Brasil, contando com o patriotismo de seu governo, com a sabedoria e virtudes do seu perpétuo defensor, e cômico, por conseguinte, da sua força, da estabilidade das suas instituições verdadeiramente liberais, olhou e, vendo o horizonte desanuviado e claro, sorriu de orgulho e compaixão ao mesmo tempo.

Com mais seguros passos, então, prossegue ele vitorioso na sua romagem do porvir, apesar do insólito alarido dos verdadeiros retrógrados.

Se os homens conscienciosos, enérgicos e inspirados no santo amor da pátria, como os preclaros varões que compõem o atual gabinete de 7 de Março, for sempre confiada a alta gestão dos negócios públicos pelo sábio e virtuoso príncipe, que não só pela constituição, como por sua índole e caráter se acha colocado acima dos partidos, o opulento colosso do sul, fazendo ofuscarem-se na sombra da sua grandeza os pequeninos estados que o rodeiam, constituir-se-á, talvez bem cedo, ao lado do seu irmão do norte, a mais poderosa metrópole do mundo civilizado.

Então, quando a jovem América levantar alto a fronte soberana diante da velha Europa abatida, cuja decadência já de agora começa a manifestar-se nas sucessivas guerras que a dilaceram, então, é que tu, berço imortal do valente e nobre Seregipe³⁷, erguer-te-ás também

37Também conhecido como Serigy, foi o mais destacado cacique tupinambá sergipano. Sua aldeia situava-se entre os rios Vaza-Barris e Sergipe. Era irmão do cacique Siriri e foi aprisionado e morto após a

mais esplêndido e belo para ostentares o infinito esplendor da Onipotência daquele que entornara em teu seio o cofre inexaurível das suas maravilhas, quando fez surgir das entranhas do caos a natureza iriada de planetas.

Enquanto, porém, os grandes e esforçados ombreiros do futuro engrandecimento do Brasil se empenham afanosamente por levantá-lo à altura dos seus grandiosos destinos, eu, o mais humilde obscuro dos teus filhos, mas o que talvez mais te ame, eu irei consagrando algumas horas da minha vida à inglória tarefa de ir desempando uma ou outra das tuas crônicas, que fale dos tempos primitivos em que eras ainda no estado, para bem dizer, embrionário, em que não passavas de um imenso paramo³⁸ todo acidentado de rios e florestas, de vales e montanhas e exclusivamente habitado pela tribo valorosa dos tupinambás.

Faltam-me forças para mais alto cometimento; para descrever, em que o quisesse, o conjunto admirável das tuas belezas. Nem ao menos o maior esforço da minha vontade apoiada no profundo amor que te consagro, poderia suprir a falta de talento, para que à luz dele conseguisses viver sempre bela e encantadora na mais remota posteridade. Limito-me, pois, ao círculo estreito das minhas forças.

invasão das tropas de Cristóvão de Barros, durante as guerras de ocupação portuguesa em 1590.

38Campo deserto e raso.

Capítulo II

O CIÚME

Essa, que é hoje uma das mais belas refulgentes estrelas do magnífico diadema, que abrilhanta a fronte do grande Império do Cruzeiro, não passava em 1590 de um vasto território, onde a natureza americana ostentava ainda toda a sua virginal beleza e magnificência.

Dividia-se em seis grandes distritos ou *tabas*³⁹, cada um dos quais era governado por um chefe a que os indígenas davam o título de *cacique*⁴⁰. O principal, o mais poderoso era Seregipe que dominava toda a margem direita do Cotinguiba⁴¹, assim como seu irmão Siriri⁴² dominava toda a margem.

39 Aldeias; Conjunto de habitações de indígenas, formadas por ocas ou malocas e dispostas de forma ortogonal em uma praça central.

40 Indivíduo responsável na organização de uma tribo. Espécie de “chefe” político dos indígenas.

41 Afluente do rio Sergipe pela margem direita, com aproximadamente 50 km de extensão. Sua nascente localiza-se na divisa dos municípios sergipanos de Areia Branca e Laranjeiras.

42 Irmão do cacique Serigy ou Seregipe. Foi morto pelas tropas comandadas por Cristóvão de Barros, nas guerras de 1590.

O Cotinguiba, que nasce na Serra de Itabaiana⁴³, percorre parte da comarca do mesmo nome, banha a cidade das Laranjeiras⁴⁴ e, enriquecido pelo tributo que ao longo do seu curso lhe pagam diversos rios como, além de outros, o Jacarecica, o Sergipe, o Santa Ana, o Madre de Deus, o Guanhamoroba⁴⁵, que banha a cidade de Maruim⁴⁶ e o Pomonga⁴⁷, que por canal artificial se liga ao Japarutuba e ao Japarutuba-mirim⁴⁸, o Cotinguiba vai fazer barra légua e meia distante do Aracaju⁴⁹.

43Segundo ponto mais alto do relevo de Sergipe, com 659 metros de altitude, a Serra de Itabaiana é um acidente geográfico localizado entre os municípios de Itabaiana e Areia Branca. A serra é recoberta por áreas de mata atlântica, cerrado e caatinga; possui cachoeiras, poços de água e abriga répteis, anfíbios, mamíferos e aves. Visando a preservação do seu ecossistema, em 1978, foi criada a Estação Ecológica da Serra e desde 2006, sua área foi transformada em Parque Nacional.

44Município localizado no leste de Sergipe. Fica a 19 km de Aracaju e sua sede é tombada como patrimônio histórico nacional.

45O *Jacarecica* e *Ganhamoroba* são afluentes do rio Sergipe. O primeiro, banha o município de Riachuelo e o segundo, o município de Maruim; o rio *Sergipe*, com extensão de 210 km, nasce na Bahia e corta o estado de Sergipe, desaguando no oceano Atlântico, entre Aracaju e Barra dos Coqueiros; Não foi possível encontrar informações a respeito dos rios *Santa Ana* e *Madre de Deus*, citados no romance.

46Município de Sergipe, localizado no leste do estado.

47Curso de água localizado no município sergipano de Barra dos Coqueiros.

48*Japarutuba* e *Japarutuba-mirim* são dois cursos de água que banham o estado de Sergipe. O primeiro, o rio principal, tem 92 km de extensão e atravessa 18 municípios sergipanos. O segundo, é um pequeno rio afluente.

49Fundada pelo então presidente de província Inácio Joaquim Barbosa (1821-1855), Aracaju é a capital de Sergipe desde 1855 substituindo São Cristóvão. Primeira cidade planejada do Brasil, fica situada na margem direita do rio Sergipe.

Depois de haver banhado ao nascente a nova capital e ao poente a *Barra dos Coqueiros*⁵⁰ que lhe fica defronte, vai a uma légua de distância lançar-se no oceano, formando ao norte do canal navegável ou outro canal ou barra falsa, conhecido geralmente por Barra de Propriá.

Era, como dissemos, à margem esquerda desse rio que existia a taba de Siriri. Este cacique era pai de uma encantadora donzela por nome Arycurana. Difícil, se não impossível, fora reproduzir por meio da mais minuciosa descrição todas as sublimes perfeições dessa criatura singular e caprichosamente bela; desse verdadeiro milagre no meio daquelas hordas selvagens e mais ou menos disformes.

Arycurana era, assim se pode dizer, o mais belo e sublime aperfeiçoamento das raças primitivas, era a mais interessante virgem, que se pode imaginar criada sob a poderosa influência da natureza americana e aos esplendores deslumbrantes do sol dos trópicos!

Tudo era sedução naquele rosto deliciosamente amorenado e correto, onde o olhar e o sorriso eram como centelhas depreendidas do seio de Deus, eram como o reverbero da chama divina que o Eterno lhe acendera na alma, a divina expressão dos seus angélicos sentimentos.

A cabeleira negra e luzidia⁵¹ como o lenho da *guaraúna*⁵² descia-lhe pelas espáduas nuas e voluptuosas até

50Município sergipano situado na península de Santa Luzia, na margem esquerda do rio Sergipe. Fica defronte à cidade de Aracaju.

51Lustroso, brilhante, reluzente.

52“...lenho da *guaraúna*”: o autor faz uma comparação com o tronco da árvore também chamada por *Ibiraúna*, cuja madeira é muito utilizada na

quase os calcanhares, semelhando um manto de veludo que avaro resguardava as graças peregrinas da virgem. Os seus olhos, que nada tinham que se parecesse com os da sua raça, eram como duas grandes estrelas a cintilarem por entre a púrpura desmaiada do ocaso e o seu corpo, esbelto como a palmeira do monte e flexível como o junco do lago, tinha para o coração do homem a mesma força irresistível de atração, que os polos têm a bússola. Jukeriorana, filho de Seregipe e, conseqüentemente, primo irmão de Arycurana, amava-a com a violenta e frenética paixão, com que sabe amar o filho da natureza; a donzela, porém, não correspondia o apaixonado amor do mancebo; consagrava-lhe apenas esse puro e santo sentimento que se origina às mais das vezes da convivência infantil: o fraternal afeto. Ela amava Jukeriorana como uma irmã pode amar o irmão.

Não obstante Jukeriorana nunca perdera a esperança de mais cedo ou mais tarde conseguir vencer e dominar absolutamente o coração da esquiva donzela. Ele tinha consciência do quanto valia, mas ignorava os caprichos do coração da mulher, qualquer que ela seja. Filha da natureza ou da civilização, a mulher é sempre a mesma, é sempre caprichosa; a única diferença entre uma e outra consiste no modo, por que manifestam os mesmos caprichos e exercem o seu poder absoluto.

Para chegar aos seus fins o pobre mancebo não se poupava a sacrifício de natureza alguma, procurando adivinhar todos os pensamentos, todos os desejos da

carpintaria. *Guaraína* também é o nome de uma ave negra da família dos tresquiornitideos.

caprichosa donzela, para os realizar com excessivo prazer e máxima prontidão.

Nenhum dos caciques daquelas tabas podia, como Siriri, ufanar-se de possuir uma filha tão bela, tão interessante; nenhum também havia, que pudesse ter, como Seregipe, a glória de ser pai de um jovem guerreiro tão valente e generoso.

Por causa da afamada beleza de Arycurana a taba de Siriri era a mais frequentada pelos filhos dos outros caciques, os quais à porfia se esmeravam em vencer a esquivança da formosa e incomparável filha de Siriri. À todos eles, porém, a donzela antepunha Borapitinga, filho de Muribeca.

Este cacique era o mais importante de todos os outros depois de Seregipe e Siriri. A sua *taba* estava fundada sobre a opulenta Serra da Miaba⁵³, que fica entre *Itabaiana* e *Lagarto*⁵⁴, duas vilas hoje mais ou menos importantes, mais ou menos florescentes ao norte da província.

Muribeca, dotado de caráter covarde, traiçoeiro e invejoso, entretinha com Seregipe e Siriri relações aparentemente amistosas; aparentemente, porque na

53Serra situada nos municípios de Macambira, São Domingos, Lagarto e Campo do Brito. Apresenta um habitat de caatinga, vegetação florística e queda de água. Seu pico, no município de São Domingos, tem altitude de 630 metros.

54Itabaiana e Lagarto, respectivamente, são municípios dos mais antigos de Sergipe. O primeiro, fica localizado na região central do estado à 56 km da capital; o segundo, fica na região centro-sul do estado à 78 km de Aracaju.

realidade era ele o mais encarniçado inimigo de ambos pela inveja que lhes tinha.

Tendo-se em conta do mais rico e, por conseguinte, o mais poderoso, porque dominava a aurífera Serra da Miaba, ele tinha raiva e não podia tolerar a grande influência que, não só Seregipe como Siriri exerciam sobre as outras tribos. O miserável estava somente à cata de um ensejo para romper de todo com os dois caciques irmãos; o ensejo apareceu com as graves ocorrências que se deram e que o leitor conhecerá pelo desenvolvimento desta narração.

De todos os jovens guerreiros, que requestavam a formosa Arycurana, o que mais frequentava a casa de Siriri, à excepção de Jukeriorana que lá vivia, era Borapitinga. Este mancebo, carácter ousado e aventureiro, um dia, sem que o pai soubesse, saiu acompanhado por um grande mó⁵⁵ de indivíduos da sua tribo, com destino de percorrer todo o território sergipano, visitar todas as aldeias, vadear todos os rios, devassar todas as florestas do sul ao norte.

Depois de ter efetivamente percorrido quase todo o território durante alguns meses, chegou finalmente à aldeia de Seregipe que o recebeu hospitaleiramente. Tendo-se aí demorado três dias, seguiu depois para a taba de Siriri. Seregipe acompanhou-o até lá. Com a chegada de ambos improvisou-se uma festa. Borapitinga apenas viu a donzela, começou a amá-la apaixonadamente, assim como ela

55Grande quantidade; ajuntamento.

também, desde logo sentiu profundamente impressionada pela galharda figura do moço indígena⁵⁶.

A festa reinara ruidosa e entusiástica ao som do *maracá*⁵⁷ e outros instrumentos selvagens no meio da *ocara*⁵⁸.

Jukeriorana até aquele dia julgava-se o filho predileto de Tupã, porque a formosa donzela a nenhum dos jovens guerreiros, que frequentavam a taba de Siriri, prestando a menor atenção, prodigalizava com ele os afagos, as carícias fraternais, que ele tomava como evidentes testemunhos de verdadeiro e apaixonado amor.

De repente, porém, a taça encantada se quebrou entre as mãos e o néctar, que ele prelibava a grossos tragos, converteu-se em veneno corrosivo, porque a caprichosa Arycurana, de um momento para outro, pareceu tê-lo esquecido absolutamente para só se preocupar do recém chegado.

Durante todo o tempo que durou a festa nada mais fez ela do que prodigalizar atenções e finezas com o ditoso Borapitinga, que por seu turno também nada via, que mais pudesse querer, do que a formosa Arycurana.

Enquanto o filho de Muribeca assim triunfava na conquista de tão encantadora virgem, que povoava de encantos aqueles sombrios ermos, Jukeriorana tragava em silêncio uma por uma todas as angústias do ciúme. A festa acabou aos primeiros alvares do dia; Borapitinga despediu-se de todos e partiu. Não se quis demorar, porque teve

56O mesmo que forte, valorosa, vigorosa.

57Espécie de chocalho indígena.

58 Área aberta entre as moradias nas aldeias indígenas; pátio; terreiro.

medo de que a felicidade o matasse; tinha necessidade de partilhá-la com seu pai e sua mãe.

Ao partir, prometeu que voltaria breve. Arycurana ficou triste e saudosa, Jukeriorana acabrunhado e taciturno. A donzela fantasiava: “quem sabe”? A mais inefável felicidade ao lado daquele que lhe acertou com o caminho do coração, enquanto Jukeriorana premeditava talvez alguma tremenda vingança contra o seu ditoso rival.

Com efeito, poucos dias depois Borapitinga estava de volta. Desde então as suas visitas à aldeia de Siriri começaram a ser muito frequentes. Jukeriorana, porém, toda a vez que o via chegar, convulsava de desesperação em ciúme e o seu mais veemente desejo era despedaçá-lo debaixo dos pés; era aniquilar aquele que tão atroz e inopinadamente vinha perturbar o lago cristalino e encantado das suas esperanças.

Os dias dos desgraçado Jukeriorana converteram-se em longas e tempestuosas noites. Muitas vezes projetou fugir para bem longe, para onde nunca mais pudesse ouvir falar de Arycurana e da felicidade do seu rival. Preparou-se muitas vezes para partir, mas faltou-lhe sempre a coragem e o desgraçado ficava, porque a sua alma, perpetuamente presa aos irresistíveis encantos da mais formosa filha de Tupã, irresistivelmente o forçava a ficar onde ela estava.

Entretanto, a paixão da donzela pelo filho de Muribeca assumia gigantescas proporções, assim como se tornava cada vez mais profunda e violenta a paixão que ele nutria pela encantadora donzela.

Jukeriorana e Borapitinga eram dois belos jovens de vinte e dois a vinte e quatro anos de idade, pouco mais ou menos. De estatura elevada, proporções atléticas, bem feitos e elegantes, eram ambos dois jovens guerreiros destemidos e valentes. Havia, entretanto, uma grande diferença entre os seus caracteres.

Jukeriorana habitualmente melancólico, mas dócil e generoso, tinha nos seus desejos a inflexibilidade do destino, nas suas paixões a impetuosidade do incêndio que ele sabia conter por meio da mais refletida prudência. Incapaz de atraiçoar, abominava a traição e tratava a todos com inteira lealdade; insuscetível de subserviência, amava com fanatismo a liberdade.

Borapitinga, ao contrário, aventureiro, inconstante, era algumas vezes traiçoeiro e covarde como o pai. À primeira vista, porém, não podia haver quem fosse mais simpático e atrativo do que ele; nem o próprio filho de Seregipe.

Jukeriorana tinha, por assim dizer, visto nascer Arycurana, carregou-a nos braços desde a infância. Debaixo dos seus olhos foram-se a pouco e pouco desenvolvendo e medrando as graças, os encantos da virgem até que, finalmente, se tornara ela o doce enlevo daqueles sertões, o gênio benfazejo que habitava o seio virgem da natureza nesse abençoado recanto da terra, que mais tarde devia ser a província de Sergipe.

Em princípio, quando Arycurana era apenas uma linda criancinha, ele a amou como se ela fora sua irmã; depois que se tornara moça, começou a ver na bela filha de

Siriri a guarda divina do seu povir, a companheira extremosa da sua peregrinação pela terra até que fossem ambos habitar as *montanhas azuis* onde habita Tupã.

A donzela, porém, nunca viu nele mais do que um irmão; como uma extremosa irmã cercava-o de carinhos e desvelos, que ele tão mal sabia interpretar. E essa falsa interpretação é que, finalmente, deu causa para longa série de desgraças tanto mais horríveis e fatais, quanto mais profundo e figadal foi o encarniçamento, com que se guerrearam depois os três caciques, procurando exterminar-se reciprocamente.

Uma noite, esplêndida era essa noite; o céu azul e estrelado semelhava a cúpula infinita do templo da natureza; a brisa, como o arcanjo misterioso dos ermos, sussurrava saudosa no seio intricado e escuro das florestas seculares; a lua cheia, refletindo-se bela e melancólica na superfície lisa do lago e nas águas revoltas dos rios, era como a lâmpada que pendia da cúpula desse templo e no meio da *ocara* ou terreiro de Serecipe ardia uma grande coivara⁵⁹.

Numerosa multidão de índios sentados no chão, em torno da coivara, tocavam os seus rudes instrumentos, entoando suas canções selvagens, enquanto outros dançavam ou antes tripudiavam em honra de *Sumé*, que os tinha ensinado a lavrarem a terra e se fora dentre eles para voltar mais tarde⁶⁰.

59Técnica indígena de pôr fogo em restos de matos, troncos e galhos de árvores com o intuito de limpar o terreno e preparar para lavoura.

A formosa Arycurana, com os seus ornatos de penas, como o belo cocar, o manto curto e o saiote, além de trazer nos braços lindas pulseiras de pequeninos búzios, estava deslumbrante de encantos; tanto mais quanto uma como nuvem de tristeza, que lhe ensombrava o belo semblante, fazia realçar admiravelmente a sua formosura.

Seu pensamento revoava longe, bem longe do lugar da festa; de quando em quando e a furto parecia resvalarem-lhe dois fios de pérolas pelas faces. Alguma coisa lhe arrancava da alma aquelas gotas de pranto; era ausência de Borapitinga. De repente, porém, um clarão interno se refletiu nas bagas⁶¹ do pranto e lhe iluminou o formoso rosto, e ela deixou escapar do íntimo do peito um grito de excessivo júbilo. Aquele, cuja ausência tanto a afligia, acabava de chegar.

Reinava, finalmente, completo prazer em todos, menos em Jukeriorana que, apenas viu chegar Borapitinga, retirando-se da *ocara*, lá se foi esconder no seio da floresta vizinha, mas em lugar de onde, sem ser visto, pudesse ver o que se passava.

Aos olhos do desgraçado, porém, tudo havia desaparecido: o luar, a coivara, a multidão; tudo se abismara na mais profunda e caliginosa noite, no meio da qual só podia ele ver dois vultos luminosos, mas de uma luz

60Referência a entidade mítica tupinambá. Segundo a mitologia, Sumé teria aparecido e ensinado aos indígenas a agricultura. Logo após, desgostoso dos homens, teria desaparecido.

61 Pingos, gotas.

sinistra, sem irradiação, opaca; luz sangrenta, medonha, infernal.

Eram Borapitinga e Arycurana que dançavam e lhe pareciam dois espectros fosforescentes, surgindo de um tumulto. Nada mais ouvia do que a voz dos que cantavam e o som dos instrumentos selvagens que lhe feriam os tímpanos como uma gargalhada demoníaca.

Testemunhando mudamente a suprema felicidade do seu rival, Jukeriorana, o desgraçado filho do poderoso Seregipe, via desabar em ruínas o esplêndido castelo das suas esperanças e devorava todas as agonias negras e profundas da desesperação. Mas nesse estranho suplício o valente mancebo sentia um prazer satânico, uma espécie de embriaguez feroz, porque em cada tortura, que lhe infringia a vitória de Borapitinga, saboreava ele de antemão o néctar inebriante da sua vingança.

Enquanto durou a festa, Jukeriorana conservou-se no mesmo lugar, sempre olhando com o olhar imóvel da estátua e vendo sempre, através da mais cerrada e pavorosa treva, os mesmos espectros a tripudiarem e sempre ouvindo a mesma gargalhada de demônios a fazê-lo sentir todos os horrores do inferno.

A festa prolongou-se até que os horizontes começaram a se apavorar e um como véu finíssimo de ouro e púrpura começou também a se desenrolar por cima das montanhas e das florestas de cujo seio se levantara para o céu o inefável concerto que ao despontar do dia a Deus entoam todos os seres da criação, e se foram no espaço

apagando a pouco e pouco todas as estrelas, como as luzes de um templo, depois de terminada a festa.

E com efeito, a festa de *Sumé* estava terminada. Borapitinga partiu vitorioso e feliz; não lhe restava mais a menor dúvida de que a filha encantadora de Siriri só a ele pertencia. No momento em que o filho de Muribeca deixava a saudosa habitação do tio da sua Arycurana, Jukeriorana deixava também o seio da floresta, que durante uma noite inteira fora o seu tremendo ecúleo⁶² de dores. Siriri com a família voltou também para a sua taba.

No auge da sua felicidade a encantadora donzela tinha esquecido absolutamente o primo; nem sequer havia notado a ausência dele durante aquela festa, em que ela tanto gozou e ele sofreu tanto! E de certo nunca mais Arycurana se lembraria do mísero Jukeriorana, se sua mãe, vendo que de então em diante ele não tornara mais a aparecer, não começasse a se afligir seriamente com tão prolongada ausência, quando desde criança até aquela data o mancebo nunca passara um dia que não fosse à taba de Siriri. Foi depois que Icytinga começou a se incomodar, que Arycurana deixou por um instante de se preocupar de Borapitinga, para se lembrar do desgraçado Jukeriorana.

62Flagelo, suplício.

Capítulo III

O VATICÍNIO

Desde que Icytinga chamou a atenção da donzela para o inexplicável desaparecimento do filho de Seregipe, Arycurana sentiu como que estalar o coração, porque se convenceu desde logo de que alguma tremenda desgraça se teria dado entre os dois mancebos rivais, porque, conhecendo perfeitamente o caráter enérgico e inflexível do primo, sabia também que Borapitinga não era menos corajoso e valente.

Começou, por conseguinte, daquele dia em diante, a entristecer e definhar consideravelmente, porque se arreceava pelos dias de um e outro, especialmente pelos daquele a quem, desde a primeira vez que o vira, dedicara todos os puros afetos da sua alma. Tanto mais profunda era a sua tristeza e considerável o seu definhamento, quanto ia decorrendo o tempo sem que Jukeriorana, assim como Borapitinga aparecessem.

O estado da moça indígena começou a inspirar sérios cuidados aos pais, de quem ela era o maior tesouro que Tupã lhes havia concedido. Nenhum deles presumia ainda a paixão veemente que a donzela nutria pelo filho de Muribeca e ambos estavam, pelo contrário, convencidos de que o penoso estado de Arycurana tinha por causa das saudades que sentia pelo primo.

A única distração, que ela encontrava naquelas solidões profundas e inóspitas, era todos os dias, quer ao romper da alva, quer ao pôr do sol, ir sentar-se triste e sozinha à sombra das palmeiras do monte e lá entregar-se horas inteiras as cismas doce-amargas do seu amor, às sombrias conjecturas sobre o que se teria passado entre os dois jovens guerreiros.

Toda lacrimosa, com a fronte banhada nos primeiros clarões do dia ou nos últimos lampejos do sol cadente, a formosa Arycurana erguia sempre do íntimo da alma uma prece a Tupã em favor dos dois rivais, em seu favor e em favor de todos os seus.

Uma tarde, quando o sol já tinha ocultado o seu disco por trás das serranias e das bandas do oriente a lua cheia, como a esposa infiel, que espreita o sono do esposo para sair às suas excursões noturnas, começava a surgir no horizonte límpido e azul, dispunha-se a bela Arycurana a deixar o seu horto de amarguras à sombra das palmeiras do monte e recolher-se à choça paterna⁶³, quando ouviu erguer-se do seio das florestas uma voz misteriosa e longínqua, que os ecos solitários da noite propagaram pela amplidão silente do espaço.

De repente a pobre moça para convulsa e teria certamente desmaiado, se a curiosidade de saber o que a voz misteriosa dizia, não fosse mais poderosa do que a impressão que a mesma voz produzira no seu espírito ou

63Casa rústica e pequena; casebre.

no seu sistema nervoso. Arycurana trêmula e ofegante ouviu até o fim esta singela canção:

“Grande e poderoso Tupã, tu, que do alto das *montanhas azuis*, vês e conheces tudo, porque tudo saiu do teu seio, tu, que amas os corações bons, que proteges os guerreiros valentes, que desprezas os covardes, dá forças a Jukeriorana para vencer os seus inimigos, para afastá-los da melhor, da mais formosa, da mais perfeita das tuas filhas, ó grande poderoso Tupã.

“Eu a vi nascer; ela cresceu nos meus braços; os seus prantos de criança enxuguei-os com os meus beijos de amor, como os beijos do sol enxugam o orvalho das flores; os seus sorrisos de inocência orvalhei-os com as minhas lágrimas de prazer e as suas primeiras falas saudei-as com os meus sorrisos de felicidade.

“Quando eu a embalava na sua pequenina rede de penas, suspensa aos galhos da sepepera⁶⁴, amei-a como filha; quando ela já brincava no terreiro da taba e subia comigo às árvores em busca dos ninhos que já piavam, amei-a como irmã; quando ela ficou moça feita, comecei a amá-la como a senhora do meu coração. Faz que ninguém me possa roubar a melhor, a mais formosa, a mais perfeita das tuas filhas, ó grande e poderoso Tupã.

“Eu vivia unicamente para essa mulher encantadora, com quem não se compara a mais bonita flor das nossas várzeas, a mais brilhante estrela que adorna o palácio imenso de Tupã. Ela era a única soberana do meu coração;

64Também chamada por *sebipira*, *sebupira*, *sucupira*, é uma árvore grande, de madeira pesada e duradora.

a beleza peregrina da filha querida de Siriri fazia que eu amasse a vida; e o meu amor por ela, pela mais perfeita das tuas criaturas, tornava-me tão ditoso, que eu nunca soube o que era odiar um homem como eu. Oh! como eu amava tudo quanto ela amava, tudo quanto havia saído do teu seio infinito!

“O Sol, cujas flechas inflamadas inundam de luz o espaço inteiro, a lua, que nos enche os corações de uma dor tão funda, mas tão doce, tão deliciosa, que a língua dos tupis não tem nome para ela, as estrelas que são as flores de prata de que a noite se enfeita, esperando pelo dia, o rugido do tigre no seio pavoroso das florestas, o grito medonho da sucuryaba⁶⁵ no leito dos rios, e o bramir das tempestades no cimo das serranias, tudo, tudo eu amava, porque ela amava e porque tudo havia saído do teu seio imenso. Permite, pois, que eu ame sempre a formosa Arycurana, a melhor, a mais bela, a mais perfeita das tuas filhas, ó grande e poderoso Tupã.

“Fui eu que a ensinei, quando ela era ainda uma criança, a subir comigo aos montes, a atravessar as florestas, a vadiar os rios. Eu lhe disse um dia, quando ela deixou de ser criança para ser a primeira das mulheres tupinambás: – ‘Arycurana, tu és a única senhora do meu coração, porque eu amo as estrelas, a lua, o sol e tu és mais sublime do que o sol, mais formosa do que a lua, mas risonha do que as estrelas. O meu amor é tão grande como as nossas florestas, é tão poderoso como as tempestades, que estouram por

65 Réptil da família dos boídeos; sucuri; serpente.

cima das nossas montanhas. Abriga-te ao meu amor e serás a mais poderosa mulher da terra de Seregipe.”

“Eu falei assim à formosa Arycurana, mas a ingrata me abandonou para amar o filho de Muribeca, o mais covarde dos guerreiros destas tabas, porque temeu lutar peito a peito com Jukeriorana para o mandar assassinar traiçoeiramente.

“Oh! dá-me forças para a vingança, para abatê-lo, para afastá-lo da melhor, da mais bela, da mais perfeita das tuas filhas que, embora não me ame, hei de amar sempre, hei de amar enquanto me deres vida, ó grande e poderoso Tupã.”

A voz emudeceu e Arycurana, como que desvairada, seguiu apressada e com passos titubeantes para choça paterna. Quando lá chegou, o seu estado causava espanto e compaixão ao mesmo tempo. A mísera donzela estava com a fisionomia decomposta e o coração, assoberbado de comoções, parecia não lhe caber no peito. Ao entrar na choça, estendeu-se na rede e debulhou-se em pranto.

– Que tens, filha? – pergunta-lhe Icytinga atemorizada pelo deplorável estado da moça.

– Tua filha padece muito, mãe – responde Arycurana dobrando de soluços; – o coração de Arycurana dói como se as flechas de fogo, que Tupã dispara sobre o jequitibá lhe viessem varar o peito. Mãe, tem compaixão da pobre Arycurana.

– Por que é que dói o coração da filha? – torna Icytinga ajoelhando ao pé da rede e abraçando carinhosamente a filha.

– Tua filha tem medo de Jukeriorana, tem medo da guerra, porque o filho de Seregipe é muito valente, é o mais valente guerreiro destas tabas. Ele há de matar Borapitinga, que é senhor do coração de tua filha. Se Borapitinga diz à Arycurana: “vamos”, tua filha vai para onde ele a chamar, porque ela ouve na voz do filho de Muribeca a ordem de Tupã.

– Jukeriorana é muito valente, é o mais valente guerreiro destas tabas; por teu amor filha, ele brigaria com todos os caciques juntos e, quando caísse para morrer, teria matado todos. Borapitinga morrerá de certo.

– Oh!... não, não, não! – exclama a donzela com estranha exaltação e atirando-se fora da rede e hirta, direita, majestosa, os olhos incendidos, as narinas dilatadas e os lábios trêmulos, prossegue:

– Por mim Jukeriorana matará Borapitinga, por Borapitinga matarei Jukeriorana.

– Que morrerá feliz, morrendo pelas mãos da única senhora da sua vida – disse o mancebo entrando no momento em que a prima acabava de falar, podendo ouvir-lhe ainda a última frase.

Jukeriorana estava horivelmente belo! A guedelha⁶⁶ desgrenhada, os olhos cintilantes e profundos, o rosto minimamente descarnado e um sorriso de intensa amargura e feroz ironia davam a elegante figura do mancebo um ar sinistro e simpático ao mesmo tempo. As duas mulheres, vendo-o e ouvindo-o estremeceram fortemente, tornaram-

⁶⁶Cabeleira; cabelo.

se mudas de surpresa e terror. Jukeriorana continuou com voz pausada e solene:

– O filho do grande Seregipe nunca fará mal nenhum à formosa filha do seu tio; Jukeriorana fará todo o mal que puder a quem se atrever a maltratar aquela, que por um covarde esqueceu o guerreiro capaz de roubar as flechas ardentes de Tupã, se Tupã quiser ferir com elas a ingrata Arycurana. O filho do grande Seregipe não é um covarde, é poderoso e valente como seu pai; não luta com os fracos, protege-os contra os fortes que ele derriba⁶⁷ e vence. Jukeriorana protege a filha de Siriri; ela não deve temer aquele que, quando era ela uma criancinha, a embalou em sua rede de penas presa aos galhos da sepepera, como se fora seu pai; que correu com ela pelos campos, atravessou as florestas e vadeou os rios, como se fora seu irmão que, finalmente, começou a amá-la como seu marido, quando Arycurana se tornou a melhor, a mais bela e a mais perfeita das filhas do grande e poderoso Tupã.

Jukeriorana calou-se e dos seus olhos começaram a cair lágrimas a punhos. As suas palavras tranquilizaram um pouco a mulher e a filha de Siriri; mas aquele pranto, que deslizava pelas faces maceradas de tão valente guerreiro, as comoveu profundamente. Nunca o tinham visto chorar!

– Onde esteve o filho do grande Seregipe? – atreveu-se a perguntar-lhe Icytinga, cujos olhos marejaram também de lágrimas.

67Abater; demolir; fazer cair; pôr abaixo.

– Borapitinga – respondeu o mancebo, olhando para a prima com indefinível expressão de amor e desesperança –, tinha roubado a vida do meu coração, a luz dos meus olhos, o sol da minha vida. Eu fui lutar com ele para matá-lo; mas Borapitinga é um covarde, fugiu. E ele hoje ainda vive, porque fui consultar o pajé e o pajé disse que eu não devia matar agora, porque eu tinha muita precisão da vida de Borapitinga.

– E Jukeriorana é capaz de matar o filho de Muribeca, se não precisar mais da sua vida? – pergunta Arycurana, furiosa como a tigre cujos cachorrinhos lhe querem roubar, e encaminha-se para o primo disposta a morrer ou a matá-lo.

– Jukeriorana protege os fracos, derriba e vence os fortes; eu sou o senhor da vida de Borapitinga.

Dizendo isto, o mancebo, antes que a prima se aproximasse dele, retirou-se. A donzela no acesso do seu furor estendeu-se no chão como uma peça inteiriça e perdeu os sentidos. Icytinga fê-la prontamente reassumir o acordo por meio de ervas, cujas virtudes medicinais são geralmente conhecidas dos indígenas.

Siriri não estava presente, havia já algum tempo que andava caçando nas florestas circunvizinhas; voltou, porém, no momento em que a filha acabava de reassumir os sentidos. Arycurana, tornando a si, pronunciou baixinho o nome de Borapitinga, depois percorrendo com os olhos toda choupana, proferiu o nome do primo, sorriu sarcasticamente e depois desfechou a chorar.

– O que é que houve na minha ausência? – pergunta o cacique assustado, atirando para um canto o arco e a aljava⁶⁸ e indo abraçar-se com a donzela.

– A filha de Siriri está sofrendo? – continua ele, estreitando a moça nos braços e cobrindo-a de beijos. – Quem fez Arycurana chorar? Quem ofende Arycurana, deve morrer.

– Arycurana está doente, ninguém a ofendeu.

Icytinga interveio com o fim de impedir que a filha cedendo à solicitude do pai, revelasse tudo.

– Siriri é guerreiro, não deve saber a doença de sua filha; eu, que sou sua mãe é que devo tratar dela; o guerreiro é para a guerra, a mulher do guerreiro é para seus filhos. Ninguém ofendeu nossa filha: se alguém a tivesse ofendido, tua mulher seria a primeira a te dizer para ires vingá-la. Portanto, vai tratar do que deve tratar um guerreiro valente como tu; eu tratarei do que deve tratar a mulher de Siriri. Vai, deixa Arycurana com sua mãe.

O cacique nada respondeu e retirou-se para mandar os índios que o tinham acompanhado à caça, tirar a pele à um tigre que havia matado e prender na jaula os filhos que tinha conseguido trazer vivos.

Icytinga, apesar de contrariá-la sumamente o amor que Arycurana consagrava ao filho de Muribeca, contudo, procurou consolá-la, incutindo-lhe no espírito a esperança de que Jukeriorana, para não lhe fazer mal a ela, como havia

⁶⁸Objeto usado para transportar flechas; estojo pendurado por alça no ombro e carregado nas costas.

dito, não mataria Borapitinga e talvez mesmo, para não se opor a sua felicidade, consentiria que ela fosse mulher do filho de Muribeca.

A donzela, porém, a nada atendia; à proporção que a mãe falava, esmerando-se que por consolá-la, mais horrorosa acreditava a sua sorte, mais funda se tornava a sua desesperança e mais carpidos os soluços e o pranto⁶⁹.

⁶⁹Lamentoso; lúgubre; queixoso; choroso.

Capítulo IV

PEREGRINAÇÃO DOLOROSA

Icytinga era uma mulher de estatura mediana e esguia de corpo como a filha. Quando mais moça devia ter sido muito bela, porque apesar dos seus presumíveis quarenta janeiros, era ainda de uma beleza regular. Amava Jukeriorana como se este fora seu filho, porque o filho de Seregipe havia perdido sua mãe logo depois que nascera e fora ela, por conseguinte, quem o criara.

O mancebo, por isso, amava igualmente a mulher de seu tio tanto como teria amado sua própria mãe, se a tivesse conhecido. Conhecendo os belos atributos do moço, Icytinga, assim como Siriri, desejava ardentemente que sua filha fosse mulher de Jukeriorana, que de todos os jovens guerreiros das diversas tabas sergipanas era o mais belo, o mais generoso e o mais valente.

Ambos, porém, sacrificavam todos os seus desejos aos caprichos da donzela pelo extremoso amor que lhe tinham. Foi por amá-la tanto que Icytinga se esforçou o quanto foi possível por convencer a filha de que Borapitinga ainda viria a ser com certeza seu marido.

– Mãe – disse a moça, enxugando o pranto e assumindo um ar de resolução –, eu quero que o pajé me diga porque é que Jukeriorana precisa da vida de Borapitinga e, se depois que não precisar mais, ele matá-lo-á. Depois que o pajé falar, tua filha será muito feliz ou

morrerá de desesperação. Vamos ouvir o pajé, mãe; ele fala em segredo com Tupã, deve saber o que será de mim: deve conhecer a minha sorte.

Icytinga não se opôs à resolução da filha e dentro em poucos minutos ambas aprontaram-se e puseram-se a caminho para a choça do pajé, sem que Siriri soubesse. Eram seis horas da tarde quando partiram.

O pajé era um índio sexagenário, magro, alto e semblante austero, cabelo grisalho e muito longo, caído pelas costas. Não trajava como os outros indígenas. A sua vestimenta consistia em uma grande túnica feita de peles de tigre que lhe descia dos ombros até os pés; uma correia de couro de jiboia apertava-lhe os rins em torno dos quais se prendia um saiote de penas de que pendiam feixes de ervas medicinais de diversas qualidades. Na cabeça trazia uma espécie de gorro também de pele do mesmo animal, donde pendiam igualmente pequeninos molhos das mesmas ervas. Era ao mesmo tempo adivinho e curandeiro; predizia o futuro e restituía por meio das suas ervas milagrosas a saúde aos enfermos, segundo acreditavam aquelas hordas selvagens.

Morava ele a um quarto de légua da choupana⁷⁰ de Siriri, no cabeço de um pequeno Monte, onde se erguia a sua pequena palhoça, dentro da qual só se encontravam ossos de todos os animais, inclusive os do homem, assim como toda a qualidade de ervas que ele julgava medicinais.

⁷⁰Habitação muito simples; cabana.

Havia, além disto, armada na sala uma rede e um jirau⁷¹, em que ele se deitava e nada mais.

Quando Icytinga e Arycurana chegaram à choça do pajé, estava ele sentado no meio do terreiro, em frente a uma grande fogueira, tendo ao lado uma *igaçaba*⁷² com *cauim*⁷³ de que fazia sofríveis libações⁷⁴ de quando em quando. Icytinga e a filha, ao chegarem, ajoelharam para saudarem o pajé, que as mandou sentarem-se a seu lado e lhes ofereceu *cauim*.

A mulher e a filha de Siriri aceitaram com prazer o oferecimento do charlatão e depois de haverem bebido sofrivelmente, expuseram o fim para que o tinham procurado. O charlatão já sabia que, quando procuravam, era para o consultarem ou a respeito de alguma enfermidade, ou relativamente ao futuro.

O luar nessa noite estava esplêndido; mas a solidão era profunda; a coruja grasnava nos morros, o tigre rugia nas florestas, a sucuriuba roncava nos rios; tudo era aziago⁷⁵ e medonho; o próprio luar, apesar do seu esplendor, semelhava uma lâmpada imensa alumando um imenso túmulo.

Depois das libações do *cauim*, Icytinga referiu ao pajé o que se havia passado entre Arycurana, Jukeriorana e

71Espécie de plataforma feita de tábuas ou ripas de madeira, que tem diversas utilidades como secar redes e roupas, serve de assento e de leito.

72Recipiente; pote de grandes dimensões.

73Bebida fermentada que os indígenas preparavam com a mandioca, o milho, o caju, entre outras; vinho.

74 Ingerir bebida, por prazer ou deleite.

75 Má sorte; azar; agouro.

Borapitinga. O pajé ouviu-a com toda a atenção e, enquanto ouvia, tratava de esgotar a última gota da sua bebida predileta. Quando a mãe de Arycurana acabou de falar, ele disse com uma voz que revelava o alto grau de embriaguez em que se achava e que as duas mulheres não percebiam ou simulavam não perceber.

– Jukeriorana há dias esteve comigo. No momento em que ele entrou na minha choça, o oitibó⁷⁶ grasnou três vezes: ele contou-me os seus desgostos e pediu o meu conselho. Metade da noite já tinha passado e olhei para as estrelas. Mas o brilho das estrelas era triste como o grasnar do oitibó e eu disse ao filho de Seregipe:

– “A filha de Siriri desafiou as iras de Tupã contra a taba de seu pai, amando Borapitinga; tu devias matá-lo para viveres tranquilo e feliz; mas tu precisas por hora da vida do teu rival para mais tarde mostrares à ingrata Arycurana que o filho de Muribeca não vale um dedo da mão do filho do grande Seregipe.”

– Isto foi o que eu disse ao valente Jukeriorana e como o oitibó grasnou três vezes, quando ele esteve aqui, e o brilho das estrelas era triste como o grasnar do oitibó, eu te digo também, ó filha do poderoso Siriri:

– “Se Arycurana quer que Tupã torne a ficar amigo dela e faça com que Borapitinga seja seu marido, depois de vencer Jukeriorana, é preciso que ela vague sozinha pelo seio das florestas, pelas margens dos rios e pelo alto das serranias, enquanto o grande lume, que brilha nas *montanhas*

76 Ave noturna, de plumagem castanho-ruiva.

azuis, não se acender e apagar dez vezes. Arycurana cumpre a ordem de Tupã que fala com o pajé à meia-noite, e Borapitinga vencerá Jukeriorana e a filha do forte Siriri será mulher de Borapitinga.”

Apenas o pajé disse a última palavra, a moça, no auge da mais supersticiosa exaltação volta-se para Icytinga e abraçando-se estreitamente com ela, exclama com voz trêmula de comoção:

– Vai, mãe, volta saudosa à taba querida de Siriri e diz ao pai, que Arycurana vai cumprir a ordem de Tupã, porque Arycurana, por amor de Borapitinga não tem medo dos tigres que vivem nas florestas, da sucuruibas que vivem nos rios e dos oitibós que vivem nas serranias; por isso ela vai andar sozinha pelo cimo das serranias, pelas margens dos rios e pelo seio das florestas, enquanto o grande lume que brilha nas *montanhas azuis*, não se acender e apagar dez vezes. Tupã seja por tua filha.

Dizendo isto, a formosa Arycurana afasta-se dos braços da Icytinga, levanta as mãos e os olhos lacrimosos para o céu e, invocando o nome de Tupã, desaparece pelo seio pavoroso da floresta vizinha. A pobre mãe, triste e desolada, voltou àquela hora mesma à choupana de seu marido, fazendo um rastro de lágrimas por onde passava.

Siriri era um índio alto e de proporções atléticas; teria de idade, quando muito cinquenta anos; era pouco mais moço de que Seregipe, com quem se parecia extraordinariamente. Estava ele ocupado em refazer a jaula em que tinha de prender os filhos da tigre, quando a mulher e a filha saíram para ir ter com o pajé; por isso não as viu

saírem. Quando a mulher lhe referiu o prognóstico do charlatão e o desaparecimento da filha, o cacique tornou-se um estafermo; alguns minutos depois, como que se desembaraçando de profundo e doloroso pesadelo, ergue irritado os punhos para o céu e exclama:

– Se Arycurana morre, eu matarei Muribeca, matarei a mulher de Muribeca, matarei Borapitinga e tu morrerás também.

Disse e retirou-se; a noite inteira não tornou mais à choupana; entretanto Icytinga, profundamente atormentada por mil dolorosas comoções, passou velando até ao amanhecer, quando se pôs a caminho em procura da filha. Siriri, porém, na noite mesma, em que ameaçara de morte sua mulher e toda a família de Muribeca por causa do desaparecimento de Arycurana, partira para a taba de Seregipe, que até então tudo ignorava, porque Jukeriorana vivia a maior parte do tempo na taba do tio.

Extraordinária, por conseguinte, foi a surpresa de Seregipe, vendo chegar à sua aldeia o irmão pela calada da noite, e muito mais surpreendido ficou, quando Siriri lhe referiu todos os acontecimentos que se tinham dado desde a festa de *Sumé*.

– Não percamos tempo, irmão – disse Seregipe com acento de feroz energia – torna depressa à tua taba, quanto antes arma a tua gente e voa em procura de tua filha, que eu voarei com toda a minha gente armada em procura de Jukeriorana.

– Mas... Arycurana cumpre a ordem de Tupã. – respondeu meticulosamente Siriri.

– Não; Tupã não pode ter dado uma ordem tão cruel; o pajé mentiu; talvez estivesse com a cabeça cheia de cauim, não consultou as estrelas, não falou com Tupã. – Seregipe não acredita nas palavras do pajé. – Vai, vai irmão.

Ante a enérgica atitude de Seregipe, Siriri nada respondeu e partiu imediatamente. Chegando à taba pouco depois que a mulher saíra em procura da filha, tratou de armar com a possível brevidade todos os seus guerreiros e seguiu na direção da floresta fronteira à choça do pajé. À mesma hora e no mesmo dia partiu Seregipe em procura de Jukeriorana seguindo direção oposta.

Arycurana, entretanto, animada pela veemente paixão que nutria pelo filho de Muribeca, percorria impávida o seio intricado das florestas, os escarpados cabeços das serranias e às margens pedregosas dos rios, sem descansar, e mal se alimentando de frutas e caças, que providencialmente encontrava, ao seu lado, quando a fome e o cansaço a prostravam. Muitas vezes ela, vendo aquele fato providencial reproduzir-se constantemente, lembrava-se, não de Borapitinga e sim de Jukeriorana, mas logo um sorriso de incredulidade lhe descerrava os lábios a essa lembrança, porque não se podia convencer de que o primo, depois do que tinha havido, fosse ainda capaz de sentir por ela tão sublime e delicado interesse.

O primeiro ponto para onde Siriri se dirigira, logo que saiu da sua aldeia, foi a floresta por onde havia desaparecido Arycurana. Era uma floresta extensíssima, horrorosa. Durante três dias Siriri com a sua gente bateu

debalde quase toda ela: no quarto dia, porém, quando já tratavam de abandoná-la por terem perdido a esperança de aí poder encontrar a infeliz Arycurana, ao anoitecer viram eles um vulto ir atravessando à guisa de macaco por entre os galhos do intricado arvoredado, e soltando gritos medonhos. Um dos índios quis disparar-lhe a flecha, Siriri, porém, susteve-lhe o braço, exclamando ao mesmo tempo:

– Arycurana! Arycurana! Minha filha!

Ouvindo aquela voz e aquele nome, o vulto sentiu tamanho abalo, que não se pôde mais ter suspenso nos galhos do arvoredado e caiu. Ter-se-ia talvez despedaçado na queda, se o cacique não a tivesse amparado nos braços. A surpresa de Siriri subiu do ponto quando, em vez da filha, reconheceu a sua mísera mulher, a desventurada Icytinga.

– Icytinga! minha pobre Icytinga! – exclamou ele.

– Sio! – torna a desgraçada mãe de Arycurana, com ar de alienada e falando como que para si, como que respondendo aos seus próprios pensamentos ou a alguma funesta visão criada por seu cérebro enfermo:

– Silêncio – continua ela, quase imperceptivelmente, e contraindo-se toda nos braços do esposo, agitada por um tremor convulsivo. – Siriri prometeu matar Borapitinga, o pai e a mãe de Borapitinga. Eu não tenho medo da morte, tenho medo de que a minha filha morra; vim buscá-la para levar a filha a seu pai. Ela entrou aqui... bem sei onde ela está. Deixa-me ir buscá-la antes que a matem. Minha filha, minha filha, minha filha!

Tal foi a convulsão, o frenesi que dela se apoderara no momento de fazer esta tríplice exclamação, que os

braços robustos, atléticos de Siriri não a puderam conter. A desgraçada estava furiosamente louca!

– Arycurana – murmurou o cacique inteiramente desanimado – cumpre de certo uma ordem de Tupã; o pajé não mentiu, meu irmão é que se enganou. Tupã vingasse agora, fazendo ficar louca a desgraçada Icytinga. Cumpra-se a vontade de Tupã.

Dizendo isto, Siriri deu ordem a sua gente para voltar à taba e todos voltaram, conduzindo a pobre mãe de Arycurana, a qual furiosamente forcejava por escapar-se dentre eles. Não menos infeliz na sua excursão foi Seregipe, que depois de haver durante outros tantos dias ou mais percorrido uma grande zona do território em procura de Jukeriorana, sem poder encontrá-lo, desacoroçoou também e também se convenceu de que Tupã se vingava dele.

O que dera origem a essa convicção foi a mais horrorosa tempestade que desabou, enquanto ele com sua gente percorria o tremendo *Vão do Medo* no dia seguinte em que Siriri encontrara a mulher. Grande parte da sua gente morreu, uns feridos pelos sucessivos raios que caíam, outros esmagados pelas árvores que tombavam fulminadas. O clarão sulfúreo dos relâmpagos e o ronco ribombo⁷⁷ dos trovões, propagando-se pelo seio tenebroso da imensa floresta, eram tão lúgubres, tão medonhos, tão insólitos, que os próprios índios, afeitos a todas as intempéries do tempo, sentiam os membros tolhidos, paralisados pelo horror.

77 Estrondo; grande barulho.

Apenas a tempestade começou a amainar, Seregipe voltou com o resto da gente para a sua aldeia. — A convicção, porém, de que aquela tempestade era um castigo com que Tupã o cominava, não bastou para demovê-lo de propósito de vingar-se de Muribeca, de cujo filho desejava beber o sangue, desde que soube que por causa dele é que Jukeriorana e a sobrinha haviam desaparecido.

No dia seguinte em que cada um deles voltou à sua taba, Seregipe foi à aldeia do irmão e convidou-o a declarar guerra a Muribeca. Siriri quis opor-se, objetando que assim desafiariam ainda mais a cólera de Tupã contra eles e seus filhos. Seregipe insistiu dizendo que a ordem de Tupã se entendia unicamente a respeito de Jukeriorana e a prima, e não a respeito de Muribeca e seu filho; que, quando Tupã tivesse de o castigar de novo, ele preferia morrer despedaçado por um raio a deixar de vingar-se, porque muito covarde seria o cacique que tivesse de recuar diante da vingança com medo de Tupã.

Siriri estava horrorizado ouvindo o irmão falar deste modo; parecia-lhe que a cada palavra que Seregipe dizia, um raio estava prestes a fulminá-los ambos. Não obstante, cedendo afinal a grande preponderância que o irmão exercia sobre o seu espírito, sobre o seu ânimo, Siriri conveio em declarar a guerra a Muribeca, ajudado pelo irmão, se no fim de cinco dias Arycurana e o mancebo não aparecessem. Seregipe com o protesto de Siriri voltou satisfeito para a sua taba, onde ansioso esperava o prazo fatal dos cinco dias convencionados.

Enquanto, porém, os dois caciques se dispunham a entrar em luta feroz e de extermínio com Muribeca, a formosa Arycurana prosseguia na sua dolorosa peregrinação com tanto maior coragem e resignação, quanto uma espécie de providência, de que já falamos, e que parecia acompanhá-la por toda a parte e sempre, salvando-a, como por encanto, de todos os perigos que a assaltavam, a fazia convencer-se de que Tupã, com efeito, se tornara seu amigo, que visivelmente a estava protegendo e, por conseguinte, faria que dentro em breve ela fosse mulher de Borapitinga.

Simple é a razão pela qual nem Seregipe nem Siriri puderam encontrar os filhos. Vastíssimas eram as florestas que cobriam o território sergipano. Arycurana percorria as do sul onde Siriri pudera tê-la encontrado, se a superstição não o tivesse forçado a voltar para a sua taba ao termo de quatro a cinco dias; e Seregipe, que ignorava absolutamente a direção que teria seguido o filho, tomou para as bandas do norte, quando Jukeriorana acompanhava a extremosa e encantadora donzela na sua penitência. Era efetivamente ele a providência que evidente manifestação dava de que Tupã já tinha restituído a sua proteção, a sua amizade à mísera donzela.

Os dez dias, finalmente, decorreram. E uma noite... na choupana de Siriri havia grande alarido; os índios agrupados na *ocara* choravam ou fingiam chorar; a donzela com os pés gotejando sangue, o corpo alquebrado, o rosto emagrecido e a formosa cabeça inclinada para a terra, passou com passos lentos e vacilantes por entre a multidão,

que a desconheceu e, penetrando na choupana paterna, recuou espavorida diante do que aí foi encontrar.

Estendido no chão estava um cadáver sobre uma esteira de carnaúba⁷⁸; Siriri sentado aos pés do cadáver, estava sombrio e taciturno com o olhar fixo no triste despojo alumiado por algumas lascas acesas de paucandeia⁷⁹, fíncadas na parede da choupana. A chegada da filha tirou-o por instantes daquele profundo recolhimento da alma e ele ergueu para a moça um olhar turvo, indiferente, glacial e baixou-o logo, sem dar o mais leve indício de comoção.

Arycurana, depois do primeiro movimento de surpresa, aproximou-se do cadáver e, reconhecendo que era o de sua mãe, soltou um grito dilacerante e atirou-se sobre ele, abraçando-o, cobrindo-o de beijos e orvalhando-o de lágrimas.

A infeliz Icytinga, desde que enlouquecera, apesar dos esforços empregados pelo pajé, que Siriri mandara chamar para curá-la, nunca mais quis tomar alimentação alguma, nem mesmo os remédios que lhe davam, até que finalmente faleceu poucas horas antes da volta de Arycurana.

78 Objeto usado para forrar o chão e feita a partir da carnaúba, uma palmeira da subfamília das *carifóideas*. Das folhas da carnaúba também se extrai uma cera para fabricação de vernizes, velas, pastas para soalhos, entre outros produtos.

79 Árvore da família *Asteraceae*. Pode chegar até dez metros de altura e tem casca grossa, folhas simples e elípticas.

Capítulo V

REPRESÁLIAS

Na manhã seguinte Siriri, depois de haver encerrado o cadáver de sua mulher na *igaçaba* funerária, fê-lo acompanhar pelos índios da taba, que com horríssimo alarido lhe pranteavam a morte, e foi enterrá-lo no alto do monte, onde a bela Arycurana todas as manhãs e todas as tardes ia suspirar pelo seu muito amado Borapitinga e donde à última vez que lá foi, ouvira a triste e maviosa canção de Jukeriorana.

A pobre moça ficou inconsolável pela morte de sua mãe que tão de coração a queria. Não menos inconsolável também se achava Siriri, não só pela falta que lhe fazia ela, como ainda pela dor suprema que o fazia sofrer a ideia de que tinha sido ele o causador da sua morte, prometendo matá-la, se Arycurana morresse.

Momentos há em que a dor de um coração profundamente ferido é tamanha, que sufoca todos os sentimentos supersticiosos, por mais arraigados que estejam no coração do homem. Era o que ultimamente sentia Siriri com a morte de sua mulher, foi o que começou a sentir Seregipe com o desaparecimento do seu valente Jukeriorana. Ambos supersticiosos, deixaram de temer a vingança de Tupã por amor da sua vingança; dariam a vida

inteira, se fosse preciso, por uma gota de sangue ao menos daqueles que tinham ousado perturbar o curso plácido e harmonioso da sua felicidade. Nestas disposições aguardavam a ocasião de declararem ao inimigo guerra de extermínio. A ocasião, porém, ofereceu-se mais pronta do que esperavam.

Havia decorrido um mês depois da morte de Icytinga, sem que acontecimento algum notável se tivesse dado, a não ser o progressivo estado de desgosto e magreza da pobre moça indígena.

Ao termo, porém, desse tempo, quando a noite se aproximava, ouviu-se inopinadamente o som rude da inúbia⁸⁰ que longe se propagou pelo seio das florestas, pela cumiada dos montes, pela amplidão do espaço. Siriri, absorto na profunda mágoa que lhe apremava o coração, estranho, por conseguinte, a tudo quanto se passava em redor dele, foi indiferente aos primeiros sons do instrumento guerreiro. Dir-se-ia que do abismo da sua agonia lhe era impossível ouvir o que fora se passava.

Entretanto, o aviso de guerra continuava cada vez mais atoador, mais próximo e não tardou que uma grande multidão de índios se apresentasse na *ocara* de Siriri. Como se despertasse de um mau sonho, o cacique levanta-se convulso de surpresa e sem saber ainda o que significavam aqueles sons, instintivamente lança mão do tacape⁸¹ e,

80Instrumento musical; espécie de tromba ou corneta de som rouco, usada pelos indígenas durante os combates.

81Arma ofensiva usada pelos indígenas.

atirando-se de um pulo fora da choupana, reconhece Borapitinga e exclama furioso:

– Covarde! Covarde!

Ao vê-lo, o filho de Muribeca adianta-se para ele com ar de insólita arrogância.

– Não sou covarde – torna o jovem mancebo guerreiro; – sou filho de um cacique tão poderoso e valente como Siriri e o grande Seregipe. A formosa Arycurana é senhora do coração de Borapitinga. Ele vem declarar a guerra, vem matar Siriri como matou Jukeriorana, se Siriri não consente que sua filha seja mulher de Borapitinga.

Apenas o insolente moço deixou de falar e antes que o cacique tivesse tempo de lhe responder, numerosa cabilda⁸² de índios caiu de surpresa sobre a gente de Borapitinga que, impossibilitado de se defender, foi lançado por terra e amarrado de braços para trás.

– Jukeriorana! Grande Jukeriorana! – exclamou Siriri quase desvairado de alegria, tornando a ver o sobrinho que ele acreditara ter sido assassinado pelo filho de Muribeca.

Era com efeito Jukeriorana quem acabava de prostrar o seu rival e dele se apoderava absolutamente. Siriri, depois de ter pago ao sobrinho o tributo da admiração a que ele acabava de ganhar o mais incontestável direito, pôs-se à frente dos índios que Jukeriorana comandara e deu ordem para perseguirem sem piedade a tropa de Borapitinga, a qual, vendo-se sem chefe que os comandasse, tratou logo de fugir covardemente, sem tentar

⁸²Bando de nativos aldeados, geralmente pertencentes a uma mesma família e moradores do mesmo lugar.

o menor esforço para salvar o filho do presunçoso e traçoeiro Muribeca.

Jukeriorana, porém, enquanto Siriri perseguia inexoravelmente e aniquilava a maior parte dos fugitivos, se dirigiu para a taba de seu pai, levando Borapitinga escoltado por meia dúzia de índios, em quem mais confiança depositava. Tão precipitado saiu, que nem a lembrança teve de se despedir da formosa e querida Arycurana; e tão ligeiro andou, que em poucas horas conseguiu chegar à taba paterna.

Havia dois meses e alguns dias que Seregipe não via o filho, tanto era o tempo decorrido desde a festa de *Sumé* até a sua volta à aldeia de Seregipe. Quando o mancebo se apresentou, o pai não o conheceu, tão demudado estava ele! Jukeriorana pela extrema magreza de corpo e sombria austeridade do aspecto causava ao mesmo tempo compaixão, respeito e horror. Foi o que Seregipe sentiu ao tornar a ver o seu idolatrado filho depois de tê-lo julgado morto.

Transportado de indizível júbilo, Seregipe, passada a primeira impressão, o recebe nos braços e com voz profundamente comovida, esforçando-se por conter o pranto que tendia a ir romper-lhe do coração:

– Filho meu, meu querido Jukeriorana, diz o que é feito de ti? Por onde tens andado? O que é que tens, ó filho, que tão mudado te vejo daquele formoso e esbelto guerreiro, que era o terror de todas as tribos desta terra?

O mancebo não tinha querido apresentar a seu pai o prisioneiro antes de cumprimentá-lo. Seregipe, por

consequente, ignorava ainda as proezas e os sofrimentos do filho. Este, portanto, sentando-se no chão a exemplo do pai, que no chão também se havia sentado, respondeu deste modo:

– Ouve grande pai, o que teu filho tem sofrido desde a festa de *Sumé*, quando Borapitinga foi a taba de teu irmão e me roubou o coração de Arycurana, que eu amava como a filha mais formosa de Tupã e que devia ser minha esposa.

E o mancebo contou ao pai ponto a ponto a história dos seus sofrimentos durante os dois meses de ausência. É pouco mais ou menos o seguinte, que nos é possível reproduzir:

Terminada a festa, e no momento em que Borapitinga se despedia para partir, Jukeriorana deixou o seu ecúleo de dores no seio da floresta e seguiu para o sul, tomando a estrada por onde presumiu que seu rival passaria. Enganou-se. O filho de Muribeca, saindo da taba de Siriri, tomou caminho diametralmente oposto, dirigiu-se para o norte. Por muitos dias andou percorrendo grande parte da estrada que vai de Cotinguiba à Itabaiana na espera de encontrar-se aí com Borapitinga; esperou debalde. Presumindo, finalmente, que ele teria tomado outro caminho, resolveu ir esperá-lo nas vizinhanças da taba de Muribeca e seguiu para lá.

Muitos dias também passou ele aí oculto em uma floresta, aguardando a ocasião de encontrá-lo e batesse com ele. Um dia, finalmente, pela manhã, Borapitinga penetrou

na mesma floresta acompanhado de alguns índios para caçar antas ou tigres.

Borapitinga, ao deixar a taba de Siriri, deliberara fazer uma excursão por todo o norte, da qual voltara à aldeia paterna dois dias antes daquele em que penetrara na floresta. Jukeriorana saiu-lhe ao encontro e declarou-lhe o fim para que aí se achava.

O filho de Muribeca ao vê-lo empalideceu diante da atitude do valente mancebo. Quis a princípio recusar-se e mandar que os índios, que levava consigo, o assassinassem; mas vendo que o número deles era muito pequeno para fazer frente a tão formidável adversário e que tanto ele mesmo como os que o acompanhavam, morreriam decerto aos golpes do valoroso filho de Seregipe, se aceitasse então o desafio, prometeu que viria lutar com ele no dia seguinte à mesma hora, o que não fazia naquela ocasião, porque seu pai lhe tinha ordenado que matasse um tigre e uma anta para mandar de presente a seu genro, filho de Pacatuba, que lhe tinha mandado um couro de jiboia e couraça de jacaré.

Com efeito, os três índios, que conseguiram escapar da refrega, logo que chegaram à taba de Muribeca, referiram o que se tinha passado, acrescentando que Jukeriorana estava prevenido com uma numerosa cabilda de índios, a maior parte dos quais morreram inclusive ele, cujo cadáver os poucos que sobreviveram, conduziram para a taba de Seregipe depois de haverem enterrado todos os outros.

Borapitinga mostrou-se desesperado com a perda da sua gente; mas Muribeca procurou consolá-lo, prometendo que o mais cedo possível declararia guerra a Serecipe e a Siriri.

Satisfeito com a promessa, Borapitinga começou a preparar-se, enquanto Jukeriorana, deixando a floresta onde acabava de ser traiçoeiramente acometido pela gente de Muribeca, se encaminhara para Cotinguiba em busca de um refúgio onde pudesse pensar os seus ferimentos.

Existe à meia légua ou quarto de légua da cidade de Laranjeiras, perto de Tramandaí⁸³, uma grande rocha calcária em forma de forno, cujo interior é dividido em diversos repartimentos que parecem obra da mão do homem e, no entanto, é um verdadeiro prodígio de natureza. Não sabemos que denominação lhe davam os indígenas; hoje, porém, é conhecida pela designação de *Pedra Furada*⁸⁴.

Foi aí que se refugiou Jukeriorana por espaço de mês e meio, enquanto se restabelecia dos seus ferimentos e só saía de manhã e à noite. De noite saía para armar laços aos coelhos e de dia para ir buscá-los. Em uma das manhãs, em que ele saía para ver se alguma caça tinha caído nos laços armados na floresta fronteira ao monte, em que Arycurana, desde o desaparecimento dele e despedida de

83Riacho afluente do rio Cotinguiba, localizado no município de Laranjeiras.

84Gruta ou refúgio da *Pedra Furada*. É uma caverna calcária no atual distrito de Machado, no município de Laranjeiras. Tem comprimento de 2 km e sua estrutura é tombada como patrimônio estadual de Sergipe, desde 1990.

Borapitinga, costumava ir todas as manhãs e todas as tardes entregar-se às dolorosas cismas do seu amor. Sem que pudesse ser visto, ele pode vê-la sentada à sombra das palmeiras, olhos fitos no firmamento azul, enquanto dois fios de pérolas lhe desciam brandos e silenciosos pelas faces deliciosamente amorenadas e belas. O apaixonado mancebo esqueceu absolutamente o que ali tinha ido fazer para pôr-se a contemplar estático por muito tempo o ídolo da sua adoração.

A formosa donzela desapareceu e ele continuou a vê-la, como se ela estivesse ainda sentada à sombra das palmeiras do monte. Chegou a tarde, Arycurana assomou de novo no monte e Jukeriorana ainda lá estava no mesmo êxtase. Quando ela ao carregar da noite se retirou, Jukeriorana retirou-se também.

No dia seguinte, às mesmas horas, foi ele colocar-se no mesmo ponto da floresta e Arycurana já lá estava; horas depois ela desapareceu, mas ele ficou ali, como se ali estivesse a alma do seu corpo, a vida da sua alma. O desgraçado já de nada mais cuidava, nada mais fazia, nada mais desejava do que ver e contemplar de longe a mulher que ele amava apaixonadamente e que desatinava de paixão por outro.

E, pois, daquele dia em diante Jukeriorana todas as manhãs e todas as tardes ia sentar-se no mesmo lugar até que, finalmente, já não podendo resistir por mais tempo o martírio lento e profundo que silencioso e escuso suportava, prorrompeu naquela canção que o leitor já

conhece. Cantando-a, quis unicamente demonstrar à ingrata Arycurana que ele não a esquecia, não a perdia de vista.

Logo que a donzela desceu do monte, ele saiu da floresta e foi acompanhando-a de espaço, de modo que ela não o pudesse ver. Quando Arycurana entrou na choupana do pai, ele ficou do lado de fora, mas um pouco próximo da porta e daí pôde ouvir tudo quanto a mãe e a filha conversavam. Ouvindo a moça dizer que por amor de Borapitinga ela seria capaz de matá-lo, ele entrou imediatamente para em compensação do que ela dizia protestar-lhe a sua proteção contra o mal que lhe quisessem fazer a ela.

Retirando-se da choupana de Siriri no momento em que a moça se arremessara para matá-lo talvez, percorreu durante a noite a taba do tio, aliciando gente para acometerem a taba de Muribeca. Com efeito, quando Jukeriorana conseguiu pôr à sua disposição uma força numerosa, começava a romper o dia.

Antes de partir para taba de Muribeca quis ir colocasse no mesmo sítio da floresta, donde costumava ver a sua adorada Arycurana sentada à sombra das palmeiras do monte. Queria dizer-lhe o último adeus talvez. Quando, porém para lá se encaminhava, viu-a com Icytinga seguir caminho diverso daquele onde era uso seu ir chorar as saudades do seu querido Borapitinga.

Imediatamente o apaixonado mancebo esqueceu a sua vingança, esqueceu o seu exército, esqueceu o seu rival para só se lembrar de seguir a pista das duas peregrinas e irresistivelmente as acompanhou até a choupana do pajé.

Enquanto elas, sentadas no terreiro consultavam o charlatão, ele, escondido na floresta fronteira, presenciava sem poder ouvir, o colóquio dos três, colóquio que ele adivinhou, porque um coração atormentado de zelos tem olhos e ouvidos que veem e ouvem através das maiores distâncias, através das mais grossas muralhas, no meio da treva mais impenetrável.

Quando Arycurana, despedindo-se de sua mãe, se entranhou na floresta, passou bem próximo dele que estremeceu dos pés à cabeça, como se tivesse havido um terremoto, ao sentir o ar agitado, ao ouvir o ranger das folhas e ao ver passar como uma sombra o vulto encantador da bela Arycurana. Não obstante, ainda teve forças para acompanhá-la e acompanhou por toda a parte sempre, sem que ela pudesse, nem de leve, presumir que ele a acompanhava.

Muitas vezes a infeliz donzela, que não trazia no coração, nos lábios e no pensamento senão o nome de Borapitinga, durante a sua penosa peregrinação, caiu de cansaço e de desânimo e desacordara por longas horas no seio pavoroso das florestas, ou ao longo das margens ermas dos rios ou sobre a cumeada íngreme das serranias. Quando acordava, surpreendia-se de ver ao seu lado toda a casta de frutas e caças, o terreno em torno todo varrido e as cinzas ainda fumegantes de uma fogueira acesa à certa distância para afugentar as serpentes.

Se, por ventura, algum tigre ou outro animal feroz a acometia, uma flecha inflamada descia das nuvens, como por encanto, e instantaneamente, prostrava morto aos pés

da vítima fraca e indefesa o sanhudo animal. Sem poder explicar todos esses prodígios, Arycurana acreditava que algum *manitô*⁸⁵ por ordem de Tupã velava por ela. Com tal crença cada vez mais animosa e forte se sentia para levar ao termo a tremenda penitência que o mesmo Tupã pela boca do pajé lhe tinha imposto.

Terminada a penitência, e depois que Arycurana se recolheu à choça paterna, o heroico filho de Seregipe de novo se foi refugiar na *Pedra Furada* para repousar alguns dias, porque estava bastante alquebrado pelas vigílias; enquanto a donzela peregrinou ele não dormiu. Ao quinto dia de repouso, saiu de madrugada para a taba do tio com o fim de reunir de novo a força que estava prestes a marchar contra Muribeca, quando ele encontrou Arycurana em caminho para a choça do pajé e se dispersou logo que viu que ele não voltava.

Enquanto Jukeriorana se preparava para a vingança, o filho de Muribeca, à frente de uma grande mó de guerreiros, dirigia-se à choupana do charlatão afim de consultá-lo sobre o partido que deveria tomar a respeito da formosa filha de Siriri. Consultado, o charlatão respondeu que, uma vez morto Jukeriorana como ele Borapitinga acabava de dizer, ele deveria ir pedir Arycurana a Siriri para sua mulher; que, se o cacique lhe recusasse, Borapitinga lhe declarasse a guerra e depois de morto o pai levasse a filha consigo.

85Gênio tutelar; espécie de demônio entre os indígenas americanos.

Borapitinga nada mais quis ouvir e partiu imediatamente para a taba de Siriri, onde chegou ao anoitecer e quando Jukeriorana, pronto a partir com a sua gente para a taba de Muribeca, esperava o romper do dia. Ouvindo os sons bélicos da inúbia, ele imediatamente mandou formar a sua gente e oculto na floresta, esperou o inimigo disposto a exterminá-lo, quem quer que ele fosse. Não tardou muito que Borapitinga aparecesse na ocara.

O mancebo mandou um dos índios em que mais confiança depositava presenciar o que se passava. O emissário não precisou de ouvir tudo quanto o filho de Muribeca disse a Siriri para compreender do que se tratava. Imediatamente foi dar conta a Jukeriorana do que ouvira; este, incendiado de ciúme, fez marchar incontinentemente a sua força de sorte que, quando o insolente Borapitinga dirigia ao cacique as últimas ameaças, se viu de improviso cercado, enquanto a sua gente se dispersava, fugia.

Foi isto pouco mais ou menos o que Jukeriorana narrou ao pai; terminada a narração, Seregipe no auge do entusiasmo abraça de novo o filho e ordena que seja conduzido à sua presença o prisioneiro. O próprio Jukeriorana foi desatar-lhe as embiras, que o manietavam e entrou com ele na choça paterna.

Borapitinga estava pálido, trêmulo, não de medo, mas de furor, de ciúme, de desesperação por se ver vencido e julgar perdida para sempre a sua adorada Arycurana.

Capítulo VI

FESTA E SUPLÍCIO

Introduzido Borapitinga na cabana de Seregipe, este por alguns minutos contemplou-o atento e mudo, tendo nos lábios, enquanto o contemplava, um sorriso de desprezo e sarcasmo, que mais agravava a desesperação e a dor do desgraçado mancebo.

– Sabes – pergunta finalmente Seregipe – que vais morrer, porque atraíste o valente Jukeriorana e, depois que morreres, hei de declarar guerra de morte ao covarde cacique da Miaba que morrerá também como tu vais morrer?

– Muribeca – respondeu o mancebo com toda arrogância – é tão valente e poderoso como Seregipe, eu sou tão corajoso e valente como Jukeriorana; assim como eu não temo Jukeriorana, meu pai não teme Seregipe.

– Leva-o – torna o cacique dirigindo-se ao filho – trata esse miserável traidor como se fosse nosso hóspede até o dia em que eu tenha de festejar a tua vitória, que há de ser também o dia da sua morte.

Jukeriorana saiu com Borapitinga e daquele dia em diante os dois mancebos rivais pareciam dois amigos inseparáveis, tanto mais quanto não podia ser melhor o tratamento que o filho de Seregipe dava ao filho de Muribeca.

Se, porém, uma outra vez Jukeriorana tinha necessidade de separar-se dele por algum tempo, confiava-o à guarda do fiel e dedicado Iramaia, velho índio muito amigo de Serecipe e do filho deste.

Arycurana tudo ignorava, não só porque, depois da morte de Icytinga, teve de mudar-se para a casa do tio, de sorte que não presenciou a prisão do amante, como porque, apesar dos esforços que Imirapiranga empregava para distraí-la das saudades de sua mãe, a mísera donzela cada vez mais triste, mais alquebrada, não parava na choupana do tio; a sua única distração era vagar sozinha pelos ermos. Além disto havia da parte de todos grande empenho em se ocultar a prisão de Borapitinga.

Debalde a boa Imirapiranga se esforçara por varrer-lhe da mente a ideia de que fora ela a causa da morte de sua mãe e inculir-lhe no espírito a esperança de que Tupã mais cedo ou mais tarde, compadecendo-se dela, faria que Borapitinga fosse seu esposo.

A nada, porém, a mísera donzela queria atender. Perdida para sempre a sua tão querida e amorosa mãe, já não podendo mais contar com o amor de Borapitinga, que se fora para nunca mais voltar, enojando, por conseguinte, a vida que lhe pesava de saudades e remorsos incessantes, depois de haver ela cumprido fielmente a penitência que lhe impusera Tupã pela boca do pajé; que outra coisa mais podia fazer a desditosa Arycurana do que todas as manhãs, vagando pela solidão dos serros, ir banhar a sua adorável cabeça nos primeiros alvares do dia, misturando os orvalhos da sua alma com os orvalhos do céu no cálice

acetinado das flores e pedindo a Tupã que lhe abreviasse os dias, ainda tão novos e já tão amargurados? Que outra distração podia ela encontrar no seio da natureza virgem do que, percorrendo pelas selvas nas noites claras ir sentar-se à beira do lago e contemplar saudosa na imagem melancólica da lua a bela imagem da felicidade que lhe sorriu e passou?

Que lhe importavam todas as harmonias, todas as pompas daquela natureza exuberante de vida e esplendor, quando a vida lhe era uma longa tortura? Desde a florinha do vale até o majestoso jequitibá⁸⁶, desde o arroio que murmura na devesa⁸⁷ até a catadupa⁸⁸ que se despenha da serra, tudo para ela tinha perdido o encanto, desde que, depois da morte de sua mãe e da perda do seu amante, se lhe condensou na alma à noite da desesperança e da saudade.

Entretanto, o dia do suplício de Borapitinga e da festa de Jukeriorana, finalmente, chegou. Até aquele dia Muribeca ignorava inteiramente o destino do filho, porque nenhum dos homens, que tinham acompanhado o mancebo à taba de Siriri, pôde escapar com vida. Siriri com a sua gente havia-os inteiramente exterminado. Nenhum houve, por conseguinte, que pudesse levar ao pai notícias do filho.

Desde os primeiros alvares da madrugada os instrumentos dos músicos e o alarido dos selvagens atroavam os ares; a taba inteira estava em festivo alvoroço;

86Árvore muito usada em marcenaria. Planta da família das lecitidáceas.

87Lugar cercado de árvores.

88Queda d'água de considerável altura.

mas um poste erguia-se pavoroso no meio da *ocara*, como um medonho espectro no meio de um templo em festa.

A bela e infeliz Arycurana, ao deixar a sua rede de penas armada em um repartimento da choupana de Seregipe, ao lado da de sua tia, ouviu o alarido dos selvagens e o som dos rústicos instrumentos; cheia de curiosidade, antes de começar o seu passeio cotidiano, encaminhou-se para a *ocara*.

Excessiva foi a sua surpresa, vendo grande multidão de índios, armados de arco e flecha, dançando em redor do poste e saudando com selvática vozeria a imagem de Tupã em um disco resplandecente do sol, que começava a se levantar por trás das montanhas douradas do oriente. A pobre moça via e ouvia tudo aquilo, todos aqueles preparativos de festa, todos aqueles cânticos de prazer, mas ignorava o verdadeiro motivo. Entretanto, o poste levantado no meio da *ocara*, quando tudo era alegria, fazia doer-lhe o coração comprimido por um vago pressentimento e a si mesma perguntava, de olhos fitos no instrumento fatal:

– Quem será a vítima do suplício?

E no momento em que o coração, respondendo-lhe ao pensamento, lhe mandava aos lábios o nome de Borapitinga, ela estremecia, como se envenenada flecha se lhe viesse encavar no amorenado seio, e dos olhos deslizavam-lhe pelas faces dois arroios cristalinos. Essa mortificação, porém, era apenas de um momento, porque a sua razão lhe dizia que o amante nunca mais voltara por tê-

la esquecido para sempre ou caído morto aos golpes de Jukeriorana.

Depois de ter por algum tempo contemplado com angustiosa curiosidade aquele estranho quadro em que as alegrias frívolas da vida parecia escarnecerem da sombria majestade da morte, Arycurana retirou-se com o coração assoberbado de dores.

– Tupã – exclama ela percorrendo sozinha pelos ermos –, tu ordenaste à Arycurana pela boca do pajé que ela atravessasse o seio das florestas, percorresse a margem dos rios, vagasse pelo alcantil⁸⁹ dos serros e ela andou, andou, andou sempre e por todos os lugares por onde lhe ordenaste que andasse.

O grande lume que brilha no alto das *montanhas azuis*, acendeu-se e apagou-se dez vezes, enquanto a pobre Arycurana, morta de sono, de frio e cansaço vagava sozinha pelo alcantil dos serros, pela margem dos rios, pelo seio das florestas, e até hoje o seu querido Borapitinga não tem voltado! Até hoje não lhe tens dado a ela um sinal da tua amizade, ó grande e poderoso Tupã.

Pelo contrário, na mesma noite, em que a desgraçada Arycurana acabava de cumprir a sua penitência e quando já voltava cheia de confiança na tua amizade, encontra fechados os braços de seu pai, que nem sequer lhe sorriu, tornando a vê-la. E a desgraçada só teve para abraçar o corpo frio e sem vida da sua pobre mãe Icytinga! Perdida a tua amizade e a amizade de meu pai, perdida a

89 Rocha alta; despenhadeiro.

vida de minha mãe e o amor de Borapitinga, posso eu ainda viver, ó grande e poderoso Tupã?

Dizendo isto, a desditosa Arycurana sentou-se à margem do Cotinguiba e pôs-se a chorar olhando fito para as águas do rio. A hora, entretanto, da festa e do suplício estava iminente; esperava-se unicamente a vinda de Siriri a quem tanto interessava a festa quanto a Seregipe; era a morte daquele por cuja causa muito havia sofrido o filho de um, muito continuava a sofrer ainda a filha de outro.

Arycurana era quem devia ligar ao poste o filho de Muribeca. Seregipe mandou chamá-la; mas a donzela não estava na choupana nem na *ocara*. Bastante contrariado com esta circunstância, o cacique imediatamente despediu alguns homens em procura da moça, os quais dentro em pouco tempo a encontraram sentada à margem do Cotinguiba, a um quarto de légua distante da *ocara*.

A formosa donzela continuava a olhar fito para as águas, como se visse no fundo do rio alguma imagem encantadora e querida, que a atraía irresistivelmente, como se essa imagem fosse a do seu adorado Borapitinga. E tão absorta ela estava na contemplação da fantástica imagem, que não percebeu quando dela se aproximaram os que a tinham ido procurar. Ao ouvir, porém, a voz de um deles, a mísera donzela estremeceu tão violentamente, como se tivesse ouvido perto o ronco da sucuruyuba.

– Que querem comigo? – pergunta ela como assombrada a vê tanta gente.

– O cacique Seregipe – torna aquele que primeiro lhe falara – manda chamar a filha de Siriri para a festa do guerreiro Jukeriorana.

– Vai dizer a Seregipe que Arycurana de hoje em diante vai habitar as *montanhas azuis*.

Foi a única resposta da donzela que, levantando-se de onde estava, foi descendo a margem do rio, sempre com o olhar obstinadamente fito nas águas.

– O cacique Siriri espera sua filha para alegrar a festa do guerreiro Jukeriorana.

– Siriri já não tem filha e o guerreiro de quem falas, eu não conheço; – tornou ela com a mais glacial entonação, continuando sempre a andar rio abaixo.

O interlocutor já não sabia mais o que dissesse para fazer a filha de Siriri voltar à taba do tio; não tinha ordem de prendê-la e conduzi-la à força, nem de lhe revelar o principal motivo da festa. Pôs-se, por conseguinte, a excogitar algum meio pelo qual conseguisse a volta da moça quanto antes. Depois de refletir por alguns instantes disse com todo acento da verdadeira convicção:

– Se a formosa filha de Siriri não volta agora mesmo à taba de Seregipe, nunca mais poderá ser mulher de Borapitinga.

Todos já sabiam na taba, porque Icytinga contara a Siriri e este não só ao irmão como a diversos, o vaticínio do pajé a respeito dos amores da donzela com o filho de Muribeca; lembrando-se desse vaticínio, o astuto índio conseguiu o efeito que desejava, porque Arycurana, apenas

ouviu o nome de Borapitinga, voltou-se rápida e toda cheia de interesse, surpresa e amor, pergunta:

– E onde está o filho de Muribeca?

– Chegava à taba do cacique Seregipe, quando saímos a procurar a filha do cacique Siriri.

– Se Borapitinga tem de ser meu marido: para quê é aquele poste levantado no meio da *ocara*?

– O cacique Seregipe tem muitos inimigos e Borapitinga é o esposo da filha de Siriri. Siriri tem muitos inimigos e o filho de Muribeca tem de ser o filho do pai da formosa Arycurana. Se Tupã ordenou que Borapitinga seja o marido da formosa Arycurana, Tupã de certo não consentirá que ele morra. Quem sabe quem terá de morrer naquele poste? Quem pode adivinhar os segredos daquele que acende o raio e manda que o trovão apregoe rugindo a sua cólera pelos vales, pelas florestas, pelas serranias? A formosa Arycurana deve voltar à taba de Seregipe.

A interessante donzela sorriu misteriosamente; olhou ainda uma vez para o rio que parecia fasciná-la e, fazendo demorar depois um olhar brilhante, profundo, perscrutador sobre o índio que lhe falava, disse-lhe com voz de profunda e inabalável convicção:

– Eu volto; mas, se tu mentes, se tu me enganas...

Não completou o pensamento que inteiro se exprimiu no olhar cintilante que pela última vez lançou sobre as águas do rio e, voltando-se e resolutamente para os índios que a rodeavam, disse com voz pausada e solene que calou fundo no ânimo de todos:

– Vamos, Arycurana é senhora de si: sabe o que faz. Ela hoje só obedece à vontade poderosa de Tupã.

Nada mais disse e pôs-se a andar com passos quase precipitados diante da partida de índios que a acompanhavam à distância. Chegou à taba do tio no momento em que Siriri acabava de chegar também. Ao ver o pai, correu para ele toda desfeita em lágrimas e atirando-se nos braços, disse com voz Intercortada de soluços:

– Por quem és, ó pai, idolatrado esposo da desventurada Icytinga, dize-me para que é que mandam chamar? Se é para eu sofrer ainda mais do que tenho sofrido, presenciando o suplício daquele que é o senhor do meu coração, pelo amor que tinhas à minha pobre mãe, poupa à tua desgraçada filha uma dor tão grande, dor maior, mais profunda, mais cruel do que todas as dores que até hoje ela tem sofrido! Por quem és, faz que eu morra naquele poste para eu ir hoje mesmo abraçar nas *montanhas azuis* a tua esposa, a minha boa mãe, a carinhosa Icytinga. Tu que sempre foste tão bom para ela e para mim, não me negues este último favor, se não me queres vê louca ou morrer de desesperação, como Icytinga morreu. Ouve pai; ainda há pouco eu estava olhando para o fundo escuro do *Cotinguiba* e eu lá via a morte coroada de luz. E quando me foram chamar, ela sorria-me tão bela e acenava-me tão carinhosa, que eu senti um grande desejo de me atirar nos braços da morte, como se fosse a tua querida Icytinga, que do fundo das águas me acenava e me sorria.

Siriri não pode responder à filha, porque o pranto e o soluços lhe embargavam a voz. Além disto,urgia o tempo e, segundo os usos bélicos entre os selvagens, ele não podia, em que o quisesse, aceder aos desejos da donzela; por isso teve de mostrar-se inexorável e, desligando-se dos braços da filha, com o coração despedaçado de dores por ter de sujeitar a mísera donzela à um suplício mil vezes mais doloroso para ela do que para o próprio Borapitinga que tinha de morrer, ordenou-lhe terminantemente e com certa dureza até, que se fosse adornar com os seus mais belos enfeites.

Pelo modo porque o pai lhe deu essa ordem, a perspicaz Arycurana compreendeu logo que com efeito se tratava do suplício e da morte do seu amado Borapitinga.

Desde que se convenceu de que a vítima do suplício era efetivamente o amante, as lágrimas, como por encanto, secaram nos olhos e nos lábios assomou-lhe um sorriso de triunfo. Até então ela ignorava que Borapitinga vivesse ou já tivesse morrido; mas agora que sabia que era ele que tinha de ser supliciado, queria ter a ventura de vê-lo ainda uma vez e morrer com ele. Foi, por conseguinte, adornar-se com seus mais ricos enfeites.

Quando se apresentou de novo na *ocara*, todos ficaram como estupefatos ao verem-na. Arycurana excedia tudo quanto a mais fecunda e caprichosa imaginação pode criar de belo, grandioso, sublime. O seu formoso semblante parecia iluminado por um raio divino e um divino sorriso dilatava-lhe os lábios vermelhos como a pitanga.

Depois daquele momento de deliciosa estupefação, que era um justo tributo pago à peregrina beleza da filha de Siriri, todos em aplauso a ela e Jukeriorana prorromperam em frenética e descomunal gritaria que mais atroadora se tornava pelos sons da inúbia e do boré⁹⁰.

Poucos instantes depois de se ter apresentado Arycurana, apresentou-se também Borapitinga escoltado por Jukeriorana e Iramaia; não demonstrava o mais leve indício de medo; pelo contrário, um sorriso de orgulho e altivez claramente indicava o desprezo com que sabia encarar a morte. Ao aproximar-se do poste lançou um olhar de arrogância e provocação sobre todos que ali se achavam; dando com os olhos em Arycurana, estremeceu ligeiramente, levou ambas as mãos ao peito e olhou para o céu, sem proferir uma única palavra.

Continuando a percorrer com os olhos o círculo dos espectadores, como procurando alguém que finalmente encontrou, um *** rugido saiu-lhe do peito; acabava de ver Seregipe Siriri e Jukeriorana que, colocados por trás de um dos grupos, consultavam sobre o gênero de suplício que devia ser infringido a Borapitinga. Arycurana em pé, no meio da *ocara*, ao lado de Iramaia esperava a ordem para ligar o mancebo ao poste. Ao ver os seus inimigos, os olhos de Borapitinga cintilaram como dois vagalumes, o corpo inteiro vergou como tronco da sucupira ao sopro das ventanias, mas ele, assumindo imediatamente uma atitude majestática e imponente, disse com voz firme e pausada:

90Flauta indígena, feita de bambu ou taquara, usada para acompanhar as danças.

– O filho de Muribeca vai morrer porque é valente como a tempestade e como o rio caudaloso que derriba e arrasta diante de si tudo o que vai encontrando. Borapitinga, quando deseja, é mais forte que o rio e a tempestade; se encontra no caminho dos seus desejos algum embaraço, ele o aniquila. Se esse embaraço é um homem, ele o mata, ainda que esse homem seja o filho de Seregipe. Arycurana, a virgem mais formosa, que desceu das mãos de Tupã para a terra dos tupinambás, era senhora do coração de Borapitinga. Jukeriorana era o embaraço que fazia que o filho de Muribeca não pudesse chegar até a mais formosa *manacá* desta taba, Borapitinga quis que esse embaraço desaparecesse e mandou matar o filho de Seregipe. Borapitinga não se arrepende, fez o que devia, fez o que faz a tempestade e o rio, porque ele, quando deseja, é mais forte que o rio e a tempestade. Muribeca é mais poderoso e valente do que Siriri, é tão poderoso e valente como Seregipe. Borapitinga morre contente e feliz, porque morre sabendo que a formosa Arycurana o ama e que Muribeca vingará a morte de seu filho querido. Podem, portanto, matar-me.

– O filho de Muribeca – disse Seregipe – é um covarde; não merece o nome de guerreiro. Tudo quanto ele acaba de dizer é um embuste, uma impostura que muitos miseráveis costumam ter quando não podem escapar da morte. Jukeriorana, o meu querido filho, o mais valente guerreiro destas tabas, foi pedir luta franca e leal com ele, corpo a corpo, arco por arco, até um dos dois morrer, para o que ficasse, ser marido da formosa filha de meu irmão.

Borapitinga teve, porque devia ter, medo do valente Jukeriorana; prometeu que lutaria e na hora da luta, o covarde, o traidor, o miserável não apareceu e mandou assassinos para o matarem. Acreditando, porque provavelmente lhe disseram, que o filho valente de Seregipe tivesse morrido, Muribeca, porque é o cacique mais fraco e por isso mesmo mais vaidoso, mandou o seu desgraçado filho ameaçar o meu irmão para roubar-lhe a filha.

Eu nada sabia; Jukeriorana foi que me disse, quando se apresentou, depois de muito tempo em minha taba, conduzindo preso e amarrado o filho insolente do vaidoso Muribeca. E depois que Jukeriorana me contou tudo quanto Muribeca e Borapitinga lhe tinham feito, o meu coração disse aos meus ouvidos, para que meu filho, que é a minha glória, não ouvisse:

– O filho de Seregipe nunca mais entraria na *ocara* de seu pai ou, se entrasse, morreria imediatamente, se não mostrasse que era o mais valente dos tupinambás, o filho de Seregipe, matando ou prendendo o filho covarde do vaidoso Muribeca. Borapitinga que é mais forte e também mais traiçoeiro do que o rio e a tempestade, deve portanto, morrer da morte dos covardes. O filho morrerá hoje, o pai morrerá mais tarde. O meu irmão Siriri ordene à sua filha...

– Já sei o que devo fazer – interrompeu Arycurana, encaminhando-se para Borapitinga, que estava em pé encostado ao poste a que devia ser ligado para sofrer o suplício. Iramaia acompanhando-a entregou-lhe as

embiras⁹¹. A donzela recebeu-as com a mais profunda calma e aproximou-se do amante sem proferir uma só palavra. Borapitinga demorou sobre a donzela um olhar cheio de amor e compaixão e estendeu-lhe os pulsos, dizendo em voz muito baixa que só ela pudesse ouvir:

– Morrendo pelas mãos da mais formosa virgem destas solidões, Borapitinga morre feliz.

– Feliz debes morrer – torna a moça no mesmo tom, enquanto o amarrava – porque a tua Arycurana te vai esperar nas *montanhas azuis* ao lado de Tupã.

Tendo acabado de amarrá-lo ao poste, a donzela afasta-se um pouco e, sem esperar que o suplício se consume, diz em voz alta e solene:

– A desgraçada filha de Icytinga, que hoje vive ao lado de Tupã, nas *montanhas azuis*, ama apaixonadamente o guerreiro Borapitinga; por amor dele a filha infeliz de Siriri será capaz de todos os sacrifícios, esquecerá tudo, até a própria vida desde o momento em que ele deixar de viver. O formoso filho de Muribeca morre, porque o filho de Seregipe deseja que ele morra, para ser marido de Arycurana; mas Arycurana terá morrido, quando Borapitinga deixar de viver.

Dizendo isto, a intrépida e extremosa donzela embebe no peito uma faca de pedra lascada de que se tinha armado, quando se fora enfeitar para a festa de Jukeriorana. À vista do sangue que lhe começava a cair em borbotões Siriri, Seregipe, Jukeriorana, e Iramaia correram a socorrer a

⁹¹Denominação para plantas, particularmente da família das anonáceas, que fornecem material para cordas e estopa; fibra vegetal.

mísera donzela, que desmaiou nos braços do pai. Neste momento, assoma na *ocara* o pajé, como de improviso, pondo-se ao lado do padecente e falando com voz fatídica e solenemente compassada:

– Serecipe, o grande pai do mais valente guerreiro tupinambá, e Siriri, o famoso pai da mais bela *manacá* destes sertões, zombaram das ordens irrevogáveis de Tupã, desafiaram a sua grande cólera e Tupã, querendo castigar os caciques rebeldes às suas ordens, manda o formidável inimigo, que há de reduzi-los à escravidão, ou condená-los à morte, se enquanto é cedo, não se arrependerem, não lhe pedirem perdão, não recuarem do caminho encetado,

Ao ouvirem essas palavras todos ficaram aterrados, inclusive o próprio Serecipe que nada temia, e Jukeriorana, que só temia a fuga de Borapitinga.

– Como sabes tudo isso, pajé? – pergunta Serecipe.

– Do alto daquela montanha podes ver a verdade – respondeu o pajé, apontando para a montanha fronteira.

Serecipe subiu e após ele subiram todos quantos se achavam na *ocara*, menos Siriri que, preocupado do acidente da filha, mandou conduzi-la, quanto antes, para dentro da choupana, a fim de lhe prestar os precisos socorros, ajudado por Imirapiranga que como mesinheira⁹², era muito superior ao próprio pajé, segundo era crença entre os índios.

Poucos minutos demoraram-se no alto da montanha, ao voltarem ainda mais aterrados do que tinham

92Mulher que trata ou aplica mezinhas (chás, infusão); curandeira.

subido, já ninguém encontraram na *ocara*, senão o pajé, encostado ao poste em que pouco antes Borapitinga teria de morrer. O pajé parecia mergulhado na mais profunda meditação e ascética tristeza.

– O que havemos de fazer agora, pajé? – perguntou Serecipe, sem se lembrar mais de Borapitinga.

– Lutar até vencer ou morrer. – torna o pajé que subindo de novo à montanha desapareceu.

Capítulo VII

A LUTA

O que Seregipe e quantos o haviam acompanhado até o alto da montanha, presenciaram foi uma numerosa multidão de índios armados em guerra, no meio dos quais vinha Muribeca que os comandava.

Muribeca tendo concedido ao filho licença para ir à taba de Siriri pedir-lhe a filha para sua mulher, esperava que o mancebo voltasse dentro em poucos dias com a ditosa realização dos seus mais veementes desejos. Vendo, porém, que ele não voltava e ignorando completamente o que se havia passado entre Borapitinga e o pai da formosa Arycurana, começou a temer seriamente pelos dias do mancebo e, para tranquilizar-se, foi sem demora consultar o pajé a respeito dos amores dele pela filha de Siriri.

O charlatão prometeu que no fim de dois ou três dias lhe iria levar a resposta, porque ele tinha de falar à meia noite com Tupã. Muribeca retirou-se para a sua taba e no dia seguinte, o pajé foi pela madrugada à taba de Seregipe. Aí soube o dia e a hora em que Borapitinga teria de morrer. Imediatamente o charlatão voltou o quanto antes comunicou a Muribeca o destino do filho. Sem perda de tempo o cacique reuniu toda a sua gente à gente de Japarutuba e Pacatuba e partiu pressurosamente para chegar a tempo de salvar o filho.

O pajé, que tinha mandado dizer a Muribeca o dia e a hora do suplício, sabendo que o cacique não faltaria, foi pouco antes da hora em que Borapitinga devia ser supliciado, colocar-se no alto da montanha de que já falamos e donde ele podia, sem ser visto, ver não só o que se passava na *ocara* de Seregipe, como também na estrada.

Com efeito, no momento em que Arycurana acabava de ferir-se, ele viu a gente de Muribeca ir-se aproximando; rapidamente desceu com o fim de poder salvar o mancebo, soprando a chama da superstição no ânimo dos inimigos deste; porquanto, se assim não procedesse, primeiro que a tropa de Muribeca chegasse, já Borapitinga teria morrido e a luta se empenharia debalde, sem proveito para o desgraçado mancebo.

Não tardou muito, porém, que a tropa de Muribeca invadissem com a mais formidável sanha o território de Seregipe. Este não tinha tido tempo de reunir todos os seus guerreiros; não obstante, fez soar a inúbia cujos sons atroaram os ares; fiéis ao sinal de guerra, em poucos instantes, os índios da taba se apresentaram pela maior parte.

Siriri, logo que ouviu os sons bélicos e viu que era Muribeca que se apresentava em atitude ameaçadora, nem mais quis saber do estado da filha; entregando-a aos cuidados de Imirapiranga, partiu imediatamente para a sua taba, onde reuniu todo o seu povo e voltou a reforçar as forças do irmão.

A luta já se havia empenhado. Não muito numerosa era ao princípio a gente de Seregipe, mas a pouco e pouco

as suas fileiras se foram engrossando, graças aos esforços de Jukeriorana que, não querendo tomar parte na luta, sem que primeiro tivesse reunido um grande número de guerreiros, sustentava, finalmente, com o costumado denodo e valor o choque formidável do inimigo que, ao ver a pequenina força contra que combatia, se creu vitorioso e se convenceu de que dentro em poucos minutos teria de vingar a afronta feita a seu filho com a morte de Jukeriorana, Siriri e Seregipe.

Algumas horas depois de um lutar sanguinolento, encarniçado, tenaz, em que de parte a parte se praticaram prodígios de selvático valor, em que uma abóbada de flechas anoitecia o espaço e o chão se cobria de centenas de mortos e moribundos, a vitória pendia para o lado de Muribeca, que, julgando-se o mais poderoso dos caciques tupinambás, por esta circunstância se convenceu ainda mais do que efetivamente o era, sem reparar no pequeno número das forças de Seregipe. Chegou, porém, na melhor ocasião, Siriri com toda a sua gente, que igualou as forças com as do adversário.

Mas, Muribeca, já um pouco enfraquecido apesar de haver lutado até então com forças muito superiores, ao ver chegar o reforço de Siriri, imediatamente tratou de retirar-se. Foi, porém, debalde a sua tentativa, porque os guerreiros de Seregipe e Siriri os perseguiram sem trégua, encarniadamente até que Muribeca e de novo o filho caíram em poder dos dois caciques irmãos.

Estava, por conseguinte, decretada irrevogavelmente a morte do pai e do filho; Muribeca e Borapitinga tinham

de ser executados quando Arycurana se restabelecesse ou morresse.

A donzela, em poucos dias, restabeleceu-se, porque a sua ferida não tinha sido grave. O desfalecimento, que lhe sobreviera, foi devido unicamente à dor do golpe produzido por um instrumento bárbaro, como deve ser uma faca de pedra lascada.

Ao termo de um mês, Arycurana estava completamente restabelecida e tinha inteira convicção de que o seu querido Borapitinga já não vivia. Em consequência disto, o seu espírito caíra em estado de profundo desprezo ou indiferença para com tudo que a rodeava, porque se havia inteiro concentrado na ideia da morte daquele que ela tão apaixonadamente amava. O próprio pai, o tio e a extremosa Imirapiranga pareciam-lhe pessoas ou muito desprezíveis, ou completamente estranhas, porquanto nunca mais ergueu os olhos para eles, desde que se convenceu de que o filho de Muribeca já tinha morrido. Nunca mais lhes sorriu, nunca mais lhes falou.

Os próprios parentes, respeitando o angustioso padecer da donzela, não lhe ousavam falar. Imirapiranga era a única que de quando em quando se atrevia a dirigir-lhe palavras de consolação que lhe resvalavam pelo ânimo impassível, como os orvalhos da aurora pelo tronco árido.

Os únicos objetos, cuja lembrança ela guardava no santuário da alma eram, primeiramente a imagem adorável de sua mãe, depois a do seu amado Borapitinga e

finalmente a da ondina⁹³ que ela vira lhe acenar do fundo do rio. Arycurana tinha rompido inteiramente com as festas da sua taba, com os encantos da terra de seu berço e aguardava a oportunidade para ir lançar-se nos braços da ondina que tinha de a levar talvez aos braços de sua mãe, aos braços de Borapitinga, aos braços finalmente do grande e poderoso Tupã.

Esta ideia consoladora para um espírito profundamente ignorante e supersticioso, foi o que apressou talvez o restabelecimento da donzela que ao termo de um mês já se achando, como dissemos, completamente restabelecida, se adornou com os mesmos enfeites com que tinha ido assistir ao sacrifício de Borapitinga e, sem dizer coisa alguma à tia, saiu sem que ninguém a visse, e dirigiu-se de madrugada para a margem do *Cotinguiba*. Chegando ao mesmo lugar em que tinha visto a ondina e onde fora encontrada pela gente de Seregipe no dia em que o filho de Muribeca devia ser supliciado, a donzela estendeu durante alguns minutos um longo olhar por cima das águas e nelas precipitou-se depois.

Apenas Arycurana desapareceu no fundo do rio, cuja correnteza refervia em medonho vórtice, um índio chega com precipitada ligeireza ao mesmo lugar donde a moça se havia arremessado, arremessa-se também e, com ela, também desapareceu no vertiginoso fundo. A pouco e pouco foram chegando outros ao mesmo lugar, onde

93Ninfa que habita nas ondas ou águas.

pararam e se puseram a percorrer com a vista não só o rio como os arredores em busca dos dois primeiros.

Como não os tivessem podido ver, dispersaram-se pelas margens e sítios circunvizinhos a ver se os encontravam. Inúteis foram, porém, os esforços; desconsolados, por conseguinte, voltaram todos à cabana de Seregipe. Era esse exatamente o dia de novo designado para o duplo suplício de Muribeca e Borapitinga. A maior parte da gente achava-se atarefada com os aprestos⁹⁴ da festa e do castigo. A velha Imirapiranga era a encarregada de assar as caças e preparar o cauim e outros vinhos feitos de frutas.

Foi conhecida a ausência da donzela, quando Siriri, depois de tudo pronto, mandou chamá-la para exercer as mesmas funções, que lhe foram reservadas à primeira vez, no suplicio não consumado do amante. Todos na taba ficaram sobressaltados e aflitos, tanto mais, quanto com o desaparecimento da filha de Siriri, coincidira o de Jukeriorana. Imediatamente Seregipe mandou procurá-la no mesmo lugar, onde ela tinha sido encontrada à primeira vez. Como o leitor acaba de presenciar, os emissários, nada encontrando, voltaram desconsolados a dar parte a Seregipe dos seus inúteis esforços.

Entretanto o índio, que se arremessara no rio após a donzela, escusamos dizê-lo, não era outro senão Jukeriorana que nunca perdia de vista sua formosa e idolatrada prima, ainda mesmo quando andava ausente da taba do tio ou da

94Preparativos; preparos.

do pai. Tendo-se levantado muito cedo para dar ordens relativas à festa que se tinha de celebrar pelo triunfo de Seregipe e Siriri e pela morte que se preparava, de Muribeca e Borapitinga, Jukeriorana, depois de haver ordenado, tudo quanto se devia fazer, e incumbido a Iramaia a guarda dos prisioneiros, foi colocar-se no mesmo sítio escuro da floresta fronteira à choupana de seu pai e donde, durante a festa de Sumé, presenciara agonioso e verdadeiramente desgraçado os triunfos do seu rival, que ao lado da mais bela mulher daquelas sombrias e inóspitas solidões se reputava o predileto de Tupã em vista das incontestáveis provas que ela exhibia de amor por ele.

Jukeriorana ali se tinha ido esconder com o único fim de lorigá-la por um instante ao menos, quando ela saísse da choupana. Com efeito ela saiu; o mancebo pasmou ante a estranha beleza da moça indígena, o tanto mais impressionado ficou, quanto ela saíra adornada com os seus mais ricos trajes. Cheio de curiosidade, quis saber aonde ela se dirigia e, quando a viu tomar para as bandas do *Cotinguiba*, acompanhou-a de espaço sem que ela o pudesse ver, nem pressenti-lo.

Oculto na mata que margina o rio, viu Arycurana arremessar-se às águas. Imediatamente ele correu para salvá-la e já sabemos que o rio o envolvera na sua voragem⁹⁵ como tinha envolvido a donzela.

Exímio nadador como era, não esmoreceu e pôs-se a nadar como um peixe apesar da correnteza; mergulhou

95Redemoinho; sorvedouro.

profundamente a ver se a encontrava no perau⁹⁶. Nada encontrou; subiu à tona da água e olhando em torno resvalou pela superfície do rio. Não precisou ir muito longe, porque à pouca distância do lugar, donde se tinha precipitado, estava um vulto de mulher enredado numas balsas que se alongavam transversalmente pelo leito do rio. Pôde vê-lo, quando os outros não o tinham conseguido, não só pela posição como pela distância em que se achava a desditosa Arycurana inteiramente desfalecida. Tomá-la debaixo de um braço e vir nadando para a terra com o outro braço apenas, foi o mais supremo esforço de que só seria capaz um gigante e ele realizou com extrema facilidade e destreza. Deposta em terra, correu a procurar algumas ervas cáusticas que esfregou pelos braços e pernas da donzela. Feito isto, aplicou-lhe às narinas os lábios, insuflou-lhe com toda a força ar copioso nos pulmões. Arycurana, ao termo de um quarto de hora, começou a reassumir os sentidos; quase água nenhuma tinha bebido; o seu desfalecimento provinha mais do choque que sofrera, produzido pela correnteza, do que de asfixia por submersão.

Jukeriorana reanimou-se de esperanças e dobrou de esforços, graças aos quais a donzela dentro em pouco estava salva, reassumira completamente o acordo.

– Borapitinga! – exclamou ela, tornando a si – Borapitinga. – O generoso mancebo, ouvindo aquele nome,

⁹⁶Parte mais funda de um rio.

estremeceu, contraiu fortemente o sobrolho; mas depois com sorriso de dolorosa mansuetude respondeu:

– Borapitinga vive para desgraça de Arycurana, eu vivo para salvar Arycurana da desgraça que Borapitinga lhe causa, porque não ama Arycurana.

– Borapitinga vive ainda?! – pergunta a donzela como que desvairada e abraçando estreitamente o primo. – Onde está ele, meu bom Jukeriorana? Onde estar Borapitinga? Leva-me, leva-me onde ele está, quero vê-lo, quero abraçá-lo, meu irmão, meu amado irmão a quem... devo... tanto.

E a desgraçada desfaleceu de novo. Jukeriorana recebeu-a desfalecida nos braços e, como um terno e extremoso pai, seguiu com ela para a taba de Seregipe. Quando todos se achavam na maior consternação, desesperados de tornar a vê-la, porque acreditavam que Arycurana se tinha ido lançar ao rio para morrer, o heroico filho de Seregipe entra com ela na choupana paterna e depõe o seu precioso fardo em uma esteira de carnaúba, estendida na salinha da choupana.

O alarido informe e selvático levantou-se dos pulmões robustíssimos daquela cabilda hirsuta⁹⁷, que enchia todo o terreiro da taba. Muribeca e Borapitinga estavam em pé junto ao poste, quando Jukeriorana entrou com a donzela nos braços, Borapitinga, vendo a donzela nos braços do rival, rugiu de raiva como o tigre varado pela flecha do caçador, e quis arremessar-se ao encontro de

97“...cabilda hirsuta”: bando desprovido de gentileza; grosseiro; rude; intratável.

Jukeriorana. Foi, porém, contido pelo velho, mas robusto Iramaia. Entretanto, Muribeca se conservava mudo, taciturno e cabisbaixo, como uma estátua de bronze.

À vista do estado da donzela teve o suplício do pai e do filho de ser de novo transferido para quando Arycurana de todo se restabelecesse. Iramaia foi o encarregado de vigiá-los, enquanto se prestavam à donzela os socorros que o seu estado reclamava.

Prontamente reassumiu ela os sentidos, mas as profundas e demoradas comoções, que por tanto tempo atuavam no seu espírito, abateram-na de todo. Durante dois meses esteve quase à morte; ao cabo, porém, deste tempo começou a melhorar, graças à vigorosa compleição de que era dotada, senão aos remédios que lhe haviam prescrito Imirapiranga e o pajé.

Ainda não se achava completamente restabelecida, quando um dia violentíssima tempestade fez despertarem-se rugindo os ecos medonhos daquelas solidões profundas e medonhas. Ao clarão dos relâmpagos e ao ribombo dos trovões Arycurana, a filha encantadora da desditosa Icytinga, com ares de inspirada, encara por alguns instantes o céu pesado e negro, sorri para a tempestade e dirigindo-se à tia, diz-lhe estreitando-a nos seus braços convulsos de violentíssima comoção.

– Boa irmã de meu querido pai, em nome de Tupã, que tanto amas e que, quando se enfurece contra os míseros filhos dos tupinambás, cobre as *montanhas azuis* de um manto cor da noite e faz rolar sobre as nossas montanhas, sobre as nossas florestas, sobre os nossos rios, sobre as

nossas cabeças o trovão que estoura depois do raio, fala a verdade à desgraçada filha do valente Siriri, do irmão que tanto amavas: Borapitinga ainda não morreu?

– Vive ainda – responde Imirapiranga, tomando-a nos braços e cobrindo-lhe de beijos a formosa cabeça.

– Onde está ele?

– O irmão Seregipe ordenou a morte de Borapitinga e de Muribeca para quando Arycurana recobrasse as suas forças, a sua beleza, a sua completa saúde. Se a filha de Siriri deseja a vida de Borapitinga e Muribeca, deve ficar doente até que Tupã apague para sempre o grande lume que brilha no alto das *montanhas azuis*.

– Não, não, tia; não posso ficar doente por tanto tempo, porque detesto a vida, nem desejo que Borapitinga sofra tanto. Borapitinga e seu pai devem morrer quanto antes, porque Arycurana os vai esperar ao lado do grande poderoso Tupã. Se a tia pudesse consentir que eu veja, ao menos um instante, o filho de Muribeca...

– Para quê?

– Para dizer-lhe que não tenha medo da morte, porque morrer aqui é viver comigo nas *montanhas azuis*.

– Iramaia, o velho amigo de Seregipe e Siriri é o guarda dos dois prisioneiros e Iramaia é como um cão fiel; não deixará que a filha de Siriri veja o filho de Muribeca, enquanto seu senhor não lhe disser que a deixe ver. Iramaia é como o cão fiel, investirá contra todos que se atreverem a tocar no tesouro que lhe foi confiado.

Arycurana calou-se e uma ideia que a assaltou fê-la sorrir de esperança e felicidade. Conhecendo perfeitamente

o bom e generoso caráter de Jukeriorana, estava convencida de que amando-a ele tão apaixonadamente como era notório, não deixaria de satisfazer qualquer pedido que ela lhe fizesse. A ideia, pois, que a fez sorrir de esperança e felicidade foi que iria pedir ao primo a felicidade de estar com Borapitinga ao menos um instante, o que Jukeriorana de certo não lhe negaria. E esse instante fora bastante para que ambos engolindo o suco do uairari⁹⁸ morressem quase instantaneamente nos braços um do outro.

Para a mísera donzela a vida tinha-se convertido em uma longa tortura, de que ela se desejava remir quanto antes. E de melhor modo não o poderia fazer, nem mais cedo do que fazendo o amante suicidar-se e suicidando-se também. À proporção que as horas passavam, a moça indígena, esquecendo os seus padecimentos, de que não estava de todo ainda restabelecida, só pensava na sua próxima felicidade; a de morrer nos braços do amante ao mesmo tempo que ele morresse nos braços dela.

Animada por essa esperança, a bela Arycurana parecia ter de repente assumido novas forças e a mais expansiva alegria irradiava-lhe no formoso semblante. Ardentemente anhelava que quanto antes a tempestade se dissipasse para ela ir ter com Borapitinga e realizar a sua ideia. Aos seus olhos a natureza tinha-se revestido de mais pomposas e esplêndidas galas; a própria tormenta parecia-lhe um hino de grandiosa e inefável harmonia.

⁹⁸Espécie de veneno paralisante, muito forte, usado pelos indígenas sul-americanos nas pontas das flechas.

E tanto mais alegre feliz se sentia, quanto se lembrava de que uma noite sonhara que Borapitinga, envolto em uma nuvem cor de rosa, viera buscá-la na sua rede de penas e abraçado com ela desaparecera nos paramos azulados do infinito.

Quando na taba de Seregipe tudo era alegria, exceto para Muribeca e seu filho, que tinham de ser supliciados dentro em muito poucos dias talvez, de repente a mais inopinada consternação fez dissipar-se tanta alegria e só num coração, até ali profundamente desalentado e seco, germinou uma esperança. Esse coração era o de Muribeca, que se julgou salvo, quando soube o que acabava de acontecer.

Uma flotilha⁹⁹ de pequenas embarcações, acossada pelo furioso temporal, se achava à barra do *Cotinguiba* e tinha por conseguinte, de invadir o território sergipano.

⁹⁹Frota pequena de navios de guerra; esquadrilha com poucas embarcações.

Capítulo VIII

A VITÓRIA

Com a morte do governador geral do Brasil, Manuel Teles Barreto¹⁰⁰, que tanto se havia distinguido pelos relevantes serviços que prestara à nascente colônia, no alto cargo que ocupava, assumiram temporariamente as rédeas da governança, segundo a primeira via, que lhe fora dado pelo governador da metrópole, o bispo D. Frei Antônio Barreiros¹⁰¹, Cristóvão de Barros¹⁰², provedor-mor¹⁰³, e o ouvidor geral¹⁰⁴ Antônio Coelho de Aguiar¹⁰⁵, que pouco tempo depois teve de partir em serviço para Pernambuco,

100Manuel Teles Barreto (1520-1588), foi um administrador colonial português e exerceu a função de governador geral do Brasil entre 1583 e 1587.

101Antônio Muniz Barreiros (?-1600), foi um prelado português que governou interinamente a Bahia e 3º bispo de São Salvador, nomeado em 1575.

102Personagem de destaque no processo de colonização portuguesa no Brasil, Cristóvão de Barros atuou no Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe e Pernambuco. Foi o principal responsável – a ferro e fogo – da ocupação de Sergipe em 1590 e fundador da cidade de São Cristóvão, primeira capital sergipana. Em sua trajetória, ocupou funções e cargos de militar; comandante de armada; provedor geral do Brasil; capitão-mor; senhor de engenho e apressador de índios. Era filho do donatário português Antônio Cardoso de Barros.

103 Cargo político do período colonial, instituído em 1548, pelo Regimento do Governador Geral do Brasil. Atuava como autoridade máxima da administração fazendária colonial. O cargo de provedor-mor foi extinto em 1770.

104Cargo estabelecido em 1549 para auxiliar o Governo Geral. Cuidava dos assuntos judiciais da colônia.

105Não há precisão em fontes sobre o personagem citado.

ficando os dois primeiros no governo do Brasil, os quais seguiram com toda a prudência as pegadas do seu antecessor.

Chegando em 1590 ao conhecimento do governo provisório as frequentes, ou antes, as contínuas desavenças e guerras em que viviam as tribos sergipanas entre si, deliberou-se Cristóvão de Barros a seguir para aquele sertão com o fim de apaziguar aquele povo selvagem.

Efetivamente, em companhia de alguns amigos, como Pedro de Abreu e Lima, Aires de Aguiar¹⁰⁶ e outros, partiu para Sergipe, constando o seu comboio de duas ou quatro sumacas¹⁰⁷, em que levava alguma força de linha e conveniente munição de guerra. Quando ia chegando ao termo da sua viagem, desfechou a tremenda tempestade de que falamos no capítulo precedente e que teria de ocasionar o naufrágio da flotilha, se Cristóvão de Barros não mandassem incontinentemente aproar para o rio Cotinguiba, cuja barra conseguiu franquear com máxima felicidade.

Era o dia em que Arycurana esperava, depois da tempestade, realizar o seu sonho antes que Borapitinga e seu pai tivessem de morrer em holocausto¹⁰⁸ à vitória de Seregipe e Siriri, os quais, ao verem entrar a flotilha, puseram em alarma a toda aldeia e, como a gente de Siriri se achava reunida a do irmão em consequência da guerra que há poucos dias tinham tido com Muribeca, logo

106Não foi possível encontrar informações a respeito de Pedro de Abreu e Lima e Aires de Aguiar.

107Barcos pequenos de dois mastros.

108Destruição, ruína, catástrofe.

fizeram a inúbia derramar no espaço os crebros¹⁰⁹e formidáveis sons de guerra. Imediatamente formou-se um grande exército de índios à espera de que a gente da flotilha descesse à terra para acometê-la com todo o encarniçamento e desbaratara de todo.

Com a chegada de Cristóvão de Barros ninguém mais se lembrou do castigo de Borapitinga e seu pai, senão Iramaia e Jukeriorana que, enquanto Seregipe e Siriri se aprestavam para uma luta de extermínio, conduziram os dois prisioneiros e foram no mais intrincado da floresta vizinha amarrar num tronco de árvore, untaram-lhes os corpos de mel de abelhas e os deixaram expostos a morrer de um dos mais horrorosos suplícios; a mordedura das vespas e mutucas.

Feito isto, um e outro, isto é, Jukeriorana e Iramaia, voltaram a tomar o seu posto ao lado de Seregipe e Siriri, dispostos a morrer ou a vencer o inimigo que ousava querer invadir o seu território, que eles tanto amavam como a própria liberdade.

Cristóvão de Barros, entretanto, conhecendo as disposições hostis dos indígenas, deixou-se ficar a bordo e, primeiro que se resolvesse a desembarcar e ferir luta com eles, enviou um intérprete que fizesse sentir ao cacique Seregipe que o fim da sua ida àquele sertão era estabelecer entre as suas diversas tribos a paz e a concórdia e, como filho da religião do verdadeiro Deus, disseminar entre eles todos os elementos de progresso e civilização.

109Repetido; frequente; amiadado.

O cacique respeitou o emissário de Cristóvão de Barros, hospedando-o com toda a generosidade, como soem fazer os indígenas, quando recebem entre si qualquer estrangeiro. Não obstante, respondeu-lhe que jamais consentiria que Cristóvão de Barros com sua gente desembarcasse, fossem quais fossem as suas intenções; que sem conhecer a civilização e o progresso tinha até ali vivido muito mais feliz talvez do que os povos civilizados, a quem as ambições devoram; e que, finalmente, se ele Cristóvão de Barros ousasse pôr os pés em terras de Seregipe, morreria com toda a sua gente ou, primeiro que se tornasse daquele abençoado torrão, teria de exterminar toda a tribo valorosa dos tupinambás.

Em vista de tão terminante resposta, o governador não desacoroçoou, empregando todos os meios suasórios a fim de conseguir que os dois caciques chegassem ao acordo proposto. Foram, porém, baldados todos os seus esforços: em consequência do que resolveu então Cristóvão de Barros, lançar mão da força armada. Predispôs a sua gente e desembarcou.

A luta imediatamente se travou. Grandioso e profundo era o amor da liberdade e do torrão natal no coração daquele povo selvagem, para quem não podia haver maior tesouro do que o berço e a liberdade. Siriri, Jukeriorana e, mais que todos, o grande Seregipe, animados por esse nobre sentimento que lhes ardia na alma sempre

vivo e inextinguível como o fogo sagrado de Vesta¹¹⁰, praticaram rasgos de assombrosa valentia.

Começou a luta depois do meio-dia; ao anoitecer houve uma trégua, que durou até a manhã do dia seguinte. Nenhuma vantagem houve de parte a parte nesse primeiro encontro, conquanto maior fosse o número de mortos e feridos no campo dos indígenas, não só pelo gênero de armas, como pela disciplina e tática dos emboabas.

Enquanto, durante a noite se tratava de sepultar os cadáveres e recolher os feridos às suas choupanas, para serem curados, Jukeriorana que no meio dos maiores trabalhos, dos mais difíceis e dolorosos transes, não podia esquecer a formosa prima e, por conseguinte, a sua vingança, foi ver o estado em que se achavam Muribeca e seu filho. Extraordinária foi a sua surpresa, quando apenas viu as embiras que os haviam ligado ao tronco da árvore. O mancebo permaneceu ali por alguns minutos como absorto num pensamento doloroso e tenaz; depois, erguendo a cabeça exclamou num tom que parecia um gemido no despedaçamento das suas entranhas:

– Arycurana! Arycurana!

E profundamente triste retirou-se para a choupana de seu pai com passos lentos e vacilantes, a cabeça inclinada para a terra e os olhos obstinadamente fixos num ponto indeterminado, num objeto que não via senão com os olhos

110“...fogo sagrado da Vesta”: Referência a Vesta, deusa da mitologia romana que personifica o fogo sagrado. Segundo a mitologia, a filha primogênita de Saturno e Cibele, rejeitou propostas amorosas a fim de permanecer casta.

da alma: a donzela dando liberdade aos prisioneiros. Quando ele entrou, Seregipe estava sentado no terreiro ao lado do irmão, repousando ambos das fadigas da guerra e premeditando um novo, mais decisivo ataque contra os portugueses para daí a três dias, depois que houvessem reparado as perdas que acabavam de sofrer. Com a chegada, porém, de Jukeriorana o plano mudou. O mancebo chegara furioso, desesperado; todo o corpo convulsava no histerismo da desesperação e da raiva.

– Pai – disse ele, desejando desafogar-se de qualquer modo da fúria que o incendia pelo desaparecimento de Borapitinga e Muribeca –, é preciso que amanhã morram os *emboabas* ou Jukeriorana deixe de viver, para não ser escravo. O filho de Seregipe não pode obedecer a outra vontade senão à de Tupã e à de seu pai. Seregipe deve continuar a ser senhor ou subir de uma vez para as *montanhas azuis*.

– O que foi que te aconteceu, filho querido?

– Os prisioneiros – respondeu ele – estão em liberdade e com toda a certeza ligados aos *emboabas* para nos guerrearem.

– Quem foi que os libertou, quem lhes deu fuga?

– Não sei.

– Se foi Arycurana – disse Siriri – que lhes cortou as embiras para que fugissem os covardes, amanhã de certo morrerá ela.

– Não – torna Jukeriorana – a tua filha se deu liberdade aos inimigos de seu pai, é porque ama loucamente o filho de Muribeca, e o que qualquer pessoa pratica debaixo da influência do amor, ainda que seja um crime,

deve ser desculpado; porque quem ama, traz sempre a razão mais ou menos atordoada. Se Arycurana quebrou as prisões de Borapitinga e Muribeca, foi unicamente para vê-los salvos e livres, e não porque acredite que irmãos dos filhos valentes de Tupã, se atrevessem a pegar em armas contra seus irmãos a favor dos *emboabas*. Eu é que, conhecendo o caráter do cacique da Miaba e o de seu filho, digo que, uma vez livres os covardes, se unirão aos nossos inimigos para bater-nos. Portanto, a filha de Siriri não deve morrer: a morte que o irmão do grande Seregipe quer dar à sua boa filha, dê antes àqueles que nos querem roubar a liberdade, que nos querem escravizar. Amanhã, se vencermos, vingarmos-nos de Muribeca e Borapitinga, porque estou convencido de que eles estão com os *emboabas*. Se formos vencidos, é melhor morreremos, do que vermos escravizada a terra em que nascemos. Portanto, pai, amanhã guerra de morte aos *emboabas*.

– Guerra de morte aos *emboabas*! – gritaram Seregipe e Siriri.

E logo os sons mavórcios¹¹¹ da inúbia retroaram os ares; dentro em poucos instantes todos os guerreiros da taba, ainda mal refeitos das fadigas do dia, estavam reunidos na *ocara*. Seregipe avisou-lhes que ao romper do dia todos deviam estar prontos para acometerem de novo o inimigo. Declarou ainda que depositava toda a esperança nos seus valorosos guerreiros, que se esforçariam por expelir do território sergipano o ousado inimigo que o invadia com o

111Belicosos; aguerridos; beligerantes; guerreiros.

único fim de se tornar senhor não só da sua liberdade, como da terra em que eles tinham nascido e que tanto amavam. Terminou gritando entusiasticamente:

– Guerra! Guerra de morte aos *emboabas*.

– Guerra! Guerra de morte aos *emboabas*!

Repetiram todos quantos se achavam reunidos na *ocara*, inclusive Siriri e Jukeriorana; e os seus gritos estrugentes propagaram-se longamente pelo seio das florestas, pela cumeada das serranias e pelos longes do espaço. Seregipe, convicto de que ao amanhecer toda a sua gente não faltaria ao que acabava de prometer, mandou distribuir com todos uma ração de *cauim* e dispersou-os. Imirapiranga foi a incumbida desta tarefa.

Imirapiranga era uma velha cabocla, de estatura mediana, cheia de corpo, feições simpáticas e coração bondoso. Era mais velha que Seregipe que mais velho era que Siriri; não obstante, estava ainda bem conservada. Nunca se havia casado, nunca tivera filhos; tinha, por conseguinte, servido de mãe não só a Jukeriorana, a quem amava como se o mancebo fosse seu filho, como à Arycurana que ela igualmente amava como se fora sua mãe. Apesar, porém, do amor maternal, que consagrava ao bom e generoso Jukeriorana, a velha Imirapiranga, não podendo resistir às súplicas da sobrinha que lacrimosa suplicava incessantemente, tinha ido com ela no primeiro dia de combate entre os índios e os portugueses à floresta, onde estavam amarrados ao tronco de árvore Muribeca e Borapitinga. A velha cabocla sabia o lugar em que eles estavam, porque Jukeriorana, que nela depositava inteira

confiança, como em sua própria mãe depositaria, lhe havia muito em segredo comunicado.

A donzela, antes de dar a liberdade aos dois prisioneiros, cujos corpos já estavam literalmente cobertos de toda a casta de insetos que os martirizavam atrozmente, sacudiu os insetos e disse-lhes com lágrimas de profunda compaixão:

– Arycurana e Imirapiranga vem dar liberdade à Muribeca e a seu filho, se eles prometem que hão de empregar todas as suas forças para expelir da nossa terra os inimigos da nossa liberdade. Se Muribeca e seu filho tem de ser contra os seus irmãos para serem amigos dos nossos inimigos, Arycurana morrerá por suas próprias mãos, mas não salvará aqueles que ela mais ama depois de Tupã e seu pai.

– Por Tupã – disse Muribeca, com trêmula voz e quase imperceptível – juramos eu e meu filho, que havemos de combater contra os *emboabas* até morrermos ou matarmos um por um, todos eles.

– O juramento de meu pai é o meu juramento, boa e formosa Arycurana. – disse Borapitinga, que melhor se exprimira com o olhar do que com a palavra.

Apenas os dois prisioneiros prestaram este juramento, Imirapiranga passou a cortar as embiras que ligavam Muribeca ao tronco, enquanto Arycurana fazia o mesmo a Borapitinga.. Sentindo-se livres, os desgraçados prisioneiros caíram estendidos em terra de tão enfraquecidos e prostrados que estavam.

Imirapiranga e a donzela daí não se retiraram, enquanto eles, um pouco mais fortalecidos, não se puderam pôr a caminho. Antes, porém, de o fazer, Muribeca e o filho instavam empenhadamente com as duas mulheres para que os acompanhassem à sua taba. Inúteis foram as suas instâncias; as duas mulheres por modo nenhum quiseram aceder, dando com razão o terem de tratar dos guerreiros feridos, enquanto se sepultavam os mortos. Borapitinga e seu pai vendo, finalmente, que inútil fora continuar a insistir, partiram protestando à filha e à irmã de Siriri profunda gratidão e inextinguível amizade.

Imirapiranga e Arycurana, logo que os perderam de vista, voltaram à taba de Seregipe, duas boas horas antes de terminar a primeira luta entre os índios e os portugueses. Ambas entraram na choupana bastante apreensivas, medrosas e como que arrependidas do ato que acabavam de consumir: o terem proporcionado a fuga aos dois prisioneiros. Praticavam elas a respeito das consequências que deste fato se poderiam originar, quando Siriri pelo que tinha acabado de ouvir ao filho de Seregipe, entrou na choupana para informar-se da filha a tal respeito.

– Arycurana – diz ele com semblante *carrancudo*, voz calma e pausada, mas em que sentia concentrada, toda a cólera medonha do selvagem –, a filha querida de Siriri cometeu um grande crime, que Tupã ordena que seja punido com a morte. Arycurana amanhã tem de morrer, porque deu liberdade aos inimigos de seu pai, aos inimigos de seu tio, aos inimigos do seu primo. Arycurana é falsa, traidora, ingrata. Amanhã é o último dia de Arycurana.

Dizendo isto, o cacique tratava de retirar-se, mas a interessante e formosa donzela o fez parar, dizendo com voz enérgica e acentuação de seguridade:

– A filha de Siriri, a sobrinha de Seregipe é como seu pai e seu tio, inimiga dos *emboabas* e amiga da liberdade da terra em que nasceu; mas os *emboabas* são fortes, hão de vencer Seregipe e Siriri. Muribeca e seu filho juraram que brigariam contra os *emboabas* até vencer ou morrer; e tua filha, valente Siriri, deu a liberdade a Borapitinga e a seu pai para te ajudarem a expelir da terra dos tupinambás *os filhos do sol*, que nos querem escravizar.

Os *emboabas* são inimigos da nossa terra, são inimigos dos nossos irmãos, são inimigos da nossa liberdade. Se eu tivesse o poder do grande e poderoso Tupã, converteria todas as árvores da nossas florestas em guerreiros valentes para não deixarem vivo, nem sequer, um único dos nossos inimigos. Muribeca e Borapitinga são filhos desta terra, não devem, não podem amar *os filhos do sol*. Se, porém, o cacique da Miaba e seu filho quebrarem o juramento que fizeram, tiverem covardemente enganado uma pobre mulher, que tudo fez por eles, que tudo desejou fazer por seus irmãos, Arycurana é filha do valente e poderoso Siriri, é sobrinha do valente e poderoso Seregipe, é prima do generoso e valente Jukeriorana, ela será inimiga dos covardes; ela esquecerá para sempre o homem que ela teve a desgraça de amar tanto, e amará o homem que ela teve a coragem de desprezar com tanta dureza e crueldade. Se, apesar de tudo isto que acabo de dizer, Siriri entende que deve matar sua filha querida, ela morrerá contente e

feliz por ter cumprido um dever; por ter concorrido para salvar seus pais, seus irmãos e a terra do seu nascimento.

Acabando de falar a donzela estava radiante de beleza, entusiasmo! Siriri com os olhos lagrimosos toma-a nos braços e, cobrindo-lhe de beijos as faces encantadoras, disse-lhe balbuciando por entre lágrimas de felicidade:

– Vem, formosa filha da minha querida Icytinga, vem aos braços de teu pai; eu nunca devia desconfiar de ti, porque nas tuas veias corre o sangue do grande Seregipe. Borapitinga será teu marido, se for tão nobre e valente como jurou que seria. De hoje em diante confiarei em ti, como sempre confiei em tua boa mãe, porque amas a liberdade e a terra do teu nascimento. E quem ama a terra em que nasceu e a liberdade, não pode amar os inimigos delas. Amanhã, se Tupã quiser, a filha de Icytinga ou há de abraçar seu pai vitorioso ou há de chorar sobre o corpo dele sem vida, se Tupã resolver que eu morra.

Ao dizer isto, o cacique abraçou de novo a filha, tornou a cobrir-lhe as faces de beijos e retirou-se orgulhoso e feliz. Era já noite avançada, quando ele a deixou; Imirapiranga e a sobrinha recolheram-se a um repartimento da choupana, onde estavam armadas duas redes em que ambas se deitaram, enquanto Jukeriorana, Seregipe e Siriri, depois que esteve com a filha, continuaram a praticar sobre as eventualidades da luta do dia seguinte, cada um deitado em sua esteira de carnaúba estendida no chão da *ocara*.

A noite não era de luar, mas estava esplendidamente recamada de estrelas. Ali finalmente adormeceriam os dois caciques; Jukeriorana, porém, velou a noite inteira,

percorrendo toda a taba e animando os seus guerreiros. Para o ardente e generoso mancebo o dia seguinte era a vida e a felicidade, ou infortúnio e a morte. Era a perda ou a posse de Arycurana. Conhecendo perfeitamente o caráter do cacique da Miaba e seu filho, estava convencido de que eles não cumpririam o juramento que haviam prostrado à Arycurana, quando os foi libertar, segundo lhe referira Siriri depois que voltara a ter com eles. Certo de que Muribeca e Borapitinga se uniriam aos *emboabas*, ele esperava, vencendo-os, matar o seu rival e ser marido de Arycurana ou, se fosse vencido, perdê-la para sempre.

Mal começava a despontar o dia, Jukeriorana mandou tocar a inúbia. De repente a praça se encheu de imensa cabilda de índios dispostos a morrer ou vencer. Seregipe e Siriri já estavam prontos antes do sinal de guerra dado por Jukeriorana. Este por ordem de seu pai, acompanhado por alguns índios foi embarcados em um *pangaio*¹¹², provocar os portugueses que, depois do primeiro combate se recolheram às suas embarcações. Cristóvão de Barros, vendo a heroica intrepidez daqueles filhos sublimes da natureza, não consentiu que se lhes disparasse um tiro ao menos. Nobre, generoso e magnânimo, admirava o valor daquele povo primitivo e, se o hostilizava, era profundamente constrangido e por não poder deixar de obedecer a imperiosa necessidade de incutir-lhe no espírito a ideia de um Deus verdadeiro e apontar-lhe por meio do Evangelho a estrada do progresso e da civilização.

112Pequena embarcação munido de remos; canoa.

Com o auxílio de um porta-voz o intérprete de Cristóvão de Barros disse a Jukeriorana, depois que este mandara disparar algumas flechas contra os navios do governador, que dentro em poucos minutos, eles estariam em terra para recomeçar a luta. Jukeriorana voltou e veio esperá-los em terra. Dentro em poucos minutos, as forças portuguesas desembarcavam na praia.

Imediatamente se travou a luta com furiosa e desesperada sanha. Superior, muito superior era a força dos tupinambás à dos portugueses; aqueles, porém, conquanto incomparavelmente mais corajosos e intrépidos, não podiam competir com o inimigo em armas, destreza e tática. Por isso, dentro em poucas horas, ficou quase de todo destroçado o campo dos indígenas, tendo morrido Siriri com crânio despedaçado por uma bala inimiga.

Serecipe, sabendo da morte do irmão, sentiu profundamente, mas não desacorçoou e deu ordem ao filho que tomasse quanto antes o posto do tio. O mancebo conseguiu reerguer o ânimo dos guerreiros abatido pela morte do seu cacique. A luta prolongou-se ainda por algumas horas até que Cristóvão de Barros, para não cansar inteiramente os seus soldados, ordenou a retirada. Os indígenas estavam também minimamente fatigados e não poderiam resistir por muito tempo. Em consequência disto, em vez de perseguirem o inimigo, debandaram-se para encetarem nova luta, apenas houvessem reparado as forças.

Durante a noite recolheram os índios os cadáveres dos seus e os sepultaram, enquanto os portugueses faziam o mesmo com os seus mortos. Arycurana, logo que soube da

morte de seu pai, correu ao campo de combate, acompanhada por Imirapiranga e ambas, depois de o terem procurado entre os mortos por alguns tempo, encontrando-o, levaram-no para a choupana onde levaram a pranteá-lo até que Seregipe o mandasse sepultar.

Poucos foram os dias de repouso que tiveram os beligerantes, porque começaram de novo a luta ao cabo de dois dias e com crescente encarniçamento de parte à parte. Neste terceiro combate, foram feridos gravemente Seregipe e Jukeriorana. A vitória, por conseguinte, estava ganha por Cristóvão de Barros, que, apenas viu fora de combate o formidável Seregipe e o seu intrépido filho, mandou imediatamente parar as hostilidades, recolher os feridos e sepultar os cadáveres de um e outro lado.

Capítulo IX

O PERJÚRIO

Vitorioso e, por conseguinte, senhor das duas margens do *Cotinguiba*, Cristóvão de Barros, que tinha por fim não só apaziguar aquelas hordas selvagens, que viviam em contínua guerra umas com as outras, como ainda derramar entre elas as sublimes doutrinas do Evangelho, tratou com toda a caridade o cacique Seregipe e o intrépido, o valoroso Jukeriorana. O cacique, porém, recusou-se a tomar toda a casta de alimentos até que em poucos dias faleceu de fome.

Outro tanto não aconteceu a Jukeriorana, cujo maior e mais veemente desejo era viver para vingar a morte de seu pai, e de seu tio, exterminando a raça dos *emboabas* e provar à Arycurana que o filho de Muribeca não valia o filho do grande Seregipe. Como tinha sido tratado seu pai pelo generoso governador, foi ele igualmente tratado; e, como não se tinha recusado ao bom tratamento que recebia, o moço indígena dentro em poucos dias restabeleceu-se completamente dos seus graves ferimentos.

Entretanto, Arycurana, se tendo dito que o chefe dos *emboabas* tinha saído vitorioso e que, além de seu pai, tinham também morrido Seregipe e Jukeriorana, apressou-se a fugir para a taba de Muribeca, temendo cair em poder do vencedor, assim como desejando lembrar ao cacique da Miaba e seu filho o cumprimento da sua promessa e pedir-

lhes ao mesmo tempo que vingassem a morte de Siriri e Serecipe, exterminando os *emboabas* a quem ela votava tanto mais profundo ódio quanto estes, apenas vencedores, procuraram logo requestá-la até por meio da violência, deslumbrados pela peregrina beleza da moça indígena.

Se Arycurana tivesse a astúcia de uma Judite¹¹³ ou de uma Dalila¹¹⁴, se fosse filha da civilização em vez de ser uma simples filha da natureza, procuraria tirar partido da sua formosura, tratando de seduzir algum novo Holofernes¹¹⁵, ou algum novo Sansão¹¹⁶, para ser o anjo da vitória no meio dos seus. Mas a formosa donzela era filha dos sertões virgens, onde a civilização ainda não tinha podido penetrar com o seu esplêndido cortejo de vícios hediondos; ignorava a arte de seduzir, não sabia se prevalecer dos seus encantos para atrair a vítima e arremessá-la pelo despenhadeiro.

A bela Arycurana deixava-se levar pelos impulsos do seu coração nobre e generoso como a natureza o havia

113Personagem e título de um dos sete livros deuterocanônicos do Antigo Testamento. Segundo o livro, Judite era uma viúva bastante religiosa que salva a cidade de Betúlia da invasão assíria, após decapitar o general Holofernes (Judite, 8-13).

114Dalila, segundo o livro bíblico de Juízes, era uma mulher filisteia que foi amante de Sansão. Conhecendo o segredo da força de Sansão, Dalila trai e entrega Sansão aos filisteus por mil e cem moedas de prata (Juízes, 16. 4-18).

115Personagem do livro deuterocanônico Judite. Segundo o livro, Holofernes era um general e chefe supremo do exército assírio no tempo de Nabucodonosor II. Este ordena a Holofernes subjugar o povo hebreu. Ele é decapitado por Judite (Judite, 1-13).

116Referência ao personagem bíblico, célebre pela força física Sansão. Segundo o livro de Juízes, Sansão foi traído por Dalila, teve os olhos vazados pelos filisteus e ficou preso (Juízes, 13-16).

formado. Por isso, partira triste e desolada em companhia de Imirapiranga, expostas ambas a todos azares da sorte, a todas as intempéries de tempo, enquanto o nobre filho de Seregipe, estendido em seu leito de dores, se esforçava por triunfar da morte para vingar seu pai, seu tio e resgatar a terra do berço do jugo do estrangeiro.

Durante a sua viagem, muitas vezes a bela moça indiana murmurava por entre lágrimas:

– Filho generoso do grande Seregipe, valente e nobre Jukeriorana, se é falso que morreste, se vives ainda cheio de valor e coragem para vingar nossos pais e nossos irmãos, Tupã permita que a mais formosa filha destes sertões te dê seu coração e te faça esquecer a desgraçada Arycurana, que tanto te admira, que tanto te ama tanto como te amaria a mais extremosa irmã.

Com efeito, quando Jukeriorana, ao termo de um mês, se achava completamente restabelecido, procurou saber o destino da prima e da tia. Disseram-lhe que elas tinham desaparecido da taba depois da última refrega. Jukeriorana conjecturou logo para onde elas teriam ido e tratou também de se retirar.

Enquanto deixava triste e taciturno aquelas saudosas paragens em que tinha nascido e se criado, em que tanto amara e padecera, ia dizendo entre si:

– Vai, filha ingrata do valente Siriri, formosa Arycurana, que amei mais do que a minha própria vida, vai viver nos braços do covarde Borapitinga, vai fazer completa a felicidade de toda a sua vida e esquecer para sempre o desgraçado Jukeriorana que, enquanto te entregas as doces

delícias do amor entre os braços do amante, procurará com todas as forças vingar a morte de seu pai e de seu tio, expelir da terra do berço os *emboabas* e reconquistar a perdida liberdade de seus irmãos.

O nobre e valente mancebo entranhou-se pelo seio da floresta e desapareceu nos seus pavorosos e escuros meandros. Enquanto, porém, ele cogita nos meios de realizar os seus heroicos intentos, saibamos o que se passou com a formosa Arycurana e sua velha tia na taba de Muribeca.

Lastimoso era o estado em que ambas ali chegaram. Mortas de fome e cansaço, quase em completa nudez e com os pés completamente inchados, as infelizes teriam talvez morrido em caminho, se a esperança de obterem o auxílio que iam pedir, não as houvera milagrosamente fortalecido contra os penosos acidentes da viagem.

O egoísta e covarde cacique da Miaba sentiu-se contrariado com a presença das duas infelizes mulheres, aquelas mesmas a quem ele e seu filho deviam a vida! A mais fria recepção foi o primeiro golpe que ao chegar à taba de Muribeca recebeu a pobre donzela. Apesar, porém, de lhe ter ele magoado profundamente o nobre coração, a extremosa Arycurana, dominada pela violenta paixão que a devorava, não desanimou, depositando toda a esperança naquele por quem feliz e satisfeita ela exporia a própria vida, se ele o ordenasse.

Borapitinga não estava na *ocara* nem na choupana. Enquanto os seus irmãos morriam valentemente, defendendo a sua liberdade, ele entregava-se ao fútil prazer

da caça, esquecido de tantos infelizes que sofriam por haverem cumprido o mais imperioso e sagrado dos deveres do homem, ainda mesmo selvagem. A generosa filha de Siriri, sabendo que Borapitinga em vez de, como havia jurado, correr em auxílio de seus irmãos contra os *emboabas*, andava caçando, sentiu percorrer-lhe o corpo inteiro um resfriamento de desânimo profundo e um sentimento instintivo de horror a fez estremecer convulsivamente.

Ao invés da velha Imirapiranga que, completamente alquebrada de fadiga, caíra em uma espécie de torpor e indiferença e, deitada em um canto da choupana, ouvia apenas o que se falava e nada dizia, procurando em vão conciliar o sono, a moça indígena parecia encontrar forças na sua paixão por Borapitinga, para resistir ao cansaço que a alquebrara tanto como a sua velha tia.

Inteligente como era no seu estado selvagem, Arycurana à vista da recepção que lhe fizera Muribeca, entendeu que não devia, ao menos por enquanto, falar a respeito do fim para o qual tinha ela procurada a sua taba. Depois de ter conversando com Macapurana, mulher de Muribeca, sobre coisas inteiramente alheias ao objeto da sua viagem, deitou-se na mesma esteira, em que por fim se tinha deitado a tia, e esperou impaciente e ansiosa a volta de Borapitinga.

Este efetivamente voltou no dia seguinte muito cedo. O prazer da donzela foi excessivo, tornando a ver aquele para quem vivia unicamente. Menos satisfeito não se mostrou o mancebo ao encontrar na cabana de seu pai a sua idolatrada Arycurana. Foi em presença do amante e

contando com o amor, que ele tanta vez lhe protestara, que a encantadora donzela se dispôs a falar, pedindo auxílio contra os matadores de seu pai, de seu tio e de seus irmãos.

Narrou-lhe desfeita em pranto o que se havia passado, embalando-se na doce esperança de que em breve teria de ver, quando não pelo esforço do pai, ao menos pelo esforço do filho, resgatada a terra do berço. Tremendo e irremediável, porém, antolhou-se o seu infortúnio quando, depois de haver narrado as cenas sanguinolentas de que foram vítimas os seus parentes e grande parte dos tupinambás, em vez de darem, Muribeca e Borapitinga, sinais de profundo pesar e levantarem o grito de vingança e extermínio, lhes ouviu o bramido selvagem e medonho de um entusiasmo, de uma frenética alegria que insultava cruelmente as suas dores, fazendo recrescer a sua desesperação, o seu desalento.

A infeliz donzela quase perdeu os sentidos e todo o seu corpo vergou como uma jovem palmeira embatida por fortíssimo tufão. Para não cair, precisou se amparar com a velha Imirapiranga, que tendo, finalmente, por alta noite conseguido conciliar o sono, amanhecera um pouco mais calma e animada. Não podia calar em sua alma generosa a convicção de que aquele, ao menos, que ela tanto amava e por quem tinha desprezado o generoso e valente filho do grande Seregipe, se atrevesse a perjurar a exemplo de seu pai, tão covarde e miseravelmente. Passada, porém, a primeira impressão e depois de ter de novo cobrado o sangue frio, exclamou com acento da mais nobre indignação:

– Oh!... é impossível! Não, não posso acreditar que Muribeca e especialmente Borapitinga, em quem eu cegamente confiava e ainda confio, se atrevam a faltar com sua palavra à desditosa Arycurana que, exposta a todos os perigos e cheia de cansaço e desgosto, assim como a sua velha tia, lhes vem pedir de joelhos vingança contra os matadores de seu pai e de seu tio, e auxílio a favor dos últimos guerreiros de Siriri e Seregipe, que ainda procuram talvez salvar do poder do inimigo a terra abençoada em que nasceram. Não, não é possível! Borapitinga, pelo menos não será um traidor, um covarde, um perjuro, que se atreva a abandonar os seus irmãos para seguir o partido dos *emboabas*, os perseguidores dos tupinambás. Não, não é possível! O valente Borapitinga, que soube vencer e subjugar o coração de Arycurana, que nunca foi vencido e subjugado pelo grande Jukeriorana, de certo não quererá ser escravo desses homens que vem derribar nossas florestas, destruir nossos campos, turvar nossos rios, e roubar nossa liberdade e nossa vida. Não... não... Muribeca e Borapitinga têm a cor de Arycurana, falam a mesma língua, nasceram na mesma terra, trazem na cabeça o mesmo *acanguape*¹¹⁷, por cima dos ombros o mesmo *açoyaba*¹¹⁸, na cintura a mesma *anduape*¹¹⁹ e nas mãos a mesma *tagapema*¹²⁰ que traziam Siriri, Seregipe e Jukeriorana. Portanto, os dois mais poderosos guerreiros da Miaba não podem, não devem ser amigos,

117Espécie de diadema de penas usado pelos indígenas nas solenidades festivas; adorno.

118Manto de penas, utilizado principalmente em rituais.

119Fraldão de penas; tanga usada pelos índios tupinambás.

120Arma; tacape.

menos ainda escravos desses homens que não se vestem como nós, que não falam como nós, que não têm a nossa cor, nem manejam as armas dos nossos guerreiros. Por amor do grande e poderoso Tupã vingança, vingança, vingança!

– Não, não, não! – disse Muribeca; – os valentes guerreiros da Miaba não devem, não podem fazer o que Arycurana pede; os valentes guerreiros da Miaba eram irmãos dos guerreiros do *Cotinguiba*; porém deixaram de o ser depois que vieram os *emboabas*. Os *emboabas* são filhos do sol, vem trazer-nos a luz de Tupã; nós queremos a luz e por amor dela pegaremos em armas para defendermos os filhos do sol que nos trazem a luz de que precisamos. Sem demora vou mandar Borapitinga avisar todos os caciques, que ainda restam, para que se armem em defesa dos *emboabas* contra os seus inimigos, que são os guerreiros do *Cotinguiba*. Arycurana é filha do nosso maior inimigo, mas como é senhora do coração de Borapitinga e deu a liberdade a ele e a mim, Arycurana é minha filha também, e a choupana de Muribeca é também a sua choupana. Arycurana ficará morando com guerreiros da Miaba em companhia de Imirapiranga.

Ao terminar estas palavras Muribeca deu ordem ao filho para que fosse quanto antes comunicar aos outros caciques a sua resolução.

– O pai ordena, Borapitinga obedece – disse o mancebo e saiu.

– Não, a filha do valente Siriri – torna a donzela inflamada de indignação e orgulho – não aceita nenhum

favor do covarde Muribeca e morreria de vergonha e horror, se demorasse um instante mais na miserável cabana de um escravo. A casa que a filha do grande cacique deve habitar, depois que perdeu seu pai, é o seio das matas virgens, onde tudo quanto é livre e presa a liberdade, se deve refugiar. Lá não há traidores, não há covardes, não há escravos. É lá que Arycurana vai viver livre como nasceu, livre como há de morrer, protegida pelo poder do grande e poderoso Tupã.

Voltando-se depois para sua tia Imirapiranga que, deitada na esteira, escutava tudo quanto se dizia, conservando-se ainda muda e como que indiferente, apesar das lágrimas silenciosas que se lhe deslizavam pelas faces, Arycurana continua com crescente indignação e orgulho:

– Irmã dos dois mais poderosos caciques desta terra, vamos; deixemos para sempre a miserável choupana deste traidor. Se a tua idade longa, se o teu cansaço, a fome e a sede te matarem, se eu também morrer de desesperação e loucura, seremos, ainda assim, muito mais felizes do que se ficarmos aqui um só momento. Antes a fome e o cansaço, antes a luta com os tigres e as jiboias, antes mil vezes a morte de qualquer modo, do que recebermos favores de um covarde, de um perjuro, de um escravo. Irmã dos mais poderosos e valentes caciques desta terra, partamos, partamos.

A velha Imirapiranga nada respondeu; mas, apesar do cansaço e do peso da idade, levantou-se lesta¹²¹ como

121 Ágil; rápido; ligeiro.

uma criança e ao lado da encantadora donzela, sem se dignar de olhar ao menos para Muribeca e sua mulher Macapurana, que fulminados pela apóstrofe da donzela, se converteram em estátuas, partiu. Pelo andar desembaraçado e seguro parecia uma rapariga de vinte anos. Arycurana, moça como era, não andava com passo mais firme e seguro, o que claramente demonstrava o grande horror que o cacique inspirara a velha Imirapiranga apesar da sua aparente indiferença.

A atitude da corajosa filha de Siriri, enquanto falava, era tão imponente, que o mais bárbaro selvagem de todo aquele vasto sertão, se sentiu absolutamente dominado pelo olhar sobranceiro, pela palavra esmagadora, pela majestática figura da donzela, de sorte que, vendo-a sair com a tia, o desgraçado cacique permaneceu mudo, imóvel e em pé, como um tronco enraizado no chão, e só se pôde livrar de tão poderoso domínio muitos minutos depois que ambas haviam partido. Então exclamou, incendiado de raiva na impotência da sua malvadeza:

– Vai, filha insolente de Siriri; agradece o teres saído com vida à lembrança que tiveste de dares a liberdade a mim e a meu filho; mas livra-te de que eu alguma vez te encontre, porque da morte nem o grande e poderoso Tupã mesmo te poderá salvar.

– Mas hei de salvá-la eu; – disse entre si Macapurana, mulher do infame cacique, e retirou-se.

Macapurana tinha já feitos os seus quarenta anos, não se podia dizer bonita nem feia: era o tipo comum da raça, mas dotada de um excelente coração, mansueto e

sofredor como o coração dos verdadeiros mártires, que sofrem resignados e sem formular uma queixa, sem soltar um gemido, toda a sorte de suplicio. A pobre mulher tinha visto com extremo pesar e desgosto saírem da sua choupana a nobre filha e a veneranda irmã do valoroso Siriri, sem levarem um presente, um sinal sequer da sua gratidão pela liberdade de seu filho e de seu marido.

Se não presenteou a Arycurana e a Imirapiranga, como desejava, foi por causa de Muribeca, que ela temia, como teme a vítima o seu algoz, que algoz fora ele sempre da desventurada e boa mulher. Não obstante, porém, depois que Arycurana e Imirapiranga saíram, não pôde ela deixar de perante o marido advogar a causa das duas infelizes forasteiras. Depois de refletir por algum tempo foi ter com ele.

O bárbaro cacique, apenas viu aproximar-se meticulosamente a compassiva Macapurana, contraiu terrivelmente o sobrolho e continuou a passear, como estava, em torno da *ocara*, pensando na vitória alcançada contra seus irmãos pelos *emboabas* e na aliança que com estes projetava celebrar, por estar convencido de que não lhe seria possível vencê-los, ainda mesmo coadjuvado por todos os outros caciques.

Apesar, porém, da maneira porque ele a recebeu, Macapurana, chegando ao pé do marido, ousou dizer-lhe com voz mal segura, quase balbuciante:

– Muribeca... meu amigo...

– O que é que há? – pergunta brusca e rudemente o cacique; – Fala depressa, que tenho muito que fazer...

– Por que é que deixaste sair a esposa de teu filho, a formosa Arycurana com sua tia, para irem morrer às mãos dos *emboabas*, que já mataram todos os seus parentes?

– É por isto mesmo que sou amigo dos *emboabas*, é por isto mesmo que hei de trabalhar para que todos os caciques sejam também seus amigos. De ora em diante hei de sempre pegar em armas contra todos aqueles que se mostrarem inimigos dos *emboabas*, ainda que desses inimigos faça parte o meu filho Borapitinga. Deixei partir Arycurana com Imirapiranga porque sei que irão morrer às mãos dos filhos do sol. Não quero que Borapitinga seja marido da filha do meu maior inimigo.

– E se o for? – pergunta Macapurana de um modo tão determinado, que surpreendeu extraordinariamente o bárbaro cacique, até ali desabitado a vê-la tomar tão enérgica e imponente atitude em presença dele.

– Se o for, irei matá-lo.

Ao ouvir estas palavras aquela mulher, que toda a sua vida tinha sido uma mísera escrava, uma verdadeira mártir daquele selvagem, de repente se converteu numa tigre enfurecida, logo que viu ameaçada pelo próprio pai a vida do seu idolatrado Borapitinga, o único filho que Tupã lhe confiara.

– Borapitinga – diz ela, alteando o corpo e endireitando para o marido com passo lento, olhar inflamado e gesto soberano – Borapitinga, ainda tem mãe para defendê-lo. Muribeca poderá matá-lo depois que Macapurana tiver morrido.

O cacique no auge do assombro, que lhe causou tão insólito procedimento da mulher, que pela primeira vez em presença dele assumia aquela enérgica atitude e lhe falava com tamanho destemor, contemplou-a por alguns instantes mudo, extático; depois ao se manifestar a reação, partiu enfurecido para ela com disposições de esmagá-la debaixo dos pés.

Macapurana não se deixou abater, nem mesmo intimidar; travou-se com ele corpo a corpo em furiosa e desesperada luta, que teria certamente finalizado pela vitória da mulher, tornada improvisadamente invencível na defesa do filho, se uma circunstância igualmente imprevista não viesse por termo à tão encarniçada luta.

Capítulo X

ALIANÇA

Arycurana, saindo com a tia da cabana de Muribeca, encontrou-se na quebrada de um caminho com Borapitinga que tinha no cabeça de um morro a sua choupana, onde se fora aprontar para a viagem e voltava a despedir-se dos pais.

– Aonde vai Arycurana? – perguntou ele extremamente surpreso.

– Arycurana – respondeu a donzela – foge da cabana de um escravo para ir viver livre na companhia dos tigres, no seio das florestas.

– E Arycurana despreza Borapitinga?

– A filha de Siriri amava um homem livre e hoje despreza um escravo, ou, pelo menos, o filho de um escravo dos *emboabas*.

Dizendo isto, a moça indígena prosseguiu no seu caminho. O filho de Muribeca se opôs.

– Arycurana vai morrer nas mãos dos *emboabas*, se despreza Borapitinga – torna o moço.

– Arycurana quer antes morrer livre, assassinada pelos *filhos do sol*, do que viver mulher de Borapitinga, depois de ter perdido a sua liberdade.

– Por quem és, volta à cabana de Muribeca, querida filha de Siriri. Borapitinga vai primeiro cumprir as ordens de seu pai, depois irá viver livre no seio das florestas ou no

alto das montanhas ao lado da formosa Arycurana e fazendo guerra de morte aos *emboabas*, porque Borapitinga de baixo das *montanhas azuis* nada encontra que mais queira do que ser esposo da filha mais bela e perfeita do poderoso Tupã. Volta à cabana de Muribeca, formosa Arycurana, e por Tupã eu juro que serei ao teu lado o terror dos *filhos do sol*, o flagelo de quantos se atreverem a querer dominar a nossa querida terra, a terra abençoada em que nascemos, a terra gloriosa dos Tupinambás. Volta, portanto, à cabana de Muribeca, encantadora Arycurana, e de nada tenhas medo, porque o teu esposo te saberá defender. Por quem és, volta, volta, volta.

– Não, não, não. A filha de Siriri, a sobrinha de Seregipe, a prima de Jukeriorana, que morreram em defesa da sua liberdade e da terra abençoada em que nasceram, não voltará mais nunca aos lares do covarde cacique que entrega miserável e cruelmente aos *emboabas* a vida daquelas que lhe restituíram a vida e o filho. Nunca mais eu vejo escravo dos homens que mataram meu pai, que mataram o pai de Jukeriorana, que mataram o filho de Seregipe. A tua esposa te espera à beira do caminho; quando voltares, ela irá contigo até onde fores, porque ela será escrava de Borapitinga, se Borapitinga não mente, se cumprir o que jurou; se não for escravo dos *emboabas*.

– Borapitinga sabe cumprir os seus juramentos. Arycurana espera e Borapitinga volta agora mesmo.

– Vai e não tardes.

O filho de Muribeca retirou-se apressado, enquanto Arycurana e Imirapiranga, para o esperarem, foram sentar-

se à falda¹²² de um monte próximo do lugar onde Borapitinga as havia encontrado. No momento em que o mancebo chegava à choupana do pai, estava este sendo barbaramente espancado pela mulher que, como dissemos, ouvindo-lhe a ameaça contra a vida do filho, se convertera em uma tigre enfurecida.

Presenciando aquela cena que tão dolorosamente o surpreendeu, atirou-se entre ambos e separou-os dizendo, cheio de indignação e pena ao mesmo tempo:

– Que quer isto dizer, pai?

Ouvindo a voz do filho, ambos levantaram-se imediatamente e, enquanto Muribeca envergonhado, com o rosto horripelantemente contundido pelas tremendas punhadas que lhe dera Macapurana, saía para o terreiro, a extremosa mãe lança-se nos braços do mancebo toda se desfazendo em pranto.

– Filho – diz ela – tira me daqui; esse homem não tem coração, é pior que o tigre. Sabes quanto em toda a minha vida me tem ele feito sofrer, sem que nunca me faltasse a paciência para suportá-lo; mas é porque nunca se atreveu a dizer que te mataria; disse-o hoje, prometeu matar a filha de Siriri, se for inimiga dos *emboabas*, prometeu matar-te, se fores esposo de Arycurana. Foi por isto que viste tua mãe fazer o que nunca fez debaixo dos maiores padecimentos em toda a sua vida. Primeiro que ele fizesse o que tinha prometido, eu o teria matado, se não chegasses tão depressa. Filho meu, fujamos deste malvado, fujamos

122Encosta de montanha, serra ou monte; sopé.

para as florestas, para as montanhas, para os ermos, contanto que deixemos a choupana do escravo, do assassino de seu filho.

– Sim, boa mãe; mas primeiro quero ouvir o que diz também o pai de Borapitinga.

Muribeca estava lavando o rosto em um córrego vizinho do terreiro, quando o filho foi ter com ele. O cacique aflava de raiva e vergonha; ao ver o filho, levantou-se e dirigindo-se para ele com ar de ameaça, pergunta-lhe:

– O que queres comigo? Vens acabar o que tua mãe começou?

– Venho saber – torna Borapitinga – se o pai determina mais alguma coisa além das ordens que já me deu.

– Vai; cumpre as minhas ordens e acredita que, se desobedeceres a teu pai, se te fizeres inimigo dos *emboabas* e fores esposo de Arycurana, eu serei teu inimigo, não consentirei que entres mais na minha cabana e, se um dia eu te encontrar, cairás morto aos golpes do meu tacape.

– Eu vou cumprir as ordens de meu pai; dentro em poucos dias todos os caciques ficarão sabendo que o cacique da Miaba pretende render-se ao poder do grande *emboaba* e deseja que eles também se rendam. Mas o filho de Macapurana pede a seu pai por sua mãe, pela boa mulher que não pode fazer a viagem que seu filho vai fazer. Na volta ele quer saber se Macapurana sofreu de Muribeca e que Muribeca a tem feito sofrer em toda a sua vida, porque então Borapitinga deixará de ser filho do poderoso cacique

da Miaba, e o pai deve tremer diante do filho que matará o algoz de sua mãe, que ele ama sobre tudo.

– Parte quanto antes a cumprir as minhas ordens, e Macapurana será respeitada, se não fores traidor. Juro por Tupã.

Borapitinga partiu depois de ter abraçado cordialmente o pai e a mãe. Muribeca, logo depois que o filho se retirou, travando do arco e das flechas e, acompanhado de alguns índios, entranhou-se nas florestas, pretextando ir à caça, mas não tendo verdadeiramente outro fim, senão evitar de envergonhado a presença da mulher.

Entretanto, Macapurana, orgulhosa de ter sabido defender valentemente o seu filho, entregou-se aos misteres próprios das mulheres dos guerreiros indígenas. Durante a ausência do marido preparou uma grande provisão de cauim não só para, quando Muribeca voltasse da caça, fazer com ele as pazes, como para celebrar com toda a pompa selvática a volta do querido filho.

Efetivamente, ao termo de cinco dias, o cacique voltou à choupana, já quase bom das contusões do rosto, depois de ter conseguido matar uma enorme quantidade de caças de diversas espécies. Macapurana o recebeu com todas as demonstrações de verdadeiro contentamento e amor; o cacique em vista de tanta cordialidade, que lhe pareceu sincera, não pôde deixar de se comover e, abraçando a mulher, pediu-lhe perdão e as pazes se efetuaram!

À noite na *ocara* ardia uma grande fogueira, os ares restrugiam com os sons da orquestra selvagem, fervia na

igaçaba o *cauim* de que Macapurana ia repartindo as cuités com os guerreiros que com frenético alarido e delirante tripúdio aplaudiam as pazes restabelecidas entre o cacique da Miaba e sua mulher Macapurana.

Daquele dia em diante começaram, tanto Macapurana como Muribeca, a mostrar-se muito amigos e a esperar ansiosos pela volta de Borapitinga. A extremosa mãe havia preparado para o filho, quando chegasse, a enorme variedade de caças que o cacique tinha trazido cinco dias depois da tremenda luta dos dois esposos.

Os dias, entretanto, foram-se passando e Borapitinga não voltava! Havia já um mês que ele se tinha partido da taba paterna; era tempo de sobra para que tivesse ele cumprido a sua missão e voltado a dar conta dela a seu pai. Este, porém, não tinha a menor notícia do mancebo e começou a impacientar-se tanto mais, quanto Macapurana se havia tornado taciturna, triste e maximamente irascível.

Decorreu ainda um mês e continuava a prolongar-se a ausência de Borapitinga; Muribeca, já não podendo mais suportar as recriminações da mulher, despediu emissários à procura do filho; os emissários voltaram ao cabo de alguns dias dizendo que efetivamente Borapitinga cumprira pontualmente a sua missão e que todos os caciques declararam que ele ia acompanhado de uma velha ainda bastante forte e de uma moça de extraordinária formosura, que o forçava a rejeitar a hospitalidade que eles lhe ofereciam. E dava como razão, pela qual não se podia demorar em parte alguma, não só a obediência às ordens de seu pai, que lhe recomendara que voltasse o mais depressa

possível, como ainda a grande necessidade que sua mãe tinha dele para defendê-la do furor dos seus inimigos. E não declarava que inimigos eram esses, cujo furor sua mãe temia.

Em vista do que acabava de saber Muribeca, apesar da sua covardia, acedeu ou pareceu aceder às instâncias da mulher, que não cessava de culpá-lo por ter feito o filho se expor à fúria dos *emboabas* sem necessidade alguma, e lhe ordenava que fosse defender os seus irmãos contra os *emboabas*. O miserável reuniu toda a sua gente e partiu prometendo que cumpriria as ordens de Macapurana, porém tinha um propósito firme de aliar-se aos portugueses contra os *tupinambás* não só, como contra o próprio filho, Arycurana e Imirapiranga.

Ardendo em desejos de vingança por estar convencido de que Arycurana o fora enganar, dizendo que Seregipe, Siriri e Jukeriorana tinham morrido, para fazê-lo cair em alguma cilada como presumia que tinha caído Borapitinga, antes de ir se oferecer aos portugueses, como aliado, foi pedir informações do filho aos caciques a quem ele o tinha enviado. O miserável achava-se à frente de uma enorme partida de índios da sua taba e ainda assim o medo não o abandonava. No entanto, estava resolvido a mandar matar o filho, se o encontrasse com Arycurana e Imirapiranga, ou a conduzi-lo preso para a sua taba, o vendo só, e obrigá-lo a confessar a verdadeira causa da sua demora.

Baldada foi, porém, a sua excursão; nenhuma informação pôde ele colher dos caciques além das que os

seus emissários já lhe haviam dado. Voltou, por conseguinte, para a taba sem saber que partido deveria tomar. Tanto mais irresoluto se achava quanto, depois que Macapurana lhe mostrara para quanto prestava, ele começou a temê-la como as crianças temem os lobisomens.

Enquanto levou a refletir se com efeito devia aliar-se aos portugueses ou conservar-se neutro, à espera de que, outros caciques se rendessem à descrição de Cristóvão de Barros, livrando-o, deste modo, de comprometer-se em uma luta em que corresse o risco de perder a vida, o miserável Muribeca, para justificar perante a mulher a sua volta à serra da Miaba, levou todo o tempo da sua irresolução e inércia a embair a pobre Macapurana com mil histórias mendaciosas¹²³, dizendo que tinha vingado a morte de seu filho e seus irmãos, exterminando a maior parte dos *filhos do sol* e obrigando a abandonarem o território sergipano os poucos que sobreviveram à tremenda luta de extermínio que com eles travara.

A crédula Macapurana teve, ao menos por atenuante da dor de haver, como acreditava, perdido o filho, a triste consolação de saber que a maior parte dos *emboabas* haviam morrido e o resto se ausentado.

Enquanto isto se passava no sul, Cristóvão de Barros, tendo-se apoderado do Aracaju e suas adjacências, participou imediatamente para a Bahia o que miraculosamente havia conseguido e pedia ao mesmo tempo ao governo que lhe enviasse, quanto antes, todos os

123Falsas; mentirosas; enganadoras.

elementos necessários não só para a manutenção indispensável da paz entre as hordas conquistadas, como ainda para prosseguir no seu cometimento de submetê-las à metrópole, berço da sua futura civilização e progresso, e iluminar-lhes o espírito à luz das santas e eternas doutrinas do Evangelho.

Os recursos pedidos não tardaram. Cristóvão de Barros, então, filho convicto da divina religião do Cristo, que tanto diverge desse torvo, apaixonado e sanguinário catolicismo, inventado pelo velho *João Maria*¹²⁴, vulgarmente conhecido por *Pio IX*¹²⁵, primeiro que resolvesse efetuar a conquista geral das tribos tupinambás, tratou de fundar no alto de uma bela colina uma capelinha de que foi prego o santo do seu nome e que veio a ser mais tarde a matriz da cidade de São Cristóvão¹²⁶, hoje um pouco decaída do seu antigo esplendor depois que em 1855, sob a presidência do Dr. Inácio Joaquim Barbosa¹²⁷, deixou de ser a capital para ser elevada a esta categoria uma praia inóspita e insalubre, denominada Aracaju, cujas febres paludosas¹²⁸ levaram ao túmulo em poucos dias, além de milhares de vítimas, o

124Alusão a Giovanni Maria Mastai-Ferretti, Papa Pio IX.

125Giovanni Maria Mastai-Ferretti (1792-1878), Papa Pio IX. Foi o 255º pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana entre os anos de 1846 a 1878. Durante seu papado, em 1869, foi realizado o Concílio Vaticano I.

126Município de Sergipe, pertencente a região metropolitana de Aracaju. É uma cidade histórica, a quarta mais antiga do país e primeira capital de Sergipe, fundada em 1590 por Cristóvão de Barros.

127Inácio Joaquim Barbosa (1821-1855) foi um advogado, administrador público e político brasileiro. Presidente da província de Sergipe de 1853 a 1855. No seu governo foi efetuada a mudança da capital sergipana de São Cristóvão para Aracaju.

128Infecção causada por contato a emanações de áreas pantanosas.

ilustre fundador da nova capital, que faleceu na cidade da *Estância*¹²⁹, berço do obscuro autor desta narrativa.

Concluída a capelinha, deixando incumbido de catequizar os selvagens a um virtuoso filho Loyola¹³⁰, que tinha levado consigo, Cristóvão de Barros, acompanhado de alguns índios, que lhe votavam sincera gratidão pelo paternal tratamento que dele tinham recebido e em frente da tropa que tinha chegado e estava à sua disposição, saiu a percorrer as diversas tabas, principiando a sua excursão pelo norte. Foi primeiro à taba do finado Siriri, onde, logo que chegara, o cacique Japarutuba, cuja taba era próxima da de Siriri à margem esquerda do *Cotinguiaba*, se apresentou no meio de uma pequena tropa de índios que não excediam de doze e todos armados de arco e flecha.

Diante de tão insignificante força, Cristóvão de Barros não vacilou um instante e foi ao encontro do cacique. Grande, porém, foi a surpresa quando, ao aproximar-se daqueles, que julgava inimigos irreconciliáveis, ouviu um grito que dera Japarutuba ao mesmo tempo que os doze índios depunham aos pés de Cristóvão seus arcos e flechas e se puseram a bater palmas, enquanto o cacique se conservava armado.

Cristóvão de Barros não podia adivinhar que demonstrações eram aquelas; se hostis ou amistosas. Não obstante, tratou de imitar o chefe indígena e, mandando

129Município litorâneo de Sergipe, à 68 km da capital Aracaju. Cidade natal de Constantino José Gomes de Souza.

130Inácio de Loyola (1491-1556). Padre jesuíta espanhol, principal fundador da Companhia de Jesus. Foi canonizado pelo Papa Gregório IV em 12 de março de 1622.

formar doze dos seus soldados, ordenou-lhes que depusessem as armas aos pés do cacique. Os soldados executaram a ordem e à imitação dos selvagens, começaram igualmente a bater palmas.

Concluída esta simples cerimônia, Japarutuba aproximou-se do vencedor e lhe dirigiu a palavra por meio de um intérprete que Cristóvão de Barros levava consigo. O cacique declarava que o seu maior desejo era manter com o *grande emboaba* relações de amizade, que não queria guerrear com *os filhos do sol*, porque precisava das luzes de Tupã. Para firmar o tratado de paz, que acabava de propor, Japarutuba convidou o conquistador para que fosse passar alguns dias na sua taba, ao que Cristóvão de Barros acedeu de boa vontade, emprazando o dia em que teria de realizar a sua visita.

Obtida a promessa de Cristóvão de Barros, o cacique retirou-se para a sua taba que ficava nas imediações de Itaporanga¹³¹, limítrofe da do finado Siriri. Desde que chegou de volta à sua cabana, Japarutuba não descansou, cuidando dos preparativos para a recepção do grande *emboaba*. Ora a pescaria, ora a caçada foi em que se ocupara, enquanto esperava pela visita do conquistador, ao passo que sua mulher tratava de assar o peixe e as caças e preparar vinhos de várias espécies de frutas.

Cristóvão de Barros, finalmente, chegou ao próprio dia aprazado; com a sua chegada todos os rudes instrumentos de festa ressoaram estrepitosamente e aos

131Município sergipano situado no litoral. Neste município, foi instalada a primeira residência jesuítica do estado.

seus dissonantes sons casaram-se as vozes rouquenhas dos selvagens, que tripudiaram frenéticos na *ocara*, como demônios ou feiticeiros no *sabal*¹³².

Tudo paramentado dos seus mais ricos adornos de *penas de tucano*, e acompanhado por alguns índios, em quem mais confiança depositava, Japarutuba apressou-se em ir receber o irmão do grande *Sumé*, usando da mesma cerimônia de que tinha usado no primeiro encontro.

Cristóvão de Barros, depois das continências feitas pelo cacique, reclinou-se, à convite deste, em uma luxuosa rede de penas, armada na sala da choupana, onde passou por um ligeiro sono, enquanto na *ocara*, depois da manifestação de regozijo pela boa vinda do *grande emboaba*, se estendiam ricas esteiras de carnaúba sobre as quais foi posta uma grande variedade de caças e peixes assados e das melhores frutas do país. Apenas o governador despertou, o cacique foi convidá-lo para a refeição, que se fez ao som dos seus músicos instrumentos.

Depois do repasto prosseguiu a festa e, quando mais animada se achava ela, o cacique Pacatuba, irmão daquele em cuja taba se festejava a visita do grande *filho do sol*, do irmão do grande *Sumé*, se apresentou com as mesmas cerimônias com que se tinha apresentado o irmão, e protestando-lhe a mesma amizade, o convidou também a ir passar alguns dias na sua aldeia. Cristóvão aceitou o convite com satisfação tanto maior, quanto, não tendo desgostado da hospedagem que acabava de receber, estava convencido

132 Dia de descanso.

de que, se não melhor, pelo menos a mesma teria de encontrar na taba de Pacatuba.

Com efeito, terminadas as festas na taba de Japarutuba, as quais duraram três dias, e no momento em que Cristóvão de Barros se dispunha a partir, Imirá-taya, mulher do cacique, saiu-lhe ao encontro com duas formosas índias da taba, cada uma com a idade talvez não maior de 14 anos, e lhe as ofereceu como suas escravas. Cristóvão as aceitou dizendo:

– São tão livres como eu; aceito-as para educá-las, para fazer delas duas interessantes brasileiras e dar-lhes um belo futuro.

Dizendo isto, partiu, levando em sua companhia e com todo o desvelo, as duas virgenzinhas dos incultos sertões sergipanos.

Capítulo XI

A VOLTA DO FILHO

Satisfeito com o bom gasalhado que tivera na taba de Japarutuba e animado, por conseguinte, das melhores esperanças de levar feliz e facilmente ao cabo o seu cometimento, Cristóvão de Barros partiu para a taba de Pacatuba que no tratamento, que deu ao seu hóspede, não ficou aquém do irmão. Aí permaneceu Cristóvão igualmente cinco dias, findos aos quais, dirigiu-se à aldeia de Muribeca, tencionando ir, finalmente, à de Pindaíba, os únicos que lhe faltava visitar e que, por informações dos seus dois primeiros caciques, sabia que estavam também favoravelmente dispostos ao seu respeito.

Cristóvão de Barros ficou maravilhado ao entrar na *ocara* de Muribeca em vista da estrondosa recepção que lhe fez este chefe indígena. Duas grandes alas das mais belas donzelinhas da taba alongavam-se na extensão longitudinal da *ocara*, dançando, tocando e cantando rudemente, mas de modo que o triunfador, que ia passando por entre as duas alas, retardou o passo para melhor apreciar as inspirações rudes mais sublimes da natureza. Acompanhava-o Muribeca em frente de uma dúzia dos seus guerreiros, que haviam rendido ao *grande emboaba* as mesmas homenagens que os outros caciques já lhe haviam rendido.

Muribeca, cujo caráter ainda não descrevemos, era homem de pouco mais de cinquenta anos; estatura mediana e proporções delgadas. Extremamente vaidoso, soberbo, egoísta e amigo da ostentação, julgava-se superior em forças e poderio aos demais caciques, inclusive o próprio Seregipe que, ao invés dele, cômico da grandeza do seu poder e da sua valentia, se mostrava minimamente modesto, franco, leal, e muitas vezes ingênuo, não por estudo ou por hipocrisia, porém por índole, por caráter. Tanto que, aqueles, que o detestavam por inveja, abusavam da sua extrema bondade, o que não se atreviam a fazer com Muribeca, embora reconhecessem quanto a este era em tudo superior o pai do intrépido e esforçado Jukeriorana.

É que em geral, quer no estado de civilização, quer no da natureza, o homem mal intencionado, o perverso mais facilmente ilude e zomba do homem fraco e leal, do que do egoísta, do hipócrita; tanto mais quanto a ingratidão é quase a única moeda com que se pagam os favores, os benefícios.

Era não só por ostentação e vaidade, como pelo desejo ardente de vingança contra Seregipe, Siriri e Jukeriorana que, apesar de Arycurana tê-lo dito, não acreditava que tivessem morrido, que o miserável cacique desejava ser aliado dos portugueses; não era porque compreendesse as vantagens resultantes dessa aliança, visto como ignorava absolutamente o que fosse civilização.

É assim que pela concatenação lógica e fatal dos fatos muitas vezes os sentimentos maus e as paixões ruins levam o homem ao apogeu da glória e da grandeza; é

através da noite caliginosa do erro que quase sempre se chega ao luminoso alvorecer da verdade.

Foi por querer saciar sua sede de ódio e vingança, que o miserável cacique tão poderosamente concorreu para que aquele sertão inóspito se tornasse finalmente uma das mais belas constelações, que resplandecem no formoso diadema do grande Império; foi por vaidade e egoísmo que o pior daqueles selvagens se constituíra o mais poderoso auxiliar para Cristóvão de Barros no grande cometimento de civilizar aquele povo.

Na taba de Muribeca, pois, foi o governador tratado magnificamente, como não tinha sido ainda pelos anteriores. A mesa foi profusamente servida de toda espécie de caças, peixes, e diversos vinhos feitos de frutas, além do *cauim*. Sentado na *ocara*, em ricas esteiras de carnaúba, saboreando aquelas simples iguarias e aqueles deliciosos vinhos servidos pelas mãos das belas virgens da taba, que dançavam e cantavam ao som dos rudes instrumentos, enquanto ele jantava. Cristóvão de Barros em face daquela natureza esplêndida, luxuriante e grandiosa, onde tudo respirava liberdade e amor, onde o sussurrar das brisas no seio das florestas, o reflexo do sol nos leques das palmeiras do monte, o rumorejar dos rios em seus leitos profundos e o despenhar das catadupas de sobre o cabeça escavado das serranias, tudo, tudo era um hino incessante, perpétuo, entoado noite e dia por todos os seres da criação ao Criador, Cristóvão de Barros, dizemos, sentado no meio daqueles selvagens, ouvindo as canções singelas das formosas virgens, absorto na contemplação de tantas

maravilhas, reputava-se maior, mais feliz, mais poderoso ainda, do que o mais opulento monarca da terra!

E, se não fossem as imprescindíveis obrigações do seu alto cargo, ele, que entre si maldizia naquele momento pelo menos, o alinho cruel e inexorável, o sombrio e lúgubre cortejo de macias formalidades, com que a decantada civilização escraviza o homem na sociedade, ele deixar-se-ia ficar por algum tempo entre aquelas florestas seculares, entre aqueles rios majestosos, entre aquelas serras altaneiras, no meio daquele povo, em face daquela natureza virgem, onde tudo era grandeza e pompa, luz e harmonia, liberdade e amor!

Por intermédio do intérprete, que Cristóvão de Barros levava consigo, Muribeca fez lhe sentir não a verdadeira causa pela qual tinha sido tão fácil o triunfo dos *emboabas*, dizendo que todos os caciques procurariam resistir-lhe encarniçadamente, como haviam feito Seregipe e Siriri, e tê-lo-iam com toda a certeza matado, se com a sua poderosa influência não tivesse ele forçado todos os chefes tupinambás a sujeitarem-se ao poder do grande *filho do sol* que lhes ia levar à luz de Tupã.

Disse ainda que os tupinambás amavam mais do que a própria vida, a terra em que nasceram e a sua liberdade; que Cristóvão de Barros, por conseguinte, devia agradecer a ele os supremos esforços com que lhe preparara tão fácil e esplêndido triunfo.

Cristóvão de Barros desde logo conheceu o caráter falacioso do cacique e procurou tirar partido da sua vaidade,

começando por lhe perguntar a verdadeira causa, pela qual tinha ele se esforçado pelo triunfo dos portugueses.

Muribeca inverteu tudo em seu favor; por intermédio do intérprete disse que Seregipe e Siriri tinham sido uns malvados, que traziam todas as outras tribos em contínuas guerras, porque queriam dominar exclusivamente todo o território sergipano; que o único, que esses dois caciques do norte respeitavam, era ele Muribeca que afinal teve de lhes declarar guerra por quererem eles dominá-lo também.

Falando dos amores do filho com Arycurana, disse que, sabendo que Borapitinga desejava ser marido da filha de Siriri, se opusera fortemente e por este motivo Seregipe e o irmão se constituíram seus figadais inimigos ao ponto de lhe prenderem traiçoeiramente o filho, como depois o fizeram a ele que, ignorando o destino de Borapitinga saía em procura dele e, ao passar pela taba de Siriri, fora acometido pela gente deste e condenado a morrer com o mancebo no mesmo dia em que ele Cristóvão de Barros franqueava a barra do *Cotinguiba*.

Para melhor captar as graças do governador acrescentou que já ele estava com o filho amarrado ao poste do suplício para serem sacrificados, quando a presença das embarcações incutiu tamanho terror nos dois caciques e em toda a sua gente, que se esqueceram do suplício e fugiram; que por esta razão ele e Borapitinga lhe deviam a vida e estavam dispostos a servi-lo como escravos, enquanto vivessem; que, portanto, Cristóvão de Barros podia contar com a sua dedicação, com a dedicação da sua taba, com a

dedicação de todos os caciques e de seu próprio filho, se não tivessem caído aos golpes dos dois perversos caciques do norte.

Ouvindo falar por diversas vezes no nome de Borapitinga, o governador perguntou a Muribeca:

– Borapitinga, então, é seu filho?

– Conhece-o? – torna Muribeca.

– Esse índio é meu prisioneiro.

O cacique empalideceu de medo; não disse, não podia dizer uma única palavra por muito tempo e com ar de idiota pôs-se a olhar para Cristóvão de Barros, que sorria, saboreando a grotesca estupefação do índio.

– É, então, seu filho – continua o governador, depois de longos minutos – aquele insolente rapaz?

– O que fez ele, grande *emboaba*? – atreveu-se a perguntar trêmulo e balbuciante o mísero cacique.

– Apareceu-me em companhia de uma velha e de uma formosíssima rapariga, há cerca de três meses, dizendo que eu, quanto antes, me retirasse para a Bahia e deixasse livre, como sempre fora, este sertão, sob pena de me ver obrigado a ser escravo dos tupinambás que estavam dispostos a sublevar-se com o fim de resgatar a sua liberdade, exterminando todos os meus soldados e reduzindo-me à escravidão. Em princípio quis eu tratá-lo, como costume, com toda a moderação e brandura; fiz-lhe sentir que não desejava hostilizar os *tupinambás*, que, pelo contrário, tinha vindo tirá-los da ignorância e da barbárie, derramando entre eles as doutrinas do filho do verdadeiro Deus, as sublimes doutrinas do Cristo. A nada, porém, quis

ele atender, principalmente porque a moça, que o acompanhava, mostrando-se absolutamente inexorável no ódio contra os portugueses, fazia com que ele se tornasse igualmente inflexível.

Depois de ter usado em vão para com ele de todos os meios brandos e suasórios afim de o convencer das minhas boas intenções a respeito dele e dos seus irmãos, vi-me forçado a mandar prendê-lo no tronco, dizendo que não me retiraria sem pacificar primeiro todo este sertão e plantar no espírito do seu povo a sacrossanta religião do filho de Deus. Apenas ouviu a ordem de prisão, a rapariga, empunhando uma faca de pedra, cresceu para mim e termine-a de certo matado, se um dos meus guardas com incrível ligeireza, não se interpusesse, recebendo em cheio sobre o coração o golpe que o matou instantaneamente.

– E o que fez do meu filho? – pergunta Muribeca, fingindo minimamente acabrunhado pelo infortúnio do mancebo.

– Conservo-o preso, assim como a velha e a rapariga, porque pretendo levá-los para a Bahia a fim de sofrerem o castigo que merecem.

– Se o grande *emboaba* quer que Muribeca seja seu amigo, seu escravo e o ajude a vencer os tupinambás e apoderar-se de toda esta terra, pelo Deus que o grande *emboaba* adora, peço-lhe que me entregue Borapitinga e a rapariga e faça da velha o que o grande *emboaba* quiser; leve-a para a Bahia, mate-a ou deixe-a viver, contanto que eu torne a ver meu filho, contanto que meu filho seja marido

de Arycurana, porque é esta a vontade de minha mulher, que, se sabe que ele está preso, com certeza me tira a vida.

Cristóvão de Barros não pôde deixar de rir-se expansivamente do medo que mostrava ter o cacique à Macapurana, que felizmente na ocasião não se achava presente.

– Não lhe mandarei o rapaz e a rapariga – diz ele – sem lhe mandar também a velha, porque a velha e a rapariga parecem inseparáveis.

– Pois o grande *emboaba* – torna Muribeca – pode mandar Imirapiranga; eu conservarei a velha em companhia da esposa de meu filho.

– Então eu, apenas chegue a São Cristóvão, irei mandá-los trazer – diz Cristóvão de Barros –, que nenhum desejo tinha de levá-las para a Bahia, menos ainda de castigá-los pela tentativa de morte contra a sua pessoa, porquanto reconhecia que era um ato puramente animal, instintivo e, por conseguinte, consentâneo com o modo de sentir e pensar de um mísero selvagem, inconsciente do bem e do mal e obedecendo somente aos impulsos da natureza.

Cristóvão de Barros, acendendo ao pedido do insidioso cacique, estava convicto de que ele forçaria com toda a sua prepotência de que se jactava, ou convenceria por qualquer meio o filho da grande conveniência de se submeter ao domínio dos portugueses. Esta convicção foi a principal causa pela qual Muribeca obteve tão facilmente o que desejava.

Ao termo de uns oito dias o governador partiu para a taba de Pacatuba, onde foi recebido com as mesmas demonstrações com que o tinha sido por todos os outros caciques, à excepção de Muribeca com quem nenhum pôde rivalizar na ostentação da pompa. Na taba de Pacatuba demorou-se ele apenas três dias. Estava sobejamente farto de viver como selvagem; os seus primeiros arroubos de entusiasmo pelos costumes simples daquele povo, pelas magnificências daquela natureza livre e grandiosa tinham de todo arrefecido e ardentemente desejava voltar ao alinhamento convencional, ao brilhante cortejo das formalidades que convertem o homem da sociedade no mais miserável escravo, mas com que ele estava, em suma, habituado desde que nascera.

É talvez tão difícil habituar-se o homem civilizado ao viver libérrimo do nômade, como submeter-se o selvagem aos grilhões dourados da civilização. O que dizemos confirmam duas exceções pelo menos: Demócrito¹³³, fugindo da sociedade para viver em companhia das feras e Muribeca abandonando as feras para viver no meio dos homens.

Apenas voltou ao povoado de São Cristóvão, a primeira coisa que fez o governador, foi mandar levar o cacique da Miaba Borapitinga, Arycurana e Imirapiranga. Chegados que foram à taba do cacique, o inexorável

133Demócrito de Abdera (460-370 a.C.). Filósofo pré-socrático grego, discípulo e sucessor de Leucipo (500-430 a.C.). Precursor da teoria atômica. Constantino faz referência a vida nômade de Demócrito, que em busca de conhecimento, viajou incansavelmente, pois sua filosofia foi ignorada quando ele esteve em Atenas.

Muribeca deu ordem para que os três prisioneiros fossem à sua presença. Ele esperou-os na cabana.

Era alta noite, quando Borapitinga, acompanhado de Arycurana e Imirapiranga se apresentou a seu pai com toda arrogância e altivez, como se visse nele um juiz injusto e incompetente para julgá-lo. À maneira, porque se havia apresentado, parecia antes uma provocação; Muribeca ao ver o filho e as duas mulheres sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo dos pés à cabeça. Macapurana estava ausente.

– Borapitinga – perguntou ele com voz alterada pela raiva –, porque é que atraíçoaste teu pai, mostrando-te inimigo do *grande emboaba*?

– Porque amo Arycurana – responde o mancebo com todo o sangue frio e desembaraço – e para meu coração a formosa filha de Siriri vale mais do que todos os *emboabas* juntos, porque é a mais bela filha do grande e poderoso Tupã. Quando Arycurana fala, tudo é silêncio, porque Borapitinga só pode ouvir a sua voz; quando Arycurana olha para ele, tudo se escurece, porque Borapitinga só vê a luz dos seus olhos, quando Arycurana sorri, Borapitinga odeia os *emboabas*, odeia tudo, porque ele só ama Arycurana, porque o olhar, o sorriso, o amor de Arycurana é a vida, a felicidade de Borapitinga. Eu sou inimigo de Muribeca, se Muribeca é inimigo de Arycurana, se é inimigo de Imirapiranga.

Estas palavras foram proferidas com acento de tão profunda convicção, que o cacique, ouvindo-as, desnortou; não obstante, simulando uma calma que não tinha, disse com entono de juiz severo e inexoravelmente justo:

– Borapitinga desobedeceu a seu pai, é, portanto, inimigo de Tupã e amigo de Anhangá. Borapitinga vai morrer e com ele morrerá Arycurana, morrerá Imirapiranga.

– A filha do valente Siriri – responde a donzela – não tem medo da morte; quer antes ir viver nas *montanhas azuis*, ao lado de Tupã e Borapitinga, do que numa terra que foi o berço de valentes guerreiros que adoravam a sua liberdade, e é hoje o covil infame de miseráveis escravos que beijam os ferros da escravidão. Arycurana e Borapitinga, assim como a irmã do grande Seregipe, nasceram livres e livres querem morrer. Mata-nos, portanto, se és capaz, escravo infame dos malvados *emboabas*. O guerreiro valente, que uma vez chegou a perder a sua liberdade, não pode mais suportar, nem sequer um instante, a vida que lhe pesa; ele procura livrar-se da vida que é o cativeiro, para atirar-se nos braços da morte que é a redenção. Mata-nos quanto antes, covarde Muribeca; Arycurana é filha do grande Siriri, sobrinha do poderoso Seregipe, e irmã do valente Jukeriorana; saberá morrer como eles morreram.

– E hás de morrer quanto antes; o que desejas, farei com o maior prazer. Agora mesmo vou dar ordem para que se levante no meio da *ocara* o poste em que tu e a tua tia serão amarradas para sofrerem o mais bárbaro suplício; o teu amante morrerá também depois de ter sido o algoz de ambas.

– Poderoso Muribeca, por Tupã te peço, não me condenes a ser o algoz da mais formosa *manacá* da nossa

taba; mata-me primeiro, porque, se tenho coragem para matar ou ver morrerem, um por um, todos os *filhos do sol*, todos os *emboabas*, não a tenho para ser o algoz de duas fracas mulheres. O filho de um cacique nasce para matar os guerreiros, que são seus inimigos e não para matar as mulheres que precisam da proteção dos guerreiros valentes. O filho de Muribeca quer antes morrer pelas mãos de uma mulher, do que matá-la. Borapitinga não matará, não pode matar, porque não tem ânimo de ver morrer a mais formosa filha de Tupã, a mulher que ele ama como ama a liberdade.

– O filho ingrato do poderoso cacique da Miaba não merece que Muribeca lhe conceda nem a mínima graça. Borapitinga morrerá depois que tiver visto morrer no meio das chamas da coivara que hei de mandar acender na hora do castigo, com os peitos cortados pelas próprias mãos dele, a mulher infame que o obrigou a desobedecer e atraiçoar seu pai. A morte de Arycurana será um exemplo; em todo o território sergipano será por muito tempo lembrada com horror a morte da desgraçada filha de Siriri, que se atreveu a perder para sempre aquele em quem eu fundara todas as esperanças de vir a ser depois da minha morte o poderoso cacique desta taba, o herdeiro das minhas glórias e do meu nome.

– Nome e glórias de que eu teria de me envergonhar, porque são as glórias e o nome de um escravo dos infames *emboabas*.

– Amarrem esses miseráveis – exclama furioso o cacique – e conserve-os presos até a hora do suplício.

Esta ordem teria sido imediatamente cumprida, se no momento, em que os esbirros¹³⁴ procuravam apoderar-se das vítimas, não entrasse inopinadamente na casa Macapurana em estado de causar pena e horror ao mesmo tempo. A desgraçada mãe, interpondo-se às vítimas e aos algozes, exclama como desvairada:

– Hei de matar-me, primeiro que os cheguem a prender.

À sua presença Muribeca estremece, os mandatários recuam e as vítimas sorriem.

– Covardes – torna desesperado o cacique – infames que recuam diante de uma louca!... Amarrem esses desgraçados.

– Serás o primeiro que há de morrer, guerreiro sem coragem, marido sem generosidade, pai sem coração.

E dizendo isto, Macapurana, brandindo uma faca de pedra, arremessa-se impetuosa e terrível contra Muribeca e tê-lo-ia derribado instantaneamente morto, se o miserável não se desviasse do golpe com terrível ligeireza.

Os selvagens conservaram-se imóveis, não tolhidos pelo medo, mas dominados por inviolável respeito a dor suprema da desolada mãe.

134 Indivíduos encarregados em cumprir ordens.

Capítulo XII

AS FLECHAS MISTERIOSAS

Macapurana, logo que foi perdendo as esperanças de tornar a ver o filho, quando, finalmente, se convenceu de que tinha sido assassinado pela gente de Seregipe ou mesmo pelos *emboabas*, começou a ficar profundamente melancólica e taciturna. Deixou de falar com o marido a quem execrava mortalmente e cuja presença, de então em diante, procurava sempre evitar.

Para isso todos os dias ela ia sentar-se de manhã e de tarde à porta da cabana solitária do filho e lá passava longas horas pascendo amargas e íntimas saudades e derramando torrentes de pranto, que nunca se estancava. A desgraçada mãe, não tanto pela falta de alimentação, que muito pouco se alimentava, como pela ideia da morte de Borapitinga, foi caindo a pouco e pouco em tão profundo estado de hipocondria, em tamanho abatimento de ânimo, tão espantosa magreza, que era um doer de coração vê-la assim.

O próprio Muribeca, embora procurasse se mostrar superior ao infortúnio e indiferente aos sofrimentos de Macapurana, sofria mudo o martírio íntimo do remorso, que tanto mais inexorável e acicalado o pungia, quanto estava convencido de que fora ele quem concorrera para que o filho caísse morto aos golpes do inimigo. Por seu

turno, então, procurava ele evitar também, o mais possível, a presença da mulher, cujo deplorável estado mais aumentava o martírio do insidioso cacique.

Tudo, porém, quanto foi pena, desesperação, remorso, que a ideia da morte do filho o havia feito sofrer, converteu-se imediatamente no mais medonho furor contra ele, desde que soube por Cristóvão de Barros o procedimento do mancebo. Simulando desejos de tornar a vê-lo, porque, como havia dito, temia que a mulher lhe arrancasse a vida, ele protestava intimamente ser inexorável para com Borapitinga, Arycurana, Imirapiranga e para com a própria mulher, se esta ousasse ainda uma vez interceder por ele.

Foi ao anoitecer que Borapitinga e as suas duas companheiras de infortúnio chegaram à taba de Muribeca. Macapurana, que passara à tarde inteira sentada à porta da choupana do filho, dirigia-se nessa ocasião para a cabana do marido. Ao chegar à porta, ouviu a voz do filho e tal foi a sua alegria, que lhe faltaram as forças e ela caiu sentada do lado de fora, donde pôde ouvir tudo quanto disse o mancebo.

Pressentindo as terríveis disposições do cacique, foi a uma palhoça em que ele guardava as suas armas, armou-se de uma faca de pedra e sem perda de tempo voltou à cabana no momento em que os verdugos¹³⁵ se lançavam sobre as vítimas.

135Verdugo: aquele que maltrata ou aplica castigos físicos; carrasco.

Muribeca, vendo-os recuarem ante a ameaça de Macapurana e conservarem-se impassíveis às reiteradas ordens que dava de amarrarem os prisioneiros, possui-se de tão frenético furor que, levando à mão do arco com que tinha voltado da caça na mesma ocasião, em que o filho acabava de chegar, teria transpassado com uma flecha o peito da mísera mulher, se o destemido mancebo, com a celeridade do raio, não conseguisse desviar o golpe, arremessando-se ao pai e arrebatando-lhe das mãos o arco, que quebrou aos pés, enquanto a flecha fatal sibilava nos ares varando o espaço.

Apenas conseguiu salvar a mãe, desarmando o pai, Borapitinga entregou os pulsos aos algozes e aconselhou às duas prisioneiras que fizessem o mesmo. Com efeito, dentro em poucos minutos estavam manietados não só Borapitinga, Imirapiranga e Arycurana, como a própria Macapurana.

Nessa mesma noite deviam as vítimas sofrer o castigo e o inexorável cacique deu ordem para que todos os instrumentos do suplício ficassem prontos o mais cedo possível.

Enquanto, porém, no meio do terreiro se levanta o poste, em que têm de ser torturados o filho e a mulher de Muribeca, a irmã e a filha de Siriri; enquanto lá se acende a fogueira, em que tem de arder vivas a sobrinha e a tia, depois de lhes serem cortados os peitos e as mãos, e onde serão lançados depois de mortos a mãe e o filho, digamos como é que Borapitinga foi cair em poder de Cristóvão de Barros.

Borapitinga tratou de cumprir fielmente as ordens de seu pai bem contra a vontade de Arycurana, que por fim teve de ceder, depois que o mancebo lhe fez o juramento de unir-se para sempre a ela, reforçar-se não só de gente como de toda munição de guerra e ir exterminar todos os *emboabas*, inclusive o conquistador. Terminada a sua missão, refugiou-se com a irmã e a filha de Siriri no *Vão do medo*, com o fim de aliciar gente e munir-se do necessário armamento.

À meia légua de distância, pouco mais ou menos, na cidade de São Cristóvão existe uma extensíssima floresta de que já falamos, dividida ao meio por largo corredor que a atravessa em toda a sua extensão. Tão vasta e intrincada é, que os galhos do seu arvoredor, entrelaçados intimamente, formam tão compacta abóbada que, impenetrável ao sol, faz reinar perpétua noite no seio dela.

O imenso e tenebroso corredor, que a atravessa, é o que comumente se chama *Vão do medo*, porque ainda hoje é realmente medonho. Os portugueses, no tempo em que se passa a história que narramos, tinham-na por uma floresta mal assombrada.

Verídica ou não, conta-se ainda hoje que, longos anos depois da conquista de Cristóvão de Barros, tendo morrido um sujeito que tanto tinha de rico quanto de influente e malvado, o seu caráter foi conduzido para a povoação afim de ser sepultado na capelinha; mas passando pela frente do *Vão do medo*, saiu-lhe ao encontro uma horrenda aluvião de macacos, que o arrebatando das mãos dos condutores, desapareceram com ele nas perpétuas

terras do medonho vão. Segundo a crença popular eram esses macacos uma legião de demônios que lá se foram banquetear no cadáver do ***, depois de lhe terem posto alma a frigar nas caldeiras de Pedro Botelho.

Séculos mais tarde era corrente em toda a província que o *Vão do medo* não passava de um tenebroso esconderijo de toda a casta de malfeitores, ladrões e assassinos, como de toda a espécie de animais ferozes. Ainda hoje, porém, se acredita na velha tradição.

Foi, pois, no famoso *Vão do medo* que Borapitinga, ao termo de alguns meses, conseguiu formar um forte exército composto de uma parte de descontentes que haviam pertencido as tabas de Seregipe e Siriri, enquanto a outra parte aderira a Jukeriorana, de quem mais tarde daremos notícias.

Logo que se supôs em estado de entrar em luta com Cristóvão de Barros, Borapitinga, em frente da sua tropa e ao lado da sua querida e inseparável Arycurana e da dedicada Imirapiranga, dirigiu-se ao povoado de São Cristóvão e procurou falar ao governador antes de romperem as hostilidades. Este procedimento leal foi aconselhado pela generosa Arycurana e reforçado pela aprovação da judiciosa Imirapiranga.

Cristóvão de Barros, como homem avisado e prudente, enquanto não conseguiu dominar de todo os indígenas e firmar entre eles instituições regulares e um regime administrativo, nunca deixou de andar bastante acautelado, conservando, sempre que tinha necessidade de

ficar em terra, uma força pronta e suficiente para repelir qualquer agressão da parte dos selvagens.

Foi justamente o que aconteceu, quando Borapitinga se apresentou com a sua gente armada, intimando ao governador que se retirasse, quanto antes, para a Bahia, sob pena de morrer depois de ter visto morrerem todos os *emboabas*.

Cristóvão de Barros sorriu de compaixão e ironia ao mesmo tempo ante a intimação desassissada do pobre selvagem; não obstante, mandou-o prender incontinentemente e destroçar o resto da tropa inimiga. Esta, porém, apenas viu presos Borapitinga, Arycurana e Imirapiranga, fugiu em debandada e foi refugiar-se na *Pedra Furada*, temendo que os *emboabas* conseguissem saber, por intermédio dos prisioneiros, o lugar onde eles se haviam homiziado, e os fossem perseguir no *Vão do medo*.

Foi no dia imediato ao deste acontecimento que Cristóvão de Barros encetou a sua excursão por todas as tabas dos diversos caciques e, por conseguinte, um mês pouco mais ou menos antes de restituir Borapitinga, Arycurana e Imirapiranga, sobre cujas cabeças paira a morte com medonha catadura¹³⁶.

A tia e a donzela estavam amarradas ao poste, nuas da cintura para cima, como é de uso entre os indígenas. O mancebo, segundo determinara seu pai, tinha de cortar os peitos e os pulsos às duas primeiras vítimas, que deviam ser depois lançadas ainda vivas à fogueira.

136Expressão do semblante; aspecto; aparência.

No momento, porém, em que Muribeca entrega ao filho uma faca de pedra e lhe ordena que encete a execução do suplício, Borapitinga solta uma gargalhada estridente, medonha; com a mesma faca em punho investiu furioso contra o pai, que teria caído morto instantaneamente, se os índios, que ali se achavam muito de propósito por ordem do cacique, para conterem alguma agressão por parte do mancebo contra o pai, não se apoderassem rapidamente de Borapitinga e, desarmando-o, não lhe amarrassem os pés com o fim de lhe impedirem a locomoção e forçá-lo a dar princípio ao suplício de Imirapiranga e Arycurana. Neste estado, Muribeca entrega-lhe outra vez a faca e ordena-lhe que corte os peitos e os pulsos às desgraçadas prisioneiras.

– Não, nunca – disse Borapitinga com exaltação; – nunca martirizarei as únicas pessoas que amo na terra. Se fosse o sangue de um escravo, como tu, que Borapitinga tivesse de derramar, o teu filho já o teria bebido gota a gota, já lhe teria arrancado a pele e mastigado o coração. Borapitinga sabe que vai morrer aos golpes de Muribeca, morre como homem livre, quer antes a morte do que matar sua mãe, do que matar sua mulher.

Dizendo isto, o mancebo arremessa aos pés do cacique a faca de que se tinha de servir.

– Hás de morrer, então, depois que as vires morrerem – exclama o inexorável Muribeca.

E, apanhando o instrumento que o filho lhe atirara aos pés, entrega-o a um índio que pelos trejeitos e

gatimanhos¹³⁷ mostrava grande interesse, grande prazer pela morte de Arycurana.

Mais tarde daremos a razão pela qual se mostrava esse índio tão interessado pelo suplício da desditosa filha de Siriri; por enquanto concluamos o quadro que começamos a esboçar.

Ao receber a faca das mãos do cacique o índio encaminhou-se com satânico prazer contra a sua vítima; no momento porém, em que levantava a mão para dar o primeiro golpe, uma flecha veio, sibilando pelos ares, encravar-se no peito do miserável que subitamente caiu sem vida aos pés da donzela.

– Oh!... Jukeriorana! Bom e grande Jukeriorana! – exclama a filha de Siriri, transpassada de excessivo júbilo que se manifestava no venturoso pranto cujas copiosas bagas lhe aljofaravam o belo e voluptuoso seio.

Era a primeira exclamação que fazia desde que fora levada ao suplício. Borapitinga, ouvindo aquela exclamação verdadeiramente entusiástica, sentiu lhe acender no peito a raiva do mais horrendo ciúme e, compreendendo que Jukeriorana ainda vivia, se convenceu de que Arycurana o tinha enganado. Convicto, pois, da suposta traição da donzela, se dispôs a consumir o sacrifício e trêmulo de furor, com os olhos incendidos e os lábios espumosos como os de um cão hidrófobo¹³⁸, disse ao pai:

– Borapitinga é filho de Muribeca, é amigo dos *emboabas*, está pronto a cumprir as ordens de seu pai; pede-

137Sinal feito com as mãos; gestos; trejeitos.

138Raivoso; pavoroso

lhe a vida por um instante para cortar os peitos e os punhos da falsa Arycurana, da falsa Imirapiranga e vê-las arderem vivas na fogueira. Dá-me a faca e essas duas mulheres não viverão mais do que o tempo que for preciso para eu cumprir as tuas ordens, pai.

Terminando este pedido, o selvagem estava medonho; tinha chegado ao grau supremo da raiva, do furor e do ódio. Os olhos injetados de sangue, semelhavam duas chapas de ferro incandescente e a espuma dos lábios, que se havia condensado mais, tornara-se fortemente sangrenta.

– Miserável covarde – torna Arycurana, cheia de indignação e asco; – filho, como és de um escravo, não podias deixar de ser escravo também. Desprezei o nobre filho do grande Seregipe, tão digno do meu amor, só por amar o filho do covarde Muribeca! Mata-me, pois, porque serei vingada pelo guerreiro mais livre, mais generoso e mais valente que conheço. Mata-me, que morro ditosa por ter a certeza de que Jukeriorana ainda vive; do que acabo de presenciar nenhum outro seria capaz, senão o grande, o valente, o generoso Jukeriorana, que Tupã conserva ainda vivo para ser o vingador de seu pai, de seu tio e de sua prima.

Ouvindo as palavras da corajosa donzela, o selvagem convulsou e rugiu como o touro bravio subjugado. Ao receber das mãos do pai a faca, imediatamente cortou com ela as embiras que lhe prendiam os pés e de um pulo venceu a distância que o separava da vítima. Primeiro, porém, que tivesse tempo de ferir, uma

segunda flecha veio paralisar-lhe o braço, encravando-se no coração do desgraçado que, como o primeiro tinha caído, caiu instantaneamente morto.

– Tupã! Tupã! – exclama segunda vez Arycurana com um sentimento misto de dor, de júbilo e entusiasmo – protegeí-os dias do grande Jukeriorana para ser o libertador dos seus irmãos, os valentes tupinambás.

Estas palavras foram proferidas no meio do mais profundo silêncio, estupefação e terror. Muribeca, assim que viu cair traspassado pela misteriosa flecha o filho, deu ordem para que, quanto antes, fosse batida toda a floresta pela sua gente, afim de ser preso o insolente que a tanto se atrevia. Mas nenhum dos seus guerreiros se moveu; o terror havia-os petrificado; para todos eles era fora de dúvida que Tupã protegia a mais bela *manacá* das tabas sergipanas e que aquelas flechas vinham das *montanhas azuis* por ordem dele para castigarem os algozes da formosa filha do valente Siriri.

O cacique não estava menos aterrado apesar do furor que o dominava e, sem esperar que a sua gente lhe cumprisse a ordem de percorrer a floresta, de onde partiam as flechas, toma da faca de pedra que ainda o filho conservava na mão inerte, e precipita-se contra a desventurada donzela, que contemplava tudo aquilo com a risonha serenidade dos anjos no semblante, convencida de que tanto ela, como Imirapiranga e Macapurana coisa nenhuma teriam de sofrer, porque estavam sob a guarda do generoso mancebo que tinha por hábito proteger os fracos e abater os poderosos.

Já o inexorável Muribeca levantava o braço para ferir o melindroso seio da inocente Arycurana, quando terceira flecha partiu do seu ponto invisível e veio se embeber no olho esquerdo. A dor o fez cambalear, e lhe cair a faca da mão. Com a mão correspondente o bárbaro selvagem, rugindo de raiva e desesperação, arranca do olho a flecha, toma de novo a faca e arremete segunda vez sobre a vítima.

Uma quarta flecha, finalmente, que lhe vazara também o segundo olho, o obrigou a fugir. Na fuga precipitada tropeçou e caiu, soltando um rugido insólito, inaudito, ao sentir-se completamente cego. Convulsando de dor e desespero segura com ambas as mãos e arranca a flecha à cuja ponta saiu preso o globo do olho.

Nesse momento assoma triunfante na *ocara* o valente Jukeriorana, acompanhado de uma grande multidão de guerreiros, que tinham pertencido às tabas de Seregipe e Siriri. O mancebo estava realmente belo e sublime de valor e entusiasmo. Ao vê-lo a própria gente de Muribeca prorrompeu em horrísono alarido de frenética alegria, enquanto o infame cacique da Miaba, estendido no chão e presa de satânico mas impotente furor, estrebuchava como um epilético.

Capítulo XIII

JUKERIORANA

Antes de prosseguirmos cumpre que, para melhor facilitar a inteligência do leitor, nos remontemos a fatos anteriores que intimamente se concatenam às cenas que temos de descrever.

Desde que o esforçado Jukeriorana desapareceu no seio pavoroso da floresta, depois de haver amargamente apostrofado Arycurana ao saber que, logo em seguida à vitória de Cristóvão de Barros, ela mais Imirapiranga tinham desaparecido, foi ele refugiar-se na *Pedra Furada* em companhia do seu velho amigo Iramaia até ficar em estado de poder ainda uma vez, à frente dos seus valentes guerreiros, que não se quiseram sujeitar ao domínio do estrangeiro, ferir nova luta contra o homem que tão inopinada e tiranicamente lhe conquistara a terra do berço e lhe usurpara a liberdade.

A extrema fraqueza, que sentia em consequência dos seus graves ferimentos, recebidos nas terríveis refregas em que seu pai e seu tio tiveram de perder a vida, obrigou-o à completa inação durante muito tempo. Quando se sentiu mais convescido, tratou de reunir gente, ajudado por Iramaia.

Na *Pedra Furada* existia não pequeno número de índios que haviam pertencido às tabas de Seregipe e Siriri e que, descontentes com a nova ordem de coisas, ali se

tinham igualmente ido refugiar, esperando talvez que uma eventualidade feliz lhes restituísse a pátria com a liberdade.

Iramaia com alguns companheiros, em quem mais confiança depositava, ia todas as noites por tardas horas à taba de Seregipe umas vezes, outras vezes à de Siriri convidar gente para o grande cometimento que Jukeriorana planejava.

Enquanto estava em companhia do pai, Jukeriorana era o ídolo não só deste, como de Siriri e de todos os índios das duas tabas pelo seu caráter generoso, pela sua valentia inexcedível e pelo amor que demonstrava a todos os guerreiros, de seu pai e de seu tio, em favor dos quais não se poupava a sacrifício de natureza alguma.

Não obstante, o dedicado Iramaia e seus companheiros, apesar dos grandes esforços que fizeram, muito pouca gente conseguiram chamar ao partido de Jukeriorana.

A espécie humana é sempre assim. De todos os animais é o homem o mais feroz e ingrato. Civilizado ou selvagem, é sempre o miserando escravo das paixões; vaidoso e egoísta, ambicioso e versátil, procura sempre, ou às mais das vezes, aquilo que presume e espera poder lisonjear a sua vaidade, o seu egoísmo e satisfazer as suas ambições. Arrastado por essa esperança, tanto quanto pelo espírito de curiosidade, ele rompe com o passado e todas as suas crenças e encaminha-se para o futuro que lhe parece acenar com mais esplêndidas grandezas e, então, o amigo da véspera torna-se o inimigo do dia seguinte.

Além disto, amigo da novidade, deixa-se dominar pelo maravilhoso, pelo sobrenatural e uma força irresistível o fez curvar-se diante de tudo quanto lhe parece de natureza superior à sua, de natureza divina, como os selvagens acreditavam que eram os *emboabas*.

Tal foi a razão, se não única, pelo menos a mais poderosa, pela qual os índios, que haviam pertencido às tabas de Sergipe e Siriri, pela maior parte, esquecendo aquele que na véspera tinha sido o ídolo de todos, não só pelo seu valor, como por sua bondade, preferiram sujeitar-se às leis do conquistador, e por motivo nenhum quiseram acender ao convite que o generoso Jukeriorana lhes dirigira por intermédio de Iramaia e seus companheiros.

Contudo, o heroico mancebo não desacoroçoou; espírito elevado e nobre não trepidava ainda mesmo diante dos maiores embarços e dificuldades. A sua ideia fixa era vingar a morte de seu pai e de seu tio, expelindo da terra do berço ou aniquilando à ponta de flecha os invasores e reconquistar a liberdade de seus irmãos.

Entretanto, durante todo o tempo em que o filho de Seregipe, acabrunhado pela dor da morte de seu idolatrado pai, de seu tio que tanto amava e pela perda da sua adorada prima, esperava a oportunidade de poder mostrar aos *emboabas* o seu alto valor e que muito cara teria de lhes custar a vitória ganha por eles sobre os tupinambás, Cristóvão de Barros, convicto de que não seria mais incomodado pelos selvagens, desde que tinha conseguido vencer e matar os seus dois principais caciques, tratou de realizar todo o seu plano de conquista.

Primeiro que tudo começou a fundar na eminência de um pequeno morro a mais pitoresca e bela capelinha e uma pequena povoação de que foi padroeiro o santo de seu nome e que mais tarde teve de ser a cidade de São Cristóvão capital da província de Sergipe, até 1855, quando foi aclamada sede da mesma província o Aracaju sob a presidência do doutor Inácio Joaquim Barbosa, que morreu vítima de uma imprudência ou de um capricho político, porque o Aracaju nada mais era do que um vasto palude¹³⁹ lodacento e pestilencial, onde reinava endemicamente, a febre paludosa que, mais devastadora do que a própria *cólera-morbo*¹⁴⁰, que então reinava, devastou quase todos quantos, com a mudança da capital, tiveram de ir ali residir sob improvisadas palhoças¹⁴¹.

Tendo concluído a fundação da capela e aldeado convenientemente as tribos que vencera, Cristóvão de Barros empreendera viajar todo o território sergipano de norte a sul. Foi quando estava para encetar a sua excussão, que teve de se bater com Borapitinga, vencê-lo, prendê-lo, prender Arycurana e Imirapiranga, que mais tarde, a pedido de Muribeca lhe os mandou entregar.

139Lugar pantanoso; pântano.

140Doença bacteriana contagiosa e fatal que provoca vômitos, diarreia e desidratação. Entre 1855 e 1856, a epidemia do Cólera-morbo causou rapidamente um grande número de mortos no território brasileiro. Em Sergipe, a epidemia vitimou aproximadamente 30 mil almas, em menos de três meses. Constantino Gomes de Souza prestou serviços como um dos médicos encarregados no atendimento às vítimas em Sergipe.

141Casas bastante rústicas cobertas de palhas.

Jukeriorana veio a saber de todas essas ocorrências, por intermédio de alguns índios que, tendo sido vencidos no ataque dado por Borapitinga ao governador da Bahia e conquistador de Sergipe, tinham ido refugiar-se na *Pedra Furada*, como dissemos, temendo que Cristóvão de Barros os mandasse perseguir no *Vão do medo*, onde primeiramente se tinham refugiado.

À força, que até aquela ocasião o valoroso filho do grande Sergipe tinha à sua disposição, não era bastante numerosa para se bater vantajosamente com a força disciplinada de Cristóvão de Barros; mas era de sobra suficiente para entrar em luta reunida com os índios do orgulhoso e fraco Muribeca que, apesar de ser o mais pérfido e malvado de todos os caciques, à exceção de Pindaíba, era o mais covarde de todos eles.

Assim, logo que soube que Borapitinga e Arycurana se achavam prisioneiros do maior inimigo de seu pai e de seu tio, Jukeriorana, apesar de não se achar ainda completamente fortalecido, dispôs-se logo a partir para a taba de Muribeca sem esperar que Iramaia e seus companheiros conseguissem arrebanhar mais gente para o seu partido.

Era propósito seu não só salvar a mulher, que tanto amava, como ainda aquele mesmo, que tão amado era por ela, no qual, esquecendo a rivalidade e o seu ódio, encarava um irmão, um verdadeiro amigo dos tupinambás, desde que, como lhe haviam dito, nutria os mesmos sentimentos que ele nutria, pleiteava a mesma causa que ele pleiteava.

Antes, porém, de partir, foi ao *Vão do medo* ver se existiam ainda alguns índios que o quisessem acompanhar no seu novo cometimento. Com efeito, lá encontrou alguns que ultimamente haviam desertado da nascente povoação e ido ali refugiar-se. Prontamente acenderam ao convite de Jukeriorana que à frente do seu pequeno exército partiu para a serra da Miaba, onde chegou precisamente no mesmo dia do suplício das vítimas e poucas horas antes de ter começado, isto é, quase ao anoitecer.

Escondido no seio tenebroso de uma floresta, que ficava pouco distante da *ocara*, onde tinha de ser consumado o suplício, o mancebo subiu a uma árvore não muito alta, mas bastante frondosa e dali pôde presenciar o que se passava, conseguindo impedir destarte a realização dos infernais desígnios de Muribeca.

Deslumbrados pelo clarão da fogueira os que se achavam no terreiro, não podiam ver de onde era que partiam as flechas, que tão certas foram abatendo um por um todos os algozes, do primeiro dos quais vamos agora explicar o interesse pela morte de Arycurana.

Durante a penitência, que pelo pajé lhe fora imposta de peregrinar dez dias e dez noites, uma tarde a pobre penitente, alquebrada de fadiga e cansaço, sentou-se à margem do rio *Japaratuba* para repousar algumas horas, quando inopinadamente foi assaltada por três índios. Ao vê-los, Arycurana levantou-se aterrada e, tratando de fugir, os agressores a perseguiram.

Quando, porém, aquele que parecia o principal, estava quase a alcançá-la, caiu redondamente no chão

transpassado por uma flecha; não obstante, o segundo continua a perseguir e no momento de lhe ir deitando as mãos no melindroso corpo, caiu como o primeiro, também transpassado de uma flecha, e teria o terceiro tido a mesma sorte, se não fugisse, arremessando-se ao rio, em que mergulhou para só reaparecer à tona da água, quando se julgou fora do alcance de uma terceira flecha.

Ociosos é dizermos que era o extremoso Jukeriorana que, como dissemos, tendo-se constituído a providência da bela peregrina, velava incessantemente sobre ela, para salvá-la de todos os perigos, sendo este o maior, o mais sério de quantos a haviam ameaçado.

Esses três índios eram sobrinhos de Muribeca, filhos de uma irmã deste cacique, a qual tinha sido mulher de um filho de Pacatuba, que morreu devorado por um tigre em ocasião em que andava caçando. Muribeca, morto o cunhado, chamou para sua companhia a irmã com os dois sobrinhos.

A nora de Pacatuba pouco tempo sobreviveu ao marido, falecendo ao dar à luz o último filho, que era exatamente o mesmo que, atirando-se ao rio escapara da morte, e que, finalmente, acabava de sucumbir também, como seus irmãos, transpassado pela flecha do inflexível Jukeriorana, quando devorado pela sede de vingança contra a inocente filha de Siriri, se dirigia para ela com o fim de lhe cortar os seios e os punhos.

O último neto de Pacatuba, desejando ardentemente vingar a morte de seus irmãos, por muito tempo envidou os maiores esforços por descobrir e matar o protetor invisível

da formosa donzela; baldados, porém, foram seus esforços. Não podendo, por conseguinte, conseguiu o que desejava, resolveu-se a ser o algoz daquela por cuja causa tinham caído mortos à sua vista os dois primeiros sobrinhos de Muribeca.

Capítulo XIV

A ÚLTIMA PERVERSIDADE

Imirapiranga, esperando a morte, havia-se conservado silenciosa e, como a sua digna sobrinha, um instante só não desmentira o alto valor dos dois poderosos caciques, seus irmãos. Soberana, majestática e altiva, contemplava sorrindo, com placidez estoica, sem descorar nem tremer diante da morte, as cenas horríveis que se iam desenrolando debaixo dos seus olhos.

Macapurana, porém, parecia nada menos do que um cadáver em pé e só se podia afirmar que a vida ainda lhe palpitava no seio pelo clarão sinistro do seu olhar desvairadamente fixo em um ponto indeterminado, que se perdia fora das raías da sua razão.

Quando viu o filho cair sem vida aos pés de Arycurana, a desventurada mãe soltou um grito estranho e sem nome. Quando viu cair cego o marido, soltou uma gargalhada alva e medonha. A dor suprema do seu infortúnio idiotificara a mísera mulher!

Entretanto, a primeira coisa que o generoso, o valente Jukeriorana fez, logo que se convenceu de que o frêmito tremendo que, ao verem-no, ergueram os índios da taba do tredo¹⁴² Muribeca, era uma eloquente demonstração de regozijo por ter ele acabado de libertá-los da insofrível

142Falso; traíçoeiro.

prepotência do infame cacique da Miaba, a primeira coisa que ele fez foi pôr em liberdade as inócuas, as desditosas vítimas.

Macapurana, apenas se viu solta, atirou-se ao cadáver do filho e, abraçada com ele, desenvolveu todo o grandioso poema de uma dor selvática, profunda, indefinível, capaz de apiedar as naturezas mais frias, mais empedernidas, ao passo que Imirapiranga, banhadas as faces em lágrimas de orgulho e felicidade, abraçava e beijava o sobrinho, enquanto a bela Arycurana, ajoelhada aos pés dele, igualmente lagrimando de felicidade e orgulho, lhe dizia com o coração a lhe palpitar nos lábios:

– Generoso e valente Jukeriorana, perdoa a desgraçada filha de Siriri, a qual, tendo um irmão como tu, se atreveu a amar um miserável, um covarde escravo que não soube compreender tanto amor e que nasceu para meu algoz e nunca para ser meu esposo! Filho do grande Seregipe, Arycurana é tua escrava pelo amor e pela gratidão. Ordena e ela satisfeita fará tudo quanto ordenares; mas, em nome do poderoso Tupã, perdoa a desditosa que já não tem pai nem mãe e a mais tempo não conheceu o nobre coração do filho do grande Seregipe. Sim, valente Jukeriorana, por quem és, não desprezes hoje aquela que, quando era ainda uma criancinha, amaste como tua filha; aquela, que amaste como tua irmã, quando ela contigo atravessava as florestas seculares, nadava nos rios ou subia às montanhas, arrimada ao teu braço robusto. Não, não desprezes, finalmente, aquela que amaste como tua mulher, quando já não ensinavas mais a mover os passos na choupana do pai,

quando já não lhe ensinavas mais a atravessar as florestas, a nadar nos rios, a subir às montanhas, quando ela, em suma, se tornou mulher.

– Pela filha do poderoso Siriri – responde Jukeriorana com os olhos a marejarem pranto –, o filho de Seregipe é capaz de tudo, é capaz até de roubar as flechas inflamadas, com que Tupã nos fere, se ele quisesse ferir Arycurana, e com elas fulminar, um por um, todos os *emboabas* que se apoderaram da nossa terra.

Dizendo isto, volve-se para os índios da taba de Muribeca e dirige-lhes a seguinte fala:

– Filhos valentes da terra querida dos tupinambás, ignoro se sabeis que sou o filho do grande Seregipe, que sou o infeliz Jukeriorana, que, depois de meu pai e meu tio, mas tem trabalhado em favor dos seus irmãos, que tão ingratos lhe têm sido! Acabo de ser testemunha da alegria que tivestes ao ver-me; desejo, porém, saber se sóis, com efeito, verdadeiros amigos da vossa terra e encarniçados inimigos dos *filhos do sol*. Desejo saber ainda se quereis me aceitar como vosso amigo para vos ajudar a expelir da terra do nosso berço os atrevidos *emboabas* que são nossos inimigos e querem ser nossos senhores.

– O filho do grande Seregipe – bradou uma voz dentre os índios – é o nosso chefe, é o nosso poderoso cacique, porque Tupã mandou para nos libertar do pérfido e malvado Muribeca e dos insolentes *emboabas* a quem todos nós desejamos a morte.

Era a voz do pajé que, recompensa nenhuma recebendo de Muribeca pela libertação dele e do filho, se

constituiu seu inimigo a ponto de, sabendo da morte de Serecipe e Siriri e que o cacique da Miaba mandara o filho convidar todos os outros caciques para que se submetessem ao grande *emboaba*, empreendeu ir de taba em taba dissuadindo-os de tal propósito, fazendo-os convencerem-se de que Muribeca os atraía. Tarde, porém, foi tomada a sua resolução; já todos se tinham reunido a Cristóvão de Barros.

Vendo a impropriedade dos seus esforços, entendeu que se devia conciliar com o cacique da Miaba que, em todo o caso, ainda lhe podia ser útil. O pajé entre os selvagens é um verdadeiro parasita; à custa da sua charlatanaria vive do que lhe mandam em remuneração dos seus chaltônicos serviços.

Ao chegar à taba de Muribeca, presenciando o estado em que este se achava, assim como o triunfo de Jukeriorana, resolveu-se imediatamente a seguir o partido do triunfador.

Tipos iguais ao do pajé não se encontram somente no centro das grandes ambições, no seio das sociedades civilizadas, onde as necessidades urgentes da vida de par com o luxo e a ostentação que tudo encarece, arrastam muitas vezes o homem a toda espécie de indignidades e humilhações. Esses tipos existem também no seio da natureza virgem, entre as gerações nômadas e selvagens.

Os índios, ouvindo a voz do pajé, que acabava de chegar no momento em que Jukeriorana se apresentava na *ocara* de Muribeca, fizeram atroar os ares com gritos frenéticos de entusiástica aprovação, enquanto o miserando

cacique cego, estendido no chão convulsava horrendamente.

– Morra Muribeca! – gritou o pajé, e todos corresponderam uníssonos:

– Morra Muribeca!

– Não! – exclamou Jukeriorana. – A filha formosa do valente Siriri é quem deve dizer o gênero de castigo que se deve dar ao escravo da Miaba. O que Arycurana disser, é o que se há de fazer.

– Um guerreiro valente – disse a donzela –, não deve manchar as suas flechas no sangue de um covarde; para seu tremendo castigo viva ele o resto dos seus dias no meio da escuridão até que por ordem de Tupã o miserável parta para a *grande viagem sem volta*.

A estas palavras a taba inteira prorrompeu de novo na mais significativa demonstração de entusiasmo e simpatia pela formosa Arycurana e seu primo, as quais, compadecendo-se tanto de Muribeca, cujo estado era indescritivelmente horroroso, como de Macapurana, que parecia querer terminar a vida, abraçada com o cadáver do filho, ou fazê-lo ressuscitar ao calor da febre que a devorava, se dirigiram ao pajé e lhe pediram que socorresse os dois desgraçados esposos.

À muita força conseguiram arrancar a desolada Macapurana de sobre o corpo inanimado de Borapitinga, para o qual Arycurana, dominada por um sentimento misto de horror e asco, de compaixão e saudade ao mesmo tempo, uma única vez não se atreveu a lançar os olhos rasos de pranto.

Enquanto Imirapiranga e a sobrinha, depois de levarem Macapurana para dentro da choupana, com toda a carinhosa solicitude lhe prodigalizavam consolações, Jukeriorana e Iramaia trataram de dar sepultura ao cadáver de Borapitinga e ao do neto de Pacatuba e o pajé prestava os socorros da medicina ao malvado Muribeca, que mais parecia uma fera do que um homem no deplorável estado em que se achava.

Jukeriorana, não querendo partir sem levar consigo Arycurana, sua tia e a mulher de Muribeca, teve de demorar-se todo o tempo que foi preciso para que não só a mãe de Borapitinga ficasse um pouco mais consolada da morte do filho, como também para que cicatrizassem os olhos de Muribeca. Ao termo de três meses, graças aos cuidados da magnânima donzela, tanto o cacique, como sua mulher, se achavam, o primeiro com os olhos completamente cicatrizados, a segunda um pouco mais aliviada da profunda mágoa que lhe deixara a morte do filho.

Já Jukeriorana se dispunha a partir para o norte com o fim de obrigar Cristóvão de Barros a deixar o território sergipano, quando Japaratus e o irmão se apresentam na taba do seu amigo e parente para o vingarem. O mancebo, porém, prudente como era, esperou sempre alguma reação da parte dos dois caciques recém chegados e então se prevenira, tendo a sua gente sempre em armas para qualquer emergência.

Com efeito, apenas as duas cabildas, comandadas pelos seus respectivos chefes, se foram aproximando da

taba de Muribeca, Jukeriorana mandou dar o sinal de guerra e travou-se o combate. Os dois caciques, supondo encontrar Jukeriorana inteiramente desprevenido e, por conseguinte, em condições de ser facilmente destruído e preso, ficaram sobremodo contrariados, quando o mancebo lhes saiu ao encontro. Conheciam perfeitamente o valor indomável do intrépido filho de Seregipe e convenceram-se, desde logo, de que não podiam contar com a vitória como certa, conquanto as suas forças fossem muito superiores às do valoroso mancebo. Não obstante, porém, a superioridade das forças inimigas, Jukeriorana bateu-se vantajosamente, confirmando destarte a convicção, que todos tinham, de que era ele efetivamente o mais valente guerreiro daquelas tabas, porque dentro em poucas horas de um lutar desesperado e horrendo, o campo inimigo se achava alastrado de cadáveres, enquanto muita pouca gente havia perdido o valente Jukeriorana.

A vitória, finalmente, se manifestara a favor do filho de Seregipe, tendo este conseguido por fora de combate os dois chefes: Japaratuba e Pacatuba contra os quais dirigira certos golpes. Os índios, vendo-os cair, os julgaram mortos e puseram-se em completa debandada.

Senhor de Japaratuba e do irmão, Jukeriorana, querendo poupar-lhes a vida, propôs-lhes a liberdade sob condição de jurarem ódio aos *emboabas* e o ajudarem a expeli-los da terra dos valentes tupinambás. Sem reflexão alguma os dois caciques aceitaram a proposição do mancebo e em presença de toda a tribo prestaram solenemente o juramento de consagrar ódio de morte aos

emboabas e empregar todos os esforços para os exterminar para sempre.

Jukeriorana conservou-os na taba de Muribeca até que, de todo curados, pudessem partir para as suas respectivas aldeias. Antes, porém, que partissem, o filho de Serecipe em comemoração da aliança, que acabavam de fazer, celebrou a mais pomposa festa de quantas até aquela ocasião se tinham celebrado nas aldeias tupinambás.

A encantadora Arycurana, que ainda não tinha podido esquecer a morte de sua mãe, de seu pai e de seu tio, nem tão pouco a execranda ingratidão de Borapitinga, através do júbilo que lhe irradiava pelo formoso semblante, apresentava uns longes sombrios de íntima tristeza, que ainda mais adoravelmente bela a tornavam.

Enquanto se celebrava a festa ela, ajudada por Imirapiranga, procurava adivinhar os pensamentos daquele a quem amava com o orgulho, com os extremos com que uma carinhosa e boa irmã sabe amar o irmão, que a honra pelos altos atributos que o tornam superior aos outros homens. Com profunda satisfação e prontamente executava todas as ordens do primo; já preparando o cauim, já animando os guerreiros à luta contra os *emboabas*, já dançando com Japaratuba e o irmão, já finalmente entoando canções guerreiras que eletrizavam a todos ao som do maracá.

Entretanto, Muribeca, cego, apeado do seu poder e sujeito ao arbítrio do filho do seu maior inimigo, vociferava de impotente raiva e desesperação contra tudo e contra todos, até contra a mísera Macapurana, que se conservava

inteiramente alheia a tudo quanto se passava perto dela, para só e inconsolável pensar noite e dia no filho, no seu extremamente amado Borapitinga.

Terminada a festa, os dois chefes partiram depois de terem prometido voltar dentro em breve a reunir-se com toda a sua gente a Jukeriorana e seguir para São Cristóvão. Após ele o mancebo dirigiu-se à taba de Pindaíba, o mais fraco dos seis caciques sergipanos e o convidou a tomar parte no seu ousado cometimento.

Pindaíba, que já sabia o que tinha acontecido a Muribeca, a Japarutuba e a Pacatuba e a quem só o nome famoso de Jukeriorana causava sobressaltos mortais, não teve a coragem de resistir ao convite que lhe acabava ele de fazer e se dispôs a seguir o intrépido e glorioso filho de Seregipe.

Com efeito, quando Jukeriorana chegava de volta à aldeia de Muribeca, iam chegando também Japarutuba, o seu irmão Pacatuba e Pindaíba. No dia seguinte, puseram-se a caminho. Tudo parecia favorecer os generosos intentos de Jukeriorana que, tendo em seu favor todos os caciques, estava intimamente convencido de que não seria preciso empenhar-se em luta contra os *emboabas* para fazê-los deixarem imediatamente a terra dos guerreiros tupinambás.

Não podendo levar consigo para São Cristóvão as três mulheres, deixou-as sob a vigilância do dedicado Iramaia e mais alguns índios em quem mais confiança depositava, não só como os mais valentes da sua tribo, mas também por lhe serem tão fiéis como o próprio velho amigo de Seregipe.

A inteligente e generosa Arycurana, sabendo perfeitamente do quanto era capaz o valente Jukeriorana, contava com a reconquista da liberdade dos seus irmãos e da terra querida do berço. E, então, com a extremosa solicitude de uma verdadeira filha não cessava um instante de consolar a desolada Macapurana e se desfazer em desvelos para com o terrível Muribeca que depois de cego tornou-se ainda mais perverso.

Depois que soube que Jukeriorana, acompanhado pelos três caciques que restavam, tinha ido a São Cristóvão, começou a mostrar-se aparentemente calmo e resignado, queixando-se, porém, de que todas as noites sentia tantos frios, que o corpo inteiro lhe tremia. Pediu que lhe acendessem de noite uma fogueira ao pé do seu jirau. O miserável havia concebido uma ideia verdadeiramente satânica.

Arycurana, que em face do infortúnio do cacique havia podido olvidar generosamente todas as graves ofensas, que dele recebera, não descurou do pedido que lhe fizera o malvado. Durante cinco noites simulou ele horríveis ataques de frio e acessos de loucura; as míseras mulheres não lhe saíam do pé do jirau até o romper do dia, quando ele acalmava um pouco; mas durante o dia não as deixava repousarem, porque as estava sempre ocupando na satisfação de mil necessidades que pretextava.

Na sexta à noite, quando percebeu que as pobres mulheres já andavam a cair de sono, mostrou-se alegre, jovial, folgazão, dizendo que nunca se sentira em toda a sua vida tão são e tão feliz. Pediu, finalmente, que elas se

fossem deitar e não tivessem o menor cuidado com ele. De tão convincente modo falou, que as infelizes, mortas como estavam de sono, se foram efetivamente deitar, enquanto o miserável se pôs a cantar as mais extravagantes toadas.

Imirapiranga, Macapurana e a donzela dormiam em redes armadas no fundo da choupana e Muribeca em seu jirau na frente ao pé da única porta que deitava para a *ocara*. Por alta noite, quando já todos dormiam a bom dormir. O monstro, que também devia estar morto de sono, mas que não dormia despertado pelo pensamento da sua satânica vingança, deixa de cantar, levanta-se e, como se tivesse a vista perfeita, encaminha-se para a coivara, trava de um tição¹⁴³ e, saindo às apalpadelas, começou a lançar fogo do lado de fora nos quatro ângulos da choupana, cujo sapê em poucos instantes levantou medonho incêndio. Arycurana foi a primeira que acordou; vendo-se cercada de chamas, não perdeu a coragem; chamou pela tia e por Macapurana e tratou de sair quanto antes; um minuto mais tarde ser-lhe-ia impossível, como efetivamente o foi às duas desgraçadas mulheres, que despertaram gritando por já não poderem fugir. As chamas acabavam de envolver toda a pequena choupana.

Aos gritos das duas infelizes, assim como de Arycurana que do lado de fora clamava por Iramaia, este e outro índio acudiram; sem a menor hesitação penetraram no meio do incêndio; as duas vítimas estavam estendidas no chão; Iramaia tomou Imirapiranga nos braços e o

143Pedaço de madeira queimada.

companheiro tomou Macapurana e saíram; ambas estavam mortas; os próprios índios, que tinham ido salvá-las, por menos que lá se demoraram, quase morreram também asfixiados, além das largas queimaduras com que saíram.

Iramaia, ao depor no chão o cadáver de Imirapiranga, viu ao clarão sinistro do incêndio um vulto ir se arrastando como enorme réptil em direção da floresta; encaminhou-se para ele e reconheceu Muribeca que procurava fugir. Arrebatado de furor segurou-o pelos cabelos e pés, dirigiu-se à choupana incendiada e arremessou-o no meio das labaredas donde se levantou um grito estranho, horroroso, único.

O resto da noite Arycurana passou inconsolável ao pé do cadáver de sua tia acompanhada de Iramaia e os outros índios. Ao romper do dia a choupana era um montão de cinzas no meio das quais se via um vulto negro e sem formas; era o corpo carbonizado do miserável Muribeca. O velho e fiel amigo de Jukeriorana tratou de sepultar os cadáveres de Macapurana e Imirapiranga no seio da floresta próxima. Feito isto Arycurana disse a Iramaia que desejava, quanto antes, ir encontrar-se com o primo em São Cristóvão, onde o julgava com certeza vitorioso. Ninguém ali ousava contrariar os desejos da donzela e, pois, apressaram-se em obedecê-la, pondo-se imediatamente a caminho.

Capítulo XV

AMARGA DESILUSÃO

Quando o filho de Seregipe chegou ao termo da sua viagem com decidida disposição de exterminar os invasores, já não encontrou Cristóvão de Barros, o qual, depois de haver incumbido o governo temporal da nova capitania ao seu parente Pedro de Abreu e Lima e no impedimento deste a Ayres da Rocha, assim como a direção espiritual ficou à cargo do virtuoso frei Gil, da Companhia de Jesus¹⁴⁴ e que ele tinha levado consigo, partiu para a Bahia poucos dias antes da chegada de Jukeriorana.

Partindo, Cristóvão de Barros levava convicção plena de que o seu grande feito ninguém haveria que pudesse, nem ousasse neutralizar. É que não se lembrava do indomável Jukeriorana, porque talvez o supunha morto. Tivesse ele adivinhado que o filho do grande Seregipe ainda vivia, de certo não se retirara sem que primeiro tivesse conseguido subjugar o único índio capaz de aniquilar a obra dos seus esforços.

E, com efeito, a terra dos tupinambás teria sido com toda a certeza reconquistada por Jukeriorana, se o destino contra ele não se tivesse conspirado. Japarutuba e o irmão,

¹⁴⁴Ordem religiosa fundada em 1540 por Inácio de Loyola (1491-1556). No Brasil, os membros desta ordem (os jesuítas) dedicaram-se a catequese e a educação de indígenas e colonos. Colaboraram com o processo de colonização portuguesa com a aculturação, cristianização e escravização de nativos.

ao partirem da taba de Muribeca, prometendo que voltariam breve a reunir-se a Jukeriorana, afim de realizarem o extermínio dos invasores, foram convencionando no modo pelo qual se deveriam descartar do seu vencedor e assentaram em mandar um próprio avisar a Cristóvão de Barros que ele e seu irmão em poucos dias estariam na nascente povoação com Jukeriorana, que pretendia declarar guerra de morte aos *emboabas*, mas que ele Cristóvão de Barros nada temesse, porque o ousado filho de Seregipe ficaria só desde o momento em que quisesse entrar em luta com ele.

Convencionado isto, trataram imediatamente de efetuá-lo, apenas chegados às suas tabas. O mensageiro, não conhecendo Cristóvão de Barros, falou com Abreu e Lima, supondo que falava com aquele, e comunicou-lhe a resolução dos dois caciques. Reunida a gente de Pacatuba à de Japarutuba, este procurou convencê-las de que não se deviam sujeitar aos caprichos de Jukeriorana, visto que os *emboabas* eram muito mais poderosos do que ele, porquanto as suas armas rivalizavam com os raios de Tupã; que os tupinambás deviam ser mais felizes debaixo do domínio dos *emboabas*, do que debaixo do poder do filho de Seregipe; que, se os tupinambás vencessem naquela ocasião, tanto pior para eles, porque mais tarde seriam sacrificados barbaramente pelos mesmos *emboabas*, que mandariam buscar na Bahia forças tamanhas que os tupinambás teriam de ceder infalivelmente e que era, portanto, mais prudente mostrarem-se desde logo amigos dos *emboabas*, para não

sofrerem depois os mais horrorosos trabalhos, a mais insuportável escravidão.

Os índios ficaram profundamente compenetrados do que lhes acabava de dizer Japarutuba e juraram seguir o partido dos *emboabas* e nessas disposições partiram. Como nem Pacatuba nem o irmão tiveram tempo de ir à taba de Pindaíba comunicar a sua resolução, fizeram-no durante a marcha sobre São Cristóvão onde, finalmente, Jukeriorana se apresentou à frente dos seus aliados, contando com a fidelidade deles. Descansaram três dias ocultos nas florestas.

No momento, porém, em que depois de ter intimado a Abreu e Lima e Ayres da Rocha que, quanto antes, se retirassem para a Bahia, teve de encetar a luta provocada então pelos invasores, o heroico mancebo viu-se repentinamente cercado pela tropa dos três caciques. Em vista de tamanha traição, Jukeriorana não desanimou e, voltando-se para os poucos bravos, que se tinham conservado fiéis, porque haviam pertencido às tabas de seu pai e de seu tio, disse-lhes com voz profundamente comovida e que se manifestava a mais inabalável resolução, e com os olhos marejados de pranto em que se refletia toda a grandeza heroica daquele ânimo:

– Guerreiros da taba do grande Seregipe, se vos agrada o exemplo desses infames traidores, segue-o; deixai-me só, porque Jukeriorana só fará morrer muito escravo, antes de morrer por sua liberdade.

A estas palavras seguiu-se a luta quase instantânea, mas feroz, medonha. As primeiras flechas ficou exterminado todo o punhado de bravos de Jukeriorana; este

apenas teve tempo de desfechar dois tiros e esses tiros foram duas quedas sucessivas, foram a morte de Japaratuba e do irmão que debalde se haviam esforçado por feri-lo. Quando ele preparava o terceiro tiro, uma flecha veio encravar-se no ombro esquerdo, impedindo-lhe o movimento do braço. Não obstante, com imensa dificuldade procurava armar o arco, quando este lhe foi arrebatado das mãos e logo em seguida partiu uma flecha que se foi embeber pelas costas do coração de Pindaíba, que depois de ter ferido o mancebo, vendo cair Japaratuba fugia covardemente.

Jukeriorana, sentindo o arco escapar-se das mãos, fez um movimento de raiva, volvendo-se rápido para ver quem lhe o tinha arrebatado e fazê-lo pagar caro a sua ousadia. De repente, recua dando um grito de supremo júbilo ao ver a formosa Arycurana e caiu enfraquecido pela grande perda de sangue no mesmo momento em que caía o terceiro cacique, traspassado pela flecha que lhe disparara a sublime donzela.

Os portugueses, que não quiseram tomar parte na luta por verem a enorme desproporção entre as forças dos três caciques traidores e a gente que se conservara fiel a Jukeriorana, logo que viram o terrível desbarato que em poucos instantes se efetuou, mandaram cessar as hostilidades, ficando prisioneiros Jukeriorana, Iramaia, Arycurana e os poucos índios que haviam acompanhado a donzela e chegaram na ocasião em que o mancebo acabava de ser ferido no ombro.

Iramaia, cessadas as hostilidades, arranca a flecha do ombro do mancebo e com o sumo virtuoso de umas ervas que ele conhecia e de que andava sempre munido para casos idênticos, faz estancar com rapidez o sangue que lhe corria da ferida. Depois, tomando-o, ainda desfalecido nos robustos braços, vai acompanhado pela encantadora filha de Siriri, apresentar-se a Abreu e Lima, e Ayres da Rocha, ante quem ajoelhou dizendo:

– Senhores, trago-vos quase morto o filho do grande Seregipe, que foi meu amigo desde que éramos ainda meninos e aprendíamos com os nossos pais a encurvar o arco e disparar a flecha certa ao alvo, onde quer que o alvo estivesse: no ar, nas árvores, no chão ou nas águas. Se sabeis o que é verdadeira valentia, deveis saber que o filho do grande Seregipe é valente. Salvai-o, portanto, senhores. Eu vos entrego, eu vos entrego sua esposa, a mais famosa *manacá* destes sertões, eu vos entrego também os bravos que nos acompanharam até aqui e me considero vosso prisioneiro. Mas salvai a vida a ele e a ela ao menos. De mim podeis fazer o que quiserdes. Já tenho vivido muito; posso morrer; mas eles começam a viver agora...

– Não estamos aqui – interrompeu Abreu e Lima – para sermos carrascos dos valentes tupinambás. O que desejamos é chamá-los ao seio da religião verdadeira e santa do Cristo; fazendo que cada um conheça os seus deveres para com o verdadeiro Deus, o Deus dos cristãos, para com os seus semelhantes, que são todos os homens, e para consigo mesmos. Se me prometes que o teu amigo, o filho do companheiro da tua infância, se tornará também nosso

amigo, concedo a vida a ele, a ti e aos teus companheiros, assim como concedo a liberdade à esposa do teu jovem amigo.

– Prometerei com uma condição, senhor.

– Qual é?

– Poder falar com ele na sua prisão todas as vezes que eu quiser.

Dizendo isto, Iramaia tinha em mente salvar os dias de Jukeriorana para, quando, depois de são, recobrasse a sua liberdade, entranhar-se com ele e Arycurana pelos sertões de São Francisco, onde não houvesse ainda pegada de *emboaba* e aí viverem ocultos até que um dia Tupã permitisse a eles reconquistarem a terra do berço. Era para encoraja-lo a viver que o fiel Iramaia impôs a condição de ir falar com o seu jovem amigo na sua prisão todas as vezes que quisesse. Ele sabia que o mancebo, perdida a última esperança, se deixaria morrer como Seregipe.

– E quem me responde pelo teu procedimento? – pergunta Ayres da Rocha.

– Eu – disse apresentando-se um indivíduo todo coberto de peles de tigre, com feixes de ervas pendurados de uma espécie de gorro da mesma pele que trazia na cabeça e de uma correia que lhe apertava os rins.

Era o pajé que, tendo-se conservado na taba de Muribeca até que este foi lançado às chamas, acompanhou a donzela até São Cristóvão no intuito de, se Jukeriorana tivesse conseguido a vitória sobre os *emboabas*, obter dele por todos os modos de subserviência, a sua proteção, os seus favores, a sua amizade em suma. Quando, porém, o viu

derrotado, imediatamente se passou para o lado dos portugueses, afim de encontrar entre eles o que já não podia esperar do mancebo.

Depois de haver acusado fortemente Iramaia e o filho de Seregipe, adulterando todos os fatos que se deram na taba de Muribeca desde que Jukeriorana aí se apresentara até que de lá saíra, continuo com insólita impudência:

– Eu respondo pelo procedimento desse homem, dizendo que deve ser morto ele com o seu amigo, porque, segundo lhe ouvi por muitas vezes, ele deseja conseguir a confiança do grande *emboaba* para salvar os dias de Jukeriorana, reunir alguns guerreiros que foram das tabas de Seregipe e Siriri e vir depois matar e roubar os *emboabas*.

– Esse homem é um impostor, grande *emboaba* – torna Iramaia com voz incisiva e convincente que calou no ânimo de todos. – Este homem só tem vivido para intrigar e viver à custa das suas intrigas e imposturas. Ele não pode responder por ninguém, porque é infame traidor que de repente abandona os seus amigos, porque os vê no infortúnio. Ninguém pode responder pelo meu procedimento senão vós mesmo grande *emboaba*, porque me podeis conservar preso toda a minha vida, todo o tempo que julgardes preciso.

– Bem – disse Abreu e Lima – concedo-vos a todos a vida, à formosa Arycurana concedo não só a vida como a liberdade e deixo-te a faculdade de ires, acompanhado por dois dos meus soldados, visitar o teu amigo na sua prisão todas as vezes que quiseres.

Durante toda esta cena Jukeriorana foi a pouco e pouco reassumindo os sentidos e ouviu grande parte do que se dissera, inclusive a acusação do pajé. Quando o governador da nascente capitania acabou de falar, o mancebo levantou-se direito, majestoso, sublime, causando a todos extraordinária surpresa.

– Jukeriorana, o filho do grande Sergipe, não quer, não aceita favores dos seus inimigos; porque, se os vencesse, os mataria a todos; como foi vencido, deseja morrer. Jukeriorana só aceitaria a vida, se tivesse certeza de um dia poder vencer os *emboabas*; esta certeza ele não tem, porque os poucos que se lhe conservaram fiéis, morreram todos ou caíram também em poder do inimigo. E mesmo quando tivessem escapado, nada podia mais fazer Jukeriorana, porque conspirar ainda seria antes sacrificar os poucos bravos que lhe restassem, do que tentar um meio de salvação. Portanto, o único favor que o filho do grande Seregipe aceita dos *emboabas* é a morte.

– Sim; é a morte, é também a morte que Arycurana pede – disse a donzela – porque ela hoje só vive para o filho do grande Seregipe. A minha vida era a vida dele; a sua morte será morte da desgraçada Arycurana.

– Não, formosa filha de Siriri – diz o mancebo com voz quase chorosa, de tão comovido que estava; – tu não deves morrer, os cajueiros tem florescido somente quinze vezes, desde que tu vives; és muito moça ainda e a mais bela *manacá* destes sertões, talvez mais formosa ainda do que a mais formosa filha dos cristãos. Podes achar algum *emboaba* que, dominado pelos teus encantos, queira um dia fazer-te

feliz, dando o nome de esposa. Jukeriorana é um homem morto desde que não pôde vingar a morte de seu pai e de seu tio, desde que não pôde salvar esta terra do jugo do inimigo, desde que não pôde finalmente reconquistar a liberdade de seus irmãos. Além disto, o filho do grande Seregipe não é tão amigo de si próprio, que deseje que morra por sua causa aquela por cujo amor ele nunca recuou diante da morte. Vive, portanto, formosa filha de Siriri; Tupã queira proteger-te.

– Tu me ofendes, Jukeriorana. Quem há, quem pôde haver nesta terra, que Arycurana queira tanto como o filho do grande Seregipe? Icytinga e Siriri não foram amados por ela do que o valente Jukeriorana, que é seu irmão, sua mãe, seu pai.

E a mísera donzela desfazia-se em lágrimas e soluços abraçada aos pés do mancebo.

– Espero o meu destino; – diz Jukeriorana; – mandai-me tirar daqui e livrar-me quanto antes da vida.

– Uma vez que o quer, faça-se a sua vontade – tornou Abreu e Lima.

E deu ordem aos seus soldados para conduzirem Jukeriorana à prisão. A ordem foi imediatamente cumprida. Servia temporariamente de cadeia um edifício simples, quadrado, constando apenas de quatro paredes e um teto de telhas; em cada uma das paredes laterais havia duas janelas guarnecidas de varões de ferro; na frente uma porta chapeada do mesmo metal e o interior era dividido em quatro repartimentos, cada um dos quais correspondia a uma das janelas.

A pobre Arycurana, logo que o mancebo foi conduzido para a prisão, perdeu os sentidos. Iramaia encarregou-se de curá-la e, como poucas eram ainda as choupanas, que Cristóvão de Barros mandara construir às pressas, não só para os seus soldados, como também para os índios, que se quiseram sujeitar ao seu domínio, Abreu e Lima deu ordem para que o velho e a donzela fossem conduzidos para a cadeia, onde se lhes deveria dar um dos quartos da frente até que se acabasse de aprontar uma choupana para eles.

Com efeito, Iramaia e Arycurana foram levados para a cadeia, não como presos, mas como abrigados provisoriamente no primeiro quarto à direita, diametralmente oposto ao em que se achava Jukerriorana, que era o último à esquerda.

Capítulo XVI

NA PRISÃO

A donzela recobrou em poucos minutos o acordo; mas tão grave e assustadora excitação nervosa lhe sobreveio, que teria com certeza terminado pela mais furiosa loucura, se o prudente, o dedicado Iramaia com os seus conselhos salutareos não tivesse conseguido ir a pouco e pouco minorando o estado de excitação em que se achava a infeliz Arycurana.

Entre outras reflexões, que lhe fizera com o fim de a salvar, a que mais fundo lhe calou no espírito e, por conseguinte, a que mais lhe aproveitou foi: que ela devia viver, porque assim o ordenava o grande e poderoso Tupã, visto que a sua vida importava o mesmo que salvar os dias de Jukeriorana; que a salvação do filho valoroso do grande Seregipe era a redenção da terra do berço e a liberdade de seus irmãos, porque Tupã, não consentiria jamais que os valentes tupinambás permanecessem para sempre escravos dos *emboabas*.

Arycurana em poucos dias, depois da vitória alcançada pelos portugueses contra Jukeriorana, estava completamente resignada, graças aos conselhos do velho amigo de Seregipe! Já não pensava em suicidar-se, já não detestava, ao menos aparentemente, os portugueses; sentia-se mesmo com forças para fazer com que Jukeriorana se

convencesse da absoluta necessidade que havia de viver, não só para bem dela, como de todos os seus irmãos.

Por sua vez também Jukeriorana se restabeleceu brevemente da sua ferida no ombro, graças ainda aos cuidados de Iramaia que conseguiu, além disso, levar ao espírito do seu jovem amigo a esperança, embora irrealizável, de um dia tornar ele a ser o senhor da terra do grande Seregipe.

Jukeriorana, que, como para seu pai, estava ultimamente resolvido a deixar-se morrer de fome, começou a amar outra vez a vida, não tanto porque esperasse a realização de qualquer plano tendente a resgatar do domínio estrangeiro a terra dos tupinambás, como porque a esperança mais cara, o desejo mais vivo de Arycurana, segundo tantas e tantas vezes lhe dizia Iramaia, era um dia viver com ele, com o seu idolatrado esposo no mais remoto e desconhecido sertão, onde não houvesse ainda impressa a pegada de um *emboaba* e reinasse plenamente a primitiva liberdade, de que se viam finalmente privados.

O velho e fiel amigo de Seregipe, com o fim de fazer que o governador Abreu e Lima depositasse nele inteira confiança, para que mais facilmente pudesse realizar o seu plano de fuga, foi o próprio que aconselhou à Arycurana que fingisse ouvir com atenção as doutrinas de frei Gil, sendo ele o primeiro a dar o exemplo. Os dias, entretanto, foram decorrendo, e a maior parte dos índios sujeitos à catequese já sabia falar mais ou menos

correntemente o idioma português, com especialidade Arycurana.

A inteligente donzela, que, segundo lhe aconselhara Iramaia, fingia a princípio prestar grande atenção às doutrinas de frei Gil, começou, assim como seu velho amigo, a sentir o mais profundo interesse pelo que ouviam ao venerando sacerdote!

Este, desde que viu que os selvagens se achavam em estado de compreender os sublimes encantos da religião do Cristo, começou a falar-lhes de Deus, como autor da criação, como princípio de todos os princípios, o manancial inexaurível de todo o bem sobre a terra e do bem supremo da eternidade. Explicou-lhes o dogma da Trindade, comemorou o nascimento do divino redentor, ante cujo berço foram prosternar-se humildes e reverentes a suntuosas realza da terra.

Narrou-lhes a vida inteira do glorioso jovem nazareno, que era o próprio Deus humanado; fê-los conhecerem, um por um, todos os seus martírios, desde a sua prisão no horto das oliveiras até o drama ensanguentado do Gólgota¹⁴⁵; um por um, todos os seus

145Alusão a trajetória de Jesus de Nazaré, desde o monte das oliveiras até o calvário. Segundo os evangelhos de Mateus (26. 36-56); Marcos (14. 32-52); Lucas (22. 39-53) e João (18. 1-12), Jesus, no monte das Oliveiras, acompanhado por três escolhidos, foi surpreendido por um bando guiado por Judas e incumbido de prendê-lo. Gólgota é a colina que Jesus foi crucificado, nos arrabaldes de Jerusalém. Esta colina é mencionada por todos os quatro evangelhos (Mateus 27. 30; Marcos 15. 22; Lucas 23. 33; João 19. 17).

milagres, desde o paralítico de Cafarnaum¹⁴⁶ até o cego da estrada de Jericó¹⁴⁷.

A palavra amena, insinuante e persuasiva, associada à figura grave, mansueta e veneranda do virtuoso discípulo de Loyola, fazia calar profundamente no ânimo daqueles selvagens tudo quanto lhes dizia, de sorte que ao termo de oito meses, pouco mais ou menos, Arycurana e logo depois Iramaia pediram batismo! A exemplo deles todos os outros o pediram também.

Abreu e Lima não tinha querido forçá-los a abandonar as suas vestimentas de penas pelas vestes dos cristãos; eles, porém, depois de batizados, como que envergonhados da sua nudez, declararam que queriam vestir como os *emboabas*. O governador lhes satisfaz imediatamente os desejos.

Debaixo dos seus novos trajes a encantadora Arycurana tornou-se ainda mais encantadora e alguns soldados portugueses, que já a requestavam, quando ela ainda trajava à indiana, sentiram atear-se-lhes a paixão pela bela neófita¹⁴⁸ do cristianismo, vendo-a tão singularmente elegante, trajada à moda portuguesa. A todos os outros sobressaía na perseguição amorosa da donzela, o tenente Gustavo de Andrade, comandante da força destacada em

146Foi uma antiga aldeia pesqueira, localizada na margem norte do mar da Galileia, hoje território de Israel. Especula-se que os milagres, ensino e ministério de Jesus tenham sido realizados nesse território.

147Cidade situada na Cisjordânia, território palestino, a poucos quilômetros do rio Jordão e do mar Morto. É considerada a cidade mais antiga ainda existente.

148Novata; principiante.

São Cristóvão, o qual tanto mais perdido de amores se tornava, quanto mais inflexível o repelia a virtuosa filha de Siriri, que não pensava senão no seu heroico Jukeriorana, com quem, mais do que nunca, desejava estar ao menos uma hora para fazê-lo compreender as sublimes e eternas verdades do Evangelho, que lhe ensinara o venerando frei Gil, digno êmulo de Anchieta¹⁴⁹.

Desvairado pela paixão, o tenente empreendeu assassinar Jukeriorana, invadindo-lhe a prisão com quatro soldados armados e munidos de embiras para amarrá-lo e conduzi-lo a uma das florestas mais próximas e lá sepultá-lo, enquanto dois outros soldados se encarregariam de abrir um grande rombo de fora para dentro na parede correspondente à prisão da vítima, para poderem depois explicar o desaparecimento dele, por meio da fuga, coadjuvada por Iramaia e outros índios, isto é, aqueles que acompanharam Arycurana da taba de Muribeca e chegaram no momento em que Jukeriorana em São Cristóvão acabava de ser ferido no ombro esquerdo por Pindaíba.

Iramaia, porém, desde que a donzela lhe comunicara os loucos amores do tenente, não o perdia de vista, lhe espreitando todos os movimentos aconselhados pela sua violenta paixão, enquanto o frei Gil, por seu turno, procurava com os seus edificantes conselhos robustecer a heroica resistência da donzela.

149 “...êmulo de Anchieta”: imitador do padre jesuíta português José de Anchieta (1534-1597). Anchieta foi um dos padres responsáveis na catequese de indígenas no Brasil e autor de poesias, peças, gramáticas, cartas e narrativas no século XVI.

Entretanto, apenas concebido o plano de assassinato, o tenente tratou de o realizar quanto antes. Uma noite, por tardas horas dirigiu-se ele à guarda da cadeia, que se compunha de seis homens, em quem ele mais confiava e que, já inteirados das intenções do tenente, tinham sido por este escolhidos de propósito para fazerem guarda naquela noite à cadeia. Chamou quatro dentre eles e, dando ordem aos outros dois para que, apenas o vissem sair com o preso, tratassem de arrombar a parede, penetrou na cadeia e, como era ele quem guardava as chaves, abriu a porta da cela de Jukeriorana.

Este dormia profundamente na ocasião em que os assassinos entraram. A uma ordem do tenente os soldados atiram-se com tamanha ligeireza sobre o mancebo, que, ao despertar, se achou completamente subjugado. Inúteis foram os seus hercúleos esforços para se subtrair ao poder daqueles facínoras que, depois de o amordaçarem, lhe amarraram os pés e as mãos com as embiras e saíram com ele para a floresta mais próxima, em cujo seio, no sítio mais escuso, tinha o tenente mandado de antemão abrir uma cova profundíssima, para, imediatamente que acabassem de trucidar a vítima, sepultá-la.

Os dois soldados que haviam ficado na cadeia, apenas viram sair Jukeriorana acompanhado pelos seus algozes, puseram-se a abrir um rombo, de fora para dentro, como havia sido convencionado, na parede correspondente à cela do prisioneiro. Aos primeiros golpes, porém, foram

surpreendidos por uma pequena força de seis praças¹⁵⁰ comandadas por um primeiro sargento que os prendeu incontinentemente no corpo da guarda, enquanto esperava pelas chaves que o tenente havia levado, e após quem seguia pressurosa uma outra força composta de doze praças comandadas por um alferes¹⁵¹ e guiada pelo vigilante e incansável Iramaia.

Ao penetrarem na floresta foram inopinadamente cercados pelos doze homens; o tenente quis fugir, mas foi agarrado pelo velho amigo de Seregipe ao mesmo tempo que o alferes lhe dava a voz de prisão. Conduzidos para a cadeia, ficou o tenente preso na sala livre com quatro sentinelas à vista, enquanto as praças criminosas foram encerradas em uma das celas da prisão e Jukeriorana em uma outra fronteira àquela que os dois soldados haviam começado a arrombar.

150Praças: militares de patente inferior.

151Patente antiga; oficial abaixo do tenente.

Capítulo XVII

RESIGNAÇÃO EVANGÉLICA

Antes do acontecimento que acabamos de referir no capítulo antecedente, frei Gil muitas vezes tinha ido à prisão de Jukeriorana com o fim de fazê-lo abjurar as suas crenças pagãs; mas o mancebo se conservava inflexível apesar mesmo dos grandes esforços, não tanto do reverendo sacerdote, como do dedicado Iramaia.

As primeiras vezes que frei Gil foi a prisão de Jukeriorana, este limitou-se a olhá-lo com sobrececho carregado, soberana altivez e desprezo esmagador. Não lhe dirigiu uma palavra, enquanto o reverendo discípulo de Loyola procurava empenhadamente incutir-lhe no espírito a sublimes e eternas verdades da religião do Cristo.

Nada tendo conseguido ao termo de muitos meses, frei Gil recorreu à influência que Iramaia exercia sobre o espírito do indomável mancebo. O velho índio, desde que começou a sentir o benéfico e divino influxo da religião do Crucificado do Gólgota¹⁵², varreu da mente todos os planos de fuga e ardia em desejos de ver também o seu jovem amigo intimamente convencido não só da bondade dos *emboabas*, como da onipotência, da infinita justiça e misericórdia do Deus dos cristãos. De então em diante, sempre que estava com Jukeriorana, reproduzia com

¹⁵²Alusão a crucificação de Jesus no calvário (Gólgota).

singular e admirável fidelidade tudo quanto havia aprendido com o digno êmulo de Anchieta.

Todas as vezes, porém, que o esforçado velho indígena falava nesta substância ao seu jovem amigo, este soltava uma gargalhada descomunal e medonha, como um trovão, que denunciava a tempestade que lhe ia na alma; depois como que tocando ao extremo oposto da odienta exaltação, que o fazia prorromper em tão medonha gargalhada, se punha a chorar como uma criança, dizendo:

– Até o próprio amigo do grande Seregipe! Oh! Tupã de certo abandonou seus pobres filhos, para proteger os inimigos deles, para lhes entregar a terra dos tupinambás, dos filhos valentes destas terras virgens e abençoadas!

À derradeira vez em que Iramaia foi ter com o mancebo, isto é, na véspera do atentado do tenente Gustavo contra a vida de Jukeriorana, o velho índio cada vez mais empenhado na conversão do seu jovem amigo, pôs-se a reproduzir com mais convicção e entusiasmo as grandes lições que aprendera de frei Gil.

– Por quem és - diz o mancebo, tornando-se terrivelmente sombrio e olhando o velho amigo de seu pai com ar sinistro – pela memória de meu pai que foi o teu primeiro e melhor amigo, foge daqui, Iramaia, foge da presença do filho do grande Seregipe, que não pode ver o rosto nem ouvir a voz de um escravo dos *emboabas*! Foge, foge, quanto antes, se não queres que o desgraçado Jukeriorana cometa o crime de matar o miserável a quem meu pai, sem o conhecer bastante, deu o título de amigo.

– Filho do grande Seregipe, se eu não estivesse convencido de que o Deus dos cristãos é o verdadeiro Deus...

– Sai da minha presença, miserável escravo – brada o mancebo, sem o deixar concluir e partindo para ele, aceso em fúria.

Iramaia retirou-se prudentemente para evitar uma luta fatal com aquele que ele estimava como se fora seu filho. porque filho era do seu melhor amigo. No dia seguinte ao em que Jukeriorana foi reconduzido à prisão, frei Gil deliberou-se a ir ter com ele ainda uma vez. Em má hora tomou semelhante deliberação.

O mancebo estava a passear agitadoíssimo pelo quarto, de um para outro lado, como o tigre que procura despedaçar a jaula. Ao ver o frade, Jukeriorana estacou em meio do quarto encarou o ministro de Deus, tendo estampados no rosto de bronze todos os sinais do ódio, da desesperação e da vingança. Frei Gil não se intimou e encaminhou-se para ele.

– O que ainda queres comigo, *pajé dos emboabas*? – pergunta o prisioneiro com voz cava e profunda.

– Converter-te à lei do Cristo, à verdadeira religião, filho valente dos *tupinambás* – respondeu frei Gil com a calma fria do homem que, abroquelado com a consciência do dever, nada teme, senão deixar de cumprir os seus deveres.

– Não conheço, nem desejo conhecer a tua lei e a tua religião. A religião e a lei em que nasci, que meus pais me ensinaram e em que tenho até hoje vivido, é amar e

respeitar Tupã como o deus do raio e do trovão e senhor dos tupinambás, é amar e defender a nossa liberdade e a terra do nosso berço, é amar e proteger os fracos contra os fortes, é amar e dar agasalho aos nossos hóspedes, como se fossem filhos desta terra, é odiar e fazer guerra de morte aos nossos inimigos, ainda que esses inimigos sejam os nossos próprios irmãos. É a lei que conheço, é a lei que sigo, porque é a lei, a religião dos meus pais; não quero, não necessito de outra religião, de outra lei. Deixa-me, portanto, em paz, deixa-me morrer sossegado, que há muito já eu teria morrido, se não fosse um último escravo que me iludiu e que não matei à última vez que ele aqui esteve, porque o miserável foi amigo de meu pai. Vai-te, *pajé* dos *emboabas*, tenho pressa de ir habitar as *montanhas azuis*; Jukeriorana já não pode mais caber na terra que foi seu berço, que foi o berço do valente Siriri, que foi o berço do grande Seregipe e é o túmulo das glórias e da liberdade de seus irmãos.

– Meu filho, em nome de Deus, ouve-me por um instante somente... Todos os teus irmãos...

Jukeriorana interrompeu-lhe a frase, investindo cheio de furor contra o venerando sacerdote e travou-lhe do braço com força tão descomunal, que as lágrimas caíram espontâneas e silenciosas pelas faces do virtuoso e santo varão.

– Oh! não me obrigues – exclama o furioso índio com voz surda, sepulcral –, não me obrigues a ser pela primeira vez desobediente a Tupã, maltratando um hóspede. Embora eu seja prisioneiro dos teus irmãos, embora possas entrar aqui todas as vezes que desejas, aqui

mesmo ainda és meu hóspede e eu ainda sou filho desta terra em que já fui senhor e senhor hei de ser até à morte, porque pretendo morrer sem me curvar ao jugo dos meus inimigos. Retira-te, portanto, se não queres que eu te mate agora mesmo. Jukeriorana para matar um *emboaba*, não precisa de estar armado de arco e flecha; os seus dedos são tão fortes como as garras do tigre; os seus braços são tão robustos como as roscas da *sucuryaba*. Vai-te, portanto, em paz; vai pregar a tua lei e a tua religião aos miseráveis escravos que me atraçoaram, que me abandonaram, abandonando, atraçoando a terra da liberdade, em cujo seio se embalaram, dormindo à sombra das grandes florestas, ou no cabeço das altas montanhas, ao rugir das ventanias, ao rumorejar dos grandes rios e ao roncar das cachoeiras. Vai, miserável *pajé dos emboabas*, e nunca mais me tornes a aparecer, porque o dia em que de novo entrares nesta prisão, será de certo, se eu ainda não tiver morrido, o derradeiro da tua vida e o primeiro da minha eterna redenção, porque eu te matarei e os *emboabas* me matarão, como ontem já me quiseram matar. Vai-te, vai-te, desgraçado *pajé dos emboabas*.

Jukeriorana, à proporção que falava, ia apertando com crescente força o braço de frei Gil, cuja dor, progressivamente aumentando, fazia caírem-lhe da fronte espaçosa grossas bagas de suor e dos olhos lágrimas a punhos; e no entanto não soltava um gemido, não formulava a queixa! Era o verdadeiro *Jesus autem tacebat*¹⁵³;

153Jesus autem tacebat": "Jesus, porém, calava-se". Narração evangélica do episódio em que Jesus permanece em silêncio diante dos seus

muito diverso do de frei Vital¹⁵⁴. Sob a pressão da raiva e do frenético movimento a mão do índio havia assumido a consistência e rijeza de uma manopla¹⁵⁵ de ferro. Quando ele disse a última palavra, empurrou com tamanha força o mísero frade, que este foi cair atordoado, fora da prisão, de encontro à parede da cela fronteira.

Conservou-se nesse estado por alguns instantes e, logo que reassumiu a calma habitual, de novo entrou na prisão do indomável mancebo e, ajoelhando-lhe aos pés, despe o braço, mostra-lhe a profunda equimose¹⁵⁶ que lhe circulava e lhe diz com verdadeira mansuetude¹⁵⁷ evangélica:

– Filho valente do grande Seregipe, glorioso irmão dos valentes tupinambás, vê o que me fizeste; eu sofro muito, o meu braço está perdido talvez; mas eu te perdoo, porque o meu Deus manda que o homem perdoe aos seus inimigos. Generoso e valente, como és, se conhecesses a lei do verdadeiro Deus, não me ofenderias assim; serias tão meu amigo, como são todos os tupinambás, como é, principalmente, a bela e virtuosa Arycurana.

acusadores. No figurado, aplica-se quando alguém é chamado para defesa e fica obstinado a não responder o ataque.

154Vital Maria Gonçalves de Oliveira (1844-1878), Dom Frei Vital. Foi um frade capuchinho e bispo católico de Olinda, em Pernambuco. Protagonizou, juntamente com Dom Antônio de Macedo Costa (1830-1891), o episódio ficou conhecido como Questão Religiosa, durante o Segundo Reinado (1840-1889). Vital foi preso em 1875, por se opor a associação de atividades religiosas católicas com a maçonaria.

155Luva de ferro usada em armaduras de guerra.

156Mancha roxa na pele.

157Mansidão; brandura; serenidade.

– Arycurana! Arycurana! – exclama o impetuoso filho de Seregipe, correndo para o sacerdote e fazendo-o levantar-se – Arycurana! Fala-me da mais formosa *manacá* destes sertões! O que é feito da filha do valente Siriri?

– É hoje – diz frei Gil – uma donzela cristã e que há de fazer honra ao cristianismo pelas suas virtudes, as quais teriam de desaparecer no abismo da ignorância, que domina estes sertões incultos e remotos. Arycurana foi a primeira que abjurou as crenças dos seus irmãos.

Jukeriorana, ouvindo o que lhe acabava de dizer o frade, empalideceu horrivelmente, cruzou os braços, olhou por alguns minutos para frei Gil com ar de profundo sarcasmo e depois, apontando para a porta, lhe disse:

– Estou completamente vencido; retira-te, deixa-me...

Frei Gil, reconhecendo, pelo modo irreplicável porque o mancebo lhe respondera, a impossibilidade de continuar ali por mais um instante, retirou-se prudentemente. Apenas se pôs fora da prisão, disse entre si:

– Não estão ainda de todo perdidas as esperanças.

Capítulo XVIII

VISITA DE ARYCURANA

Primeiro que prossigamos na narração do que sucedeu à saída de frei Gil da cela de Jukeriorana, cumpre que o leitor saiba qual o meio por que Iramaia descobriu a infame e atroz maquinação contra a vida do heroico filho de Seregipe.

Como dissemos, o velho amigo do primeiro cacique sergipano, desde que soube que o tenente Gustavo requestava apaixonadamente Arycurana, protestou nunca mais perdê-lo de vista com o fim de conhecer os seus últimos desígnios a respeito da donzela.

Efetivamente, um dia ele viu entrarem na floresta próxima seis soldados e logo após o tenente, Iramaia acompanhou-os à distância e colocou-se em lugar donde pudesse vê-los e ouvi-los, sem que eles o vissem; aí pôde ele surpreender todo o plano do oficial contra a vida do moço indiano.

Os soldados, com quem o tenente Gustavo falara na véspera, tinham de montar guarda no dia seguinte na cadeia; quando todos se retiraram, depois de ter o comandante do destacamento mandado abrir a profundíssima cova em que tinha de ser abismado para sempre o mísero Jukeriorana, Iramaia retirou-se também, sem ser visto ainda pelos inimigos do seu jovem amigo. Estava resolvido a ir comunicar ao governador Abreu e

Lima tudo quanto tinha visto e ouvido, mas, depois de alguma reflexão, resolveu pôr-se na expectativa.

Com efeito, no dia imediato, a horas avançadas da noite, viu ele o tenente dirigir-se à cadeia, conversar com o comandante da guarda, entrar com quatro homens e depois sair com o prisioneiro. Iramaia não quis mais entender de reflexões e foi rápido e direito à casa do governador a quem referiu ponto a ponto o plano sanguinário do apaixonadíssimo tenente.

O governador, em consequência do que acabava de saber, expediu com toda a possível brevidade a gente que tinha de prender os interessados na morte do valoroso filho do grande Seregipe. O resultado desta expedição já o leitor ficou sabendo com a leitura do capítulo antecedente; cumpre-nos agora dar conta do que se seguiu depois que, reconduzido Jukeriorana à prisão, frei Gil foi ter com ele.

Logo que o venerando discípulo de Loyola se retirou, o valoroso mancebo atirou-se com desesperado abandono sobre o seu mísero grabato¹⁵⁸, exclamando por entre um dilúvio de lágrimas e contorcendo-se no histerismo da sua agonia frenética:

– Arycurana! Arycurana! A formosa criança que amei como filha, que amei como irmã, que amei como esposa! Oh! Tupã! Se a mais bela, a mais perfeita, a mais encantadora *manacá* destes sertões também me atraçouu, se é também escrava dos *emboabas*: quem não me há de atraçoar? Em quem devo eu confiar de hoje em diante?

158Leito pequeno e miserável.

Que desejo, que esperança posso eu ter mais na terra dos tupinambás? Seregipe, Siriri, quem diria que a terra da liberdade seria hoje a terra da escravidão?!

E o mancebo engolfou-se, depois de dizer isto, em um pélago de sinistros pensamentos; o que mais poderosamente o predominava era o suicídio, que lhe sorria por entre a treva da sua delirante exaltação, como o santelmo¹⁵⁹ de bonança por entre as nuvens grossas e pesadas da tempestade. Ele estava resolvido, finalmente, a se deixar morrer de fome, como seu pai.

Entretanto, Frei Gil saindo da prisão, dirigiu-se à casa de Abreu e Lima e lhe narrou o que se havia passado entre ele e o índio prisioneiro.

– Estão perdidas, então, as esperanças de convertê-lo? – pergunta Abreu e Lima.

– Resta apenas uma; se esta não produzir efeito, melhor será que abramos mão da empresa – respondeu o frade.

– Qual é a esperança que resta?

– Fazer a moça indiana, que tanto ele idolatra, ir de quando em quando conversar com o prisioneiro, a fim de lhe incutir no espírito as sublimes verdades do cristianismo. O amor é crença, e quem ama com todo o fogo sagrado desse sentimento, crê cegamente no objeto amado e obedece mudo e submisso a todas as suas inspirações. Vê o que ele vê, sente o que ele sente, ouve o que ele ouve, acredita no que ele acredita, ama o que ele ama, aborrece o

159Pequena chama azulada que surge durante as tempestades.

que ele aborrece, porque a alma de um e outro se consubstancia em uma única; a vontade de ambos é uma só vontade.

– Arycurana é, por conseguinte, a pessoa competente para fazer com que a verdadeira religião consiga mais esse triunfo.

Em vista do que lhe acabava de observar o sacerdote, Abreu e Lima deu ordem para que Arycurana, acompanhada por Iramaia, fosse uma vez ou outra à prisão do mancebo. O velho índio recusou-se a princípio; a instâncias, porém, da donzela, teve de aceder, finalmente, e no dia seguinte pela manhã foram ambos à prisão de Jukeriorana.

A donzela, desde que o frade e o governador ficou positivamente assentado que ela podia ir de quando em quando à prisão do amante, sentiu prazer tamanho, tão inefável, que, não podendo por outra forma exprimi-lo, se pôs a cantar com maviosíssima voz durante o dia inteiro, uma por uma, todas as orações que o santo varão lhe havia ensinado. Nunca se mostrara ela tão carinhosa, tão solícita, serviçal e amiga dos *emboabas*, como naquele dia para ela verdadeiramente bem aventurado!

Durante a noite, depois que frei Gil acabou de lhes explicar o catecismo, Arycurana, ao recolher-se à sua choupana, que era a mesma em que habitava Iramaia, tornou-se de repente uma criança travessa, ou uma louca varrida. Chorava, ria e cantava ao mesmo tempo! E no seu pranto arqueava-se o íris das suas esperanças, por entre os seus sorrisos via-se o céu azul do seu amor e através do seu

canto ouvia-se ao lado do nome de Deus, que ela já conhecia e adorava, o nome daquele que lhe vivia na alma e no coração.

A maior parte da noite passou assim; pela madrugada adormeceu, mas não foi a imagem querida do amante que lhe veio afagar o sono e emparaisar os sonhos. Foram visões mais belas e sublimes, que lhe converteram em um pedaço do céu o pobre leito em que dormia. Ao romper da alva a donzela acordou como assombrada, porque tudo lhe parecia maravilhoso e sobrenatural! A luz frouxa e indecisa que começava a bruxulear¹⁶⁰ no espaço e se derramar pelo interior da humilde palhoça, o concerto grandioso e eterno, que a natureza desde a sua criação eleva ao Criador quando a noite, envolta no seu manto de trevas, foge e desaparece no hemisfério oposto, tudo fazia calar mais profundamente ainda na alma da donzela a convicção do quanto ouvira e continuava a ouvir de frei Gil. E um sentimento inefável de verdadeira felicidade enchia-lhe o coração, sublimava-lhe o pensamento e a sua alma voava ao infinito a banhar-se na luz indelével da verdade eterna que é Deus, a fonte de todas as verdades.

Eram dez horas da manhã quando Arycurana, acompanhada por Iramaia, penetrou na prisão do mancebo; o velho índio por escrúpulo não quis entrar, mas colocou-se a certa distância da porta, que ficara aberta, e não perdia de vista os dois amantes, conquanto o prisioneiro não tivesse dado por ele.

160Brilho trêmulo e fraco.

O valoroso filho do grande Seregipe, vendo a prima vestida à moda das donzelas cristãs, quis lhe proferir o nome e não pôde; quis encaminhar-se para ela e permaneceu por alguns instantes imóvel, mudo, boquiaberto e olhando fixamente para ela. Arycurana foi quem rompeu o silêncio, encaminhando-se para ele e exclamando:

– Jukeriorana, meu esposo!

Transido de horror, o mancebo estendeu os braços para diante, como querendo repeli-la e recuando ao mesmo tempo.

– Generoso filho do grande Seregipe – torna a donzela, com voz lacrimosa – como assim te atreves a repelir a tua Arycurana?

– Arycurana?! – exclamou o prisioneiro com acento de profundo ódio – Tu não és Arycurana! A filha do valente Siriri era a mais formosa *manacá* destes sertões; era a filha, a irmã, a esposa de Jukeriorana; vestia como ele veste, odiava os *emboabas* como ele odeia, amava a liberdade como ele ama, adorava Tupã como ele adora. Mas tu, oh!... tu és escrava dos *emboabas* e eu te odeio, como odeio os inimigos da minha boa terra, porque tu vestes como eles vestem, falas como eles falam, odeias a liberdade como eles odeiam e adoras o mesmo Deus que eles adoram!! Não, não és Arycurana e, se o és, o filho do grande Seregipe não te conhece, não pode conhecer em ti, miserável escrava, a nobre filha do valente cacique, aquela formosa *manacá* que fez de Jukeriorana o mais formidável guerreiro tupinambá,

o mais horroroso flagelo dos *emboabas*! Quem te pode conhecer é o infame escravo Iramaia. Vai para ele...

O velho índio, ouvindo as palavras do mancebo, confuso como se tivesse recebido uma descarga elétrica; levantou-se para entrar na cela do prisioneiro; mas as forças lhe faltaram e ele caiu na mesma posição em que estava.

Capítulo XIX

O SONHO DA DONZELA

Enquanto o velho, o dedicado Iramaia deixava correr pelas faces silenciosas e acerbos lágrimas, que lhe arrancava dos entre olhos da alma a injustiça de Jukeriorana, o filho do seu verdadeiro amigo, a criança que ele amava como filho, porque o havia criado, o fogoso, o indomável mancebo, continuava a apostrofar a donzela, insultando o velho índio.

– É com esse miserável escravo – dizia ele, no seu idioma –, é com o mais ingrato dos tupinambás que tu deves viver, porque foi ele que te perdeu, ele, o que mais amei de todos os tupinambás que me atraíram! E se não queres que eu te faça o que lhe desejei fazer, foge quanto antes e deixa que eu morra livre como nasci.

Acabando de dizer isto, Jukeriorana trava do braço da donzela e vai querendo arrastá-la para fora da sua cela; com a dor a mísera moça soltou um grito dilacerante e ajoelhou-lhe aos pés. Ouvindo aquele grito, Iramaia rápido levantou-se e impetuoso e horrendo, como o tigre enfurecido, de um pulo entrou na cela e se achou frente à frente com o destemido Jukeriorana. A donzela continuava de joelhos e os dois adversários se mediam de cima abaixo com olhar inflamado e respiração ofegante. Estavam

prestes a se despedaçar. A inteligente Arycurana reconheceu o perigo e procurou preveni-lo, exclamando:

– Pai, irmão, esposo de Arycurana, por quem és, tem compaixão daquela que te amou como filha, que te amou como irmã e que hoje te ama como esposa. Nobre filho do grande Seregipe, ouve-me por um instante ao menos; se, depois de me teres ouvido, entenderes que me deves matar, juro-te pelo Deus dos cristãos que morrerei feliz, morrendo pelas mãos daqueles que amo, que idolatro, como idolatro e amo a indelével memória de Icytinga e Siriri. Eu desejo morrer, ir habitar o céu desde que perdi o amor do meu querido Jukeriorana.

O mancebo, ouvindo a súplica da donzela, sentiu enternecer-se profundamente e, sem proferir palavra, esquecendo de repente Iramaia, tomou-a pelas mãos, fê-la erguer-se e se foi sentar encolhido e triste a um canto da sua estreita prisão. Arycurana, olvidando por sua vez também o mau tratamento que acabava de receber do idolatrado amante, sentou-se ao seu lado e, lançando-lhe ao colo o torneado e carinhoso braço, assim lhe fala:

– Querido Jukeriorana, se um dia amaste com todas as forças do coração a infeliz Arycurana, se, como já lhe disseste, nunca serias capaz de lhe fazer mal, peço-te que pelas cinzas do grande Seregipe acredites o que te vou dizer:

“Frei Gil, o sacerdote dos *emboabas* é um virtuoso varão. Em princípio, por conselho de Iramaia, eu fingia prestar-lhe atenção para, depois que tivéssemos conseguido alcançar a confiança dos *emboabas*, podermos fugir eu, tu e

ele, o nosso velho amigo; porém a palavra de frei Gil é tão doce, o que ele diz entra tão fundo no coração da gente, que eu, Iramaia e todos os nossos irmãos, em poucos dias, não queríamos ouvir senão a palavra do santo *emboaba*. Tu mesmo Jukeriorana, tu mesmo, que nunca foste mais amigo dos teus irmãos, nem mais inimigo dos nossos inimigos do que eu, tu mesmo, se ouvisses frei Gil falar, acredita que terias também pedido o batismo, como todos nós pedimos, e tornar-te-ias amigo dos *emboabas*, como todos nós. Frei Gil nos contou a história toda do filho de Deus, o formoso jovem de Nazaré, que esqueceu todos os prazeres da terra, próprios da sua idade, para se consagrar inteiramente e só, ao amor dos seus irmãos, em Deus, ao amor do gênero humano, até que por amor de todos os homens foi morrer crucificado no *Monte da Caveira*!

Jukeriorana, enquanto ouvia a donzela, sorria de incredulidade; quando Arycurana acabou de falar, disse-lhe ele com voz sinistramente calma e pausada:

– Só faltava, para completar o meu infortúnio, ver dominado pela influência dos *emboabas* a valorosa filha do Siriri! Era preciso, para que eu caísse vencido, que todos os meus irmãos, até a minha filha, a minha irmã, a minha esposa, me atraíssem! Fizeste bem, Arycurana; agora vejo que fui um pobre louco em amar a glória e a liberdade por tua causa! Um dia eu te disse que nunca te faria mal, não te faço mal; mas peço que te retires, que sigas a lei desse padre que, depois de tudo, quer também seduzir Jukeriorana e por isso te mandou aqui! Vai e diz a esse padre que nunca mais se atreva a me aparecer, porque então

já não terei meios termos; apenas ele apareça, estrangulo-o com as mãos. A filha de Siriri deve conhecer muito bem Jukeriorana, o filho do grande Sergipe; diga-lhe ela, portanto, que, se ele não quer morrer, não volte mais aqui, que me deixe morrer em sossego, porque desejo quanto antes ir habitar as *montanhas azuis* para ver meu pai e lhe dizer o que fiz, o que fizeram nossos irmãos, o que fez Iramaia, o que fez, finalmente, a filha do valente Siriri; Volta, portanto, para o meio dos *emboabas*, Arycurana, e Tupã permita que sejas bem feliz entre eles. Pode ser que encontres um esposo que muito mais te ame do que te amou o desgraçado Jukeriorana. A cor dos emboabas é mais bela do que a nossa cor; os teus filhos com um marido *emboaba* serão mais bonitos do que seriam os filhos que tivesses comigo. Vai, filha de Siriri, vai, e nunca mais eu te veja.

Dizendo isto, o prisioneiro levantou-se e pôs-se a passear agitado pela estreita cela. A mísera donzela, ouvindo aquelas palavras injustas e cruéis, não pôde conter mais o pranto e entre lágrimas e soluços balbuciou:

– Filho generoso de Seregipe, porque assim maltratas a desgraçada Arycurana? Oh!... mil vezes prefiro a morte a te ouvir o que me acabas de dizer. Se já não amas aquela que nunca mais deixará de te amar, por quem és, mata-me e não me despeças da tua presença com tanta dureza. Perdido o teu amor, aborreço a vida e só sairei daqui, depois de morta e nos braços de Iramaia. Meu amigo, meu bom Jukeriorana, não é de frei Gil nem dos *emboabas* que te quero falar; vim a tua prisão somente para

te dizer que hoje, ao romper do dia, estive com Icytinga, Siriri e Seregipe. Senta-te, portanto, e ouve-me tranquilo.

– O que é que dizes? Vistes!?... – ia perguntando o mancebo no auge da surpresa.

– Vi-os, estive com eles que me falaram de ti, que me disseram o que é que o nobre Jukeriorana ainda tem que fazer na terra dos tupinambás.

– Estás zombando comigo, Arycurana? – pergunta o índio sentando-se no seu jirau e com ares de sumo interesse.

A donzela cingiu-lhe de novo ao colo e braço, dizendo:

– Não, não zombo contigo; falo a verdade, Jukeriorana. Hoje, não sei bem dizer se estava dormindo ou acordada, mas vi meus pais e o teu descerem das *montanhas azuis* que os cristão chamam céu; eles acompanhavam uma formosíssima *emboaba* que frei Gil diz ser a mãe do filho de Deus. Aquele que morreu por amor do gênero humano e se chamou Cristo. Seregipe, Siriri e Icytinga desceram até onde eu estava e puseram-se de joelhos enquanto a divina *emboaba* suspensa nos ares, um pouco acima da minha rede e sentada em uma nuvem de ouro que me inundava toda de luz, me disse sorrindo e o seu sorriso era ainda mais resplandecente e belo do que a nuvem de ouro, do que o próprio sol do nosso céu, ela me disse:

– “Formosa filha destas regiões incultas (são as próprias palavras dela). Aquele que vós outros chamaís Tupã e que, segundo os cristãos, não é senão o Ser Onipotente que criou o universo, o único Deus verdadeiro

a quem todos nós devemos amar e adorar, ordenou-me que eu baixasse do seu seio infinito para te dizer que ele te preserva a grandiosa missão de seres entre o gentil o luminoso farol que tenha de apontar àquele que tem de ser teu esposo a estrada da verdadeira liberdade, da verdadeira glória, da verdadeira religião, a religião do Cristo que é o filho de Deus e meu filho também por obra do Espírito Santo. Teu esposo, o valente Jukeriorana, será um dia, por milagre do teu amor, uma das mais fortes colunas da igreja cristã, fazendo que a formosa terra dos tupinambás venha a ser talvez muito breve uma das mais brilhantes estrelas que resplandecem o seio da grande terra do Cruzeiro.”

– A virgem mãe de Deus – continua a donzela – calou-se e então Icytinga, depois Siriri, depois o grande Seregipe, cada um por sua vez, me disseram:

– Minha filha, crê nas palavras da rainha dos céus e faz com que teu esposo seja o que deve ser: amigo dos cristãos e cristão como eles.

A donzela calou-se. Muito de indústria ela, para não lhe azedar mais o ódio contra os *emboabas*, deixou de lhe falar a respeito dos amores do tenente Gustavo o qual, poucos dias depois da tentativa de assassinato, foi remetido para a Bahia, onde o júri o condenou a dez anos de prisão com trabalhos. Entretanto, o mancebo, à proporção que ela falava, sentia o que quer que era de estranho operar-se no seu ser e que ele espontaneamente demonstrava no gesto. Arycurana inteligente e perspicaz, como era, não deixava de perceber a profunda impressão que as suas palavras iam deixando no espírito do prisioneiro.

Depois de tê-la ouvido atentamente conservou-se mudo e pensativo por alguns instantes, ao fim dos quais se levantou dizendo com voz profundamente comovida:

– Se o grande Seregipe, o valente Siriri e a extremosa Icytinga te apareceram, eles hão de me aparecer também; e se a *emboaba* do céu, acompanhada por eles, me falar como te falou, eu serei cristão como tu. Vai, vai, Arycurana, e amanhã ou Jukerriorana já não vive, ou adora o Deus dos cristãos.

– Hás de viver – torna a donzela abraçando-o amorosamente – hás de viver porque o Onipotente quer que sigas a sua lei e sejas o esposo de Arycurana. Adeus.

A donzela retirou-se em companhia de Iramaia, a porta da cela trancou-se e o mancebo arremessou-se no seu jirau, sentindo o embate das mais encontradas e violentas comoções.

Capítulo XX

O SONHO DE JUKERIORANA

O prisioneiro passou pensativo e taciturno todo o dia. Veio a noite e a noite foi-lhe cheia de sombrias apreensões e angustiosa insônia. Só pela madrugada conseguiu o mísero adormecer. Acordou por alto dia em um estado que muito se aproximava da verdadeira loucura pela imoderada alegria, intermeada de risos e lágrimas, de cantos e gemidos. O infeliz sorria e chorava ao mesmo tempo e simultaneamente gemia e cantava! Mas nas suas lágrimas se refletia a luz misteriosa que lhe inundava o espírito; por entre os seus risos estridentes ressoava o hino rude mas sublime, que a sua alma entoava ao Deus que não conhecia e estava prestes a conhecer; por entre as suas canções desordenadas ecoava o nome de Arycurana, como se ele chamasse a donzela em seu auxílio, e no meio dos seus gemidos profundamente dolorosos troava o grito selvático da desesperação e do remorso de ter maltratado tão injustamente não só a formosa e interessante donzela, como o primeiro e constante amigo de seu pai, o velho, o bom Iramaia.

Desde que caíra vencido, o mancebo nunca mais sorria, nunca mais falara, senão às vezes que Iramaia, frei Gil e, finalmente, Arycurana foram à sua prisão; mas assim mesmo pouco falava. Estranhando, pois, aquele estado excepcional do prisioneiro, um dos guardas foi dar parte ao

governador Abreu e Lima, que imediatamente mandou chamar frei Gil para lhe comunicar o que acabava de saber. O virtuoso sacerdote nada respondeu e, ao sair da presença do governador, disse entre si:

– A segunda visita da boa Arycurana será a completa conversão do refratário moço.

E foi direto à choupana da donzela, que habitava em companhia de Iramaia, e a fez ciente do que se passava na prisão de Jukeriorana, pedindo-lhe que, quanto antes, fosse ter com ele. Arycurana foi correndo, transportada de indizível prazer e acompanhada não só pelo velho amigo de Serecipe, como ainda pelo próprio frei Gil.

Quer fosse pela profunda impressão que lhe haviam feito no ânimo as palavras da donzela, ou fosse pela influência providencial que sobre o espírito do homem exerce a divina religião do Crucificado, o que é certo é que Jukeriorana, depois de uma longa noite de angustiosa insônia, conseguiu adormecer pela madrugada e sonhou.

O sonho do prisioneiro breve o leitor conhecerá, quando ele próprio estiver narrando à formosa filha de Siriri, ante quem acaba de se abrir a porta da prisão do heroico mancebo tupinambá. Iramaia e frei Gil ficaram do lado de fora, enquanto a donzela entrava. Ambos estavam ansiosos, sobressaltados, frenéticos pelo resultado da entrevista dos dois amantes.

O prisioneiro, ao ver a donzela soltou um grito inexprimível de suprema alegria e se atirou nos braços ávidos de o receber.

– Arycurana! – exclama ele rindo e chorando ao mesmo tempo!

– Esposo da minha alma! – torna a donzela, abrindo os braços àquele de quem ela era o único, o verdadeiro complemento.

E eles se abraçaram e nesse abraço grandioso e sublime se confundiram as lágrimas, os sorrisos, os soluços de verdadeira bem aventurança, porque os bem aventurados devem sorrir, devem chorar, devem soluçar assim nos inefáveis arroubos de felicidade, fruindo as delícias inefáveis no seio infinito de Deus. Ao termo de bem longos instantes ouviu-se a voz do prisioneiro; ele dizia:

– Filha encantadora do valoroso Siriri, como tu, eu vi também a divina *emboaba* que tu chamaste a rainha do céu, a senhora do universo, a mãe do Deus dos cristãos. Ela apareceu-me também sentada em uma rede de nuvens da cor do sol; falou-me numa língua, que eu não conhecia, mas compreendi perfeitamente não sei como. Ela me disse:

– Esposo de Arycurana, segue a religião de meu filho que é o próprio Deus; crê na tua esposa que é uma das prediletas de meu filho; aqueles que chamais de *emboabas*, não são teus inimigos, não são inimigos dos teus irmãos; eles querem remir o povo *tupinambá* do cativo do mau espírito, que vós outros chamais *Anhangá* e que, segundo a lei de Deus, nada mais é do que o gênio do mal. Nenhum poder terá ele sobre ti, se procurares Arycurana, se procurares Iramaia e se te deixares guiar pelas santas palavras de frei Gil, que é um dos mais dignos ministros de Deus.

– Como tu viste – continua o mancebo, vi eu também os teus pais e o meu ajoelhados diante da divina *emboaba*. Quando ela deixou de me falar, o grande Seregipe, voltando o rosto para mim, porque a *emboaba* do céu já se retirava, disse-me sorrindo:

– “Crê no que acabas de ouvir, meu filho, porque o Deus dos cristãos é a suprema e eterna verdade, é o único e verdadeiro Deus, que ama todos os homens, como se todos foram irmãos, filhos do mesmo pai que é Ele.”

– Logo que meu pai disse isto, a rainha do céu desapareceu, com ela desapareceram Seregipe, Siriri e Icytinga e eu acordei amigo dos cristãos e desejando ser cristão como tu e o bom velho Iramaia. Vamos; portanto; eu quero provar aos *emboabas* que nunca eles tiveram nem terão quem mais trabalhe em favor da religião do seu Deus como filho do grande Seregipe. O que eu fiz por amor da nossa liberdade, por amor da nossa terra em que nascemos, é nada em comparação do que me sinto capaz de fazer por amor da religião santa do Filho da Virgem.

O mancebo, enquanto falava com a donzela, parecia dominado por um espírito superior, que lhe aclarava a inteligência, sugeria as ideias e robustecia as crenças. Ouvindo-o tão eloquente, e vendo-o tão belo pela fé que o animava, que lhe incendia o coração e o espírito, Arycurana toma-o de novo nos braços e, cobrindo-lhe a bronzada frente de beijos e lágrimas de inefável prazer e felicidade, diz-lhe:

– Eu tinha ordem de abrir a porta da tua prisão no momento em que te visse convertido à lei do Cristo; vamos

Jukeriorana. Os *emboabas* te esperam com os braços abertos, o sorriso nos lábios e a alegria no coração.

– Vamos – torna o mancebo – quero ajoelhar aos pés de frei Gil, abraçar o meu velho amigo Iramaia e pedir-lhes perdão a ambos.

Mal Jukeriorana acabava de proferir estas palavras, o frade e o índio entraram na cela do prisioneiro, que ao vê-los atirou-se frenético transporte de excessivo júbilo nos braços do velho amigo de seu pai, exclamando com a voz entrecortada de soluços:

– Iramaia, meu bom amigo, perdoa-me, por quem és...

– Jukeriorana – torna Iramaia, igualmente a soluçar – digno filho do grande Sergipe...

Nada mais pôde dizer e permaneceu abraçado com o mancebo por espaço de alguns minutos, em que reinou o mais profundo silêncio, interrompido unicamente pelos soluços de ambos. Depois desse abraço verdadeiramente grandioso e cordial, Jukeriorana soltando-se dos braços do amigo, ajoelha aos pés do frade, murmurando apenas, porque se achava ainda extremamente comovido:

– Perdão, em nome desse Deus, que já de agora começo a adorar, perdão, frei Gil.

– É – disse frei Gil também em guarani – é em nome desse Deus, que todos adoramos, porque é a verdade suprema e eterna, o único e verdadeiro Deus, que eu te abençoo, meu filho. Levanta-te e vamos.

O mancebo levantou-se e saiu ao lado de Arycurana; após eles seguiram frei Gil e Iramaia para casa

de Abreu e Lima, por quem Jukeriorana foi recebido com todas as demonstrações de verdadeiro interesse paternal.

Depois dos longos meses de cativoiro o mancebo achava-se bastante pálido e definhado, ao termo, porém, de dois meses tinha recuperado completamente as forças, purificara a sua alma nas águas lustrais do batismo e se recebera esposo da interessante e encantadora donzela que ao receber, finalmente, a palma de tantos e tão longos martírios, se sentira tão feliz, como se houvesse alcançado a mais esplêndida vitória, que assaz esplêndida era, com efeito, a vitória que ela acabava de alcançar.

F I M

Fontes originais dos capítulos:

Acervo: Fundação Biblioteca Nacional.

Capítulo I: Sergipe

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XIV, n. 727.
15/11/1874. p. 5810, 5811, 5814, 5815.

Capítulo II: O cúme

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XIV, n. 728.
22/11/1874. p. 5818, 5819, 5822.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 729.
29/11/1874. p. 5826, 5827, 5830.

Capítulo III: O Vaticínio

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 730.
06/12/1874. p. 5834, 5835, 5838, 5839.

Capítulo IV: Peregrinação dolorosa

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 731.
13/12/1874. p. 5842, 5843, 5846.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 732.
20/12/1874. p. 5850, 5851, 5854.

Capítulo V: Represálias

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 733.
27/12/1874. p. 5858, 5859, 5862.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 734.
03/01/1875. p. 5866, 5867, 5870.

Capítulo VI: Festa e suplício

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 735.
10/01/1875. p. 5874, 5875, 5878, 5879.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 736.
17/01/1875. p. 5882, 5883, 5886, 5887.

Capítulo VII: A luta

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 737.
24/01/1875. p. 5890, 5891, 5894.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 738.
31/01/1875. p. 5898, 5899, 5802.

Capítulo VIII: A vitória

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 739.
07/02/1875. p. 5906, 5907, 5910, 5911.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 740.
14/02/1875. p. 5914, 5915, 5918, 5919.

Capítulo IX: O perjúrio

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 741.
21/02/1875. p. 5923, 5926, 5927.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 742.
28/02/1875. p. 5930, 5931, 5934, 5935.

Capítulo X: Aliança

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 743.
07/03/1875. p. 5938, 5939, 5942, 5943.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 744.
14/03/1875. p. 5946, 5947.

Capítulo XI: A volta do filho

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 745.
21/03/1875. p. 5954, 5955, 5958, 5959.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 746.
28/03/1875. p. 5962, 5963, 5966.

Capítulo XII: As flechas misteriosas

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 747.
04/04/1875. p. 5970, 5971, 5974.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 748.
11/04/1875. p. 5979, 5982, 5983.

Capítulo XIII: Jukeriorana

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 749.
18/04/1875. p. 5986, 5987, 5990, 5991.

Capítulo XIV: A última perversidade

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 750.
25/04/1875. p. 5994, 5995, 5998.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 751.
02/05/1875. p. 6002, 6003, 6006.

Capítulo XV: Amarga desilusão

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 752.
09/05/1875. p. 6010, 6011, 6014, 6015.

Capítulo XVI: Na prisão

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 753.
16/05/1875. p. 6018, 6019, 6022.

Capítulo XVII: Resignação evangélica

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 754.
23/05/1875. p. 6026, 6027, 6030.

Capítulo XVIII: Visita de Arycurana

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 755.
30/05/1875. p. 6034, 6035, 6038, 6039.

Capítulo XIX: O sonho da donzela

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 756.
06/06/1875. p. 6042, 6043, 6046.

Capítulo XX: O sonho de Jukeriorana

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, ano XV, n. 757.
13/06/1875. p. 6050, 6051, 6054.

Referências

- A Semana Ilustrada: história de uma inovação editorial*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade/RJ, 2007.
- ALVES, Francisco José. Uma notícia da era colonial: o massacre de soldados pelos índios de Sergipe. *Correio de Sergipe*. Aracaju, 21 de março de 2019.
- _____. 1590: a “guerra de Sergipe”. *Sergipe Mais*. Aracaju, maio de 2003. p. 16-17.
- BITTENCOURT, Liberato, *Brasileiros Illustres – Sergipanos Illustres*. Rio de Janeiro: Typ. Gomes Pereira, 1913.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliográphico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883. Vol. 2.
- BOSI, Alfredo. Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. In: _____. *Dialética da colonização*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 176-193.
- CARDOSO, Amâncio. “O Desengano”: Artes de curar em Sergipe no século XIX. *Revista da Academia Sergipana de Letras*, Aracaju, jan. 2000. p. 265-273.
- FREIRE, Felisbelo. *História de Sergipe*. 3. ed. Aracaju; São Cristóvão: IHGS/UFS, 2008.
- GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. *Diccionario bio-bibliográfico sergipano*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.
- LEMOES, Valéria Pinto (Org.). *Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro: inventário analítico*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Supplemento do Anno Biográphico*. Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1880.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim, uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROMERO, Sílvio. *Parnaso Sergipano*. Aracaju: Typ. Do “O Estado de Sergipe”, 1899. Vol.1. p. XIV-XV.

SILVA, Aracy Lopes da. *Índios*. São Paulo: Ática, 1988.

SOUZA, Constantino José Gomes de. Arycurana. In: *Semana Illustrada*. Anno XIV-XV. Rio de Janeiro, 1874/1875.

SOUZA, Moisés Santos. Gomes de Souza: um perfil biográfico e literário: Parte I. *Jornal da Cidade*. Aracaju/SE, n. 14.302, 20 jan. 2021.

_____. Gomes de Souza: um perfil biográfico e literário: Parte II. *Jornal da Cidade*. Aracaju/SE, n. 14.303, 22 jan. 2021.

_____. Arycurana, um romance-folhetim indianista. *Jornal do Dia*. Aracaju/SE. 21 nov.2023.



Dados internacionais de catalogação na Publicação (CIP)

C758	Souza, Constantino José Gomes
Arycurana/Constantino José Gomes de Souza; organização, notas e apresentação de Moisés Santos Sousa. Campinas: Asa da Palavra, 2024. 243 p. E-book.	
ISBN: 978-65-87407-50-0	
1.Romance. 2.Literatura brasileira 3. Regionalismo	
CDD 804	B869

Diretora da Asa da Palavra:	Marcia Abreu
Coordenadora editorial:	Bruna Policarpo
Supervisão dessa edição:	Luiz Mauricio Azevedo
Preparação dos originais:	Moisés Santos Souza Luiz Mauricio Azevedo
Autor:	Constantino José Gomes de Souza
Organizador:	Moisés Santos Souza
Formato:	14X21
Páginas:	242
Ano de publicação:	2024
Capa:	"Índios Flechando uma Onça" (1830), de Johann Moritz Rugendas (1802-1858). Óleo sobre tela, 91 x 66cm. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024.
Imagem do autor:	"O Dr. Constantino Gomes de Souza" In: Semana Ilustrada. Ano XIII. n. 635. Rio de Janeiro, 09 fev. 1873. p. 5076.

Esta edição foi produzida para a Asa da Palavra, a partir dos folhetins publicados no periódico *Semana Ilustrada*, entre os meses de novembro de 1874 e junho de 1875. O material encontra-se disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.